

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM TEOLOGIA

DIEGO JOBIM GARCIA

**DE ÉFESO AO PAPA FRANCISCO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A  
1ª CARTA A TIMÓTEO E A EVANGELII GAUDIUM**

Porto Alegre  
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

DIEGO JOBIM GARCIA

**DE ÉFESO AO PAPA FRANCISCO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A  
1ª CARTA A TIMÓTEO E A EVANGELII GAUDIUM**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática  
Linha de pesquisa: Teologia e Pensamento contemporâneo.

**Orientador: Prof. Dr. Frei Isidoro Mazzarolo**

Porto Alegre

2020

DIEGO JOBIM GARCIA

**DE ÉFESO AO PAPA FRANCISCO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A  
1ª CARTA A TIMÓTEO E A EVANGELII GAUDIUM**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática  
Linha de pesquisa: Teologia e Pensamento contemporâneo.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Frei Isidoro Mazzarolo – PUCRS (orientador)

---

Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes – PUCRS

---

Prof. Dr. Bruno Godofredo Glaab - ESTEF

---

## AGRADECIMENTOS

Conhecer a Deus e à sua Igreja. Todo este trabalho iniciou com este propósito e chegando ao fim, este mesmo propósito se reafirma, ainda com mais força e intensidade. Caminhar pela história da Igreja, em seu início, na Igreja de Éfeso, junto a Paulo, Timóteo e outros tantos que nos mostraram como proceder para testemunhar a Cristo, voltar ao tempo presente, na atual Igreja do Papa Francisco, com suas fragilidades, mas também suas singularidades, nos mostra a importância de sempre ir e voltar na caminhada da Igreja.

Gratidão, também, aos meus familiares pela compreensão e apoio. A família do Seminário Menor São José, em Gravataí, de forma especial a turma do Ensino Médio, onde servi, paralelamente a este trabalho, pelas vezes que, mesmo sem saber, me reanimaram a continuar escrevendo, para que pudessem ter, uma Igreja mais consciente, em seu futuro.

Agradecimento ao meu orientador neste trabalho, Prof. Doutor Frei Isidoro Mazzarolo, que, com o coração de pastor, soube medir e indicar os melhores caminhos, para que não somente a pesquisa, mas também este estudante pudesse ser talhado nestes anos.

Sou grato, também, ao Arcebispo Diocesano, Dom Jaime Spengler, por sua permissão na realização da presente pesquisa.

Por fim, minha gratidão às instituições PUCRS e CAPES, por disponibilizarem os recursos, metodológico e financeiro, para que pudesse tornar concreto este trabalho, que muito tempo exigiu mas revelou-se, um instrumento de reflexão e aprendizado para muitos, mas sobretudo para mim, que pude rever e aprimorar a caminhada como Sacerdote na Igreja.

A glória de Deus é o homem vivente! (Santo Ireneu de Lyon)

*Fiel é esta Palavra e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. (1Tm 1,15)*

*Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. (EG 273)*

## RESUMO

O presente trabalho se propõe a traçar um paralelo entre a 1ª Carta Pastoral enviada a Timóteo e a Carta Encíclica escrita pelo Papa Francisco, dando ênfase ao clero como destinatário de ambas. A pesquisa as apresentará, em seu próprio ambiente histórico, destacando principais elementos, destinatários e características que evidenciem a ação evangelizadora da Igreja em sua essência e também em suas particularidades históricas. Por fim, ao destacar semelhanças e diferenças entre os dois escritos pastorais, apresentaremos alguns aspectos pertinentes ao clero, suas forças e fraquezas presentes em Timóteo, mas sobretudo na atual Igreja, e algumas pistas, para que o presente sacerdócio encontre seu caminho na missão da Igreja de Cristo.

**Palavras-chave:** Timóteo. Papa Francisco. Sacerdócio. Pastoral. Evangelização.

## ABSTRACT

The present work proposes to draw a parallel between the 1<sup>a</sup> Pastoral Letter sent to Timothy and the Encyclical Letter written by Pope Francis, emphasizing the clergy as the recipient of both. The research will present them, in their own historical environment, highlighting the main elements, recipients and characteristics that show the evangelizing action of the Church in its essence and also in its historical particularities. Finally, by highlighting similarities and differences between the two pastoral writings, we will present some aspects pertinent to the clergy, their strengths and weaknesses present in Timothy, but above all in the present Church, and some clues, so that the present priesthood finds its way in the mission of the Christ's Church.

**Keywords:** Timothy. Pope Francis. Priesthood. Pastoral. Evangelization.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1: A CARTA A TIMÓTEO</b> .....	12
1.1 AUTENTICIDADE .....	13
1.2 APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO .....	20
1.2.1 O jovem Timóteo .....	20
1.2.2 A cidade de Éfeso.....	23
1.2.3 A carta a Timóteo.....	26
1.2.3.1 As falsas doutrinas .....	27
1.2.3.2 A organização da comunidade .....	29
1.3 O CONTEÚDO DA CARTA.....	31
1.3.1 O perigo dos falsos doutores .....	32
1.3.2 A Organização Hierárquica.....	36
1.3.2.1 Os Episcopos .....	37
1.3.2.2 Os Diáconos .....	41
1.3.2.3 Os Presbíteros.....	44
1.3.3 Os demais grupos .....	45
<b>CAPÍTULO 2 - A “CARTA” DE FRANCISCO: EVANGELII GAUDIUM</b> .....	48
2. 1 O PAPADO E A TEOLOGIA DE FRANCISCO.....	50
2.1.1 O Momento da Igreja antes e depois da eleição.....	51
2.1.2 O Destinatário da Evangelii Gaudium e sua missão .....	55
2.2 A ALEGRIA DO EVANGELHO .....	60
2.2.1 A transformação missionária da Igreja.....	62
2.2.2 Na crise do compromisso comunitário.....	64
2.2.3 O anúncio do Evangelho .....	67
2.2.4 A Dimensão Social da Evangelização.....	70
2.2.5 Evangelizadores com espírito.....	73
<b>CAPÍTULO 3 – AS CARTAS EM PARALELO</b> .....	77
3.1 A IGREJA DE TIMÓTEO E A DO PAPA FRANCISCO .....	78
3.1.1 Exigências para as lideranças nas Igrejas de Timóteo.....	80
3.1.2 Exigências para as lideranças na Igreja do Papa Francisco.....	86
3.2 PROPOSTAS HERMENÊUTICAS ATUAIS PARA O CLERO .....	94
3.2.1 Desafios na formação presbiteral .....	97
3.2.2 Desafios para os desapegos pessoais.....	99
3.2.3 Desafios para uma decisão profética.....	102



3.2.4 A alegria do sacerdote na Nova Evangelização .....	104
<b>CONCLUSÃO</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	110

## INTRODUÇÃO

Durante centenas de anos a Igreja Católica, buscando guardar o tesouro da fé, tem sido a responsável pela transmissão da Boa-Nova de Jesus Cristo e promover o encontro pessoal e intransferível de cada batizado com o Senhor, que “acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos” (At 2, 47).

Neste sentido, diversos movimentos, inspirados pelo Espírito Santo, foram iniciados no decorrer dos anos, com a intenção de salvaguardar a doutrina da fé e também transmitir este conteúdo a todos que se sentirem atraídos pelo Cristo. O processo de evangelização, sob a tutela do Espírito Criador, trouxe à sua Igreja um grande dinamismo, onde leigos e clérigos, formando o Povo de Deus, realizam a missão deixada por Jesus Cristo em seus dias na Terra.

Entretanto, dentro da própria Igreja existem alguns elementos que fazem parte de sua essência, perpassando os séculos de sua existência. Ao passo que outros elementos fazem parte unicamente de sua expressão pastoral, influenciada pelo momento histórico, pela sociedade que vive este momento e pela capacidade de compreensão e reflexão de cada povo:

Nas Escrituras, a Igreja primitiva aparece, simultaneamente, como universal e local. É uma realidade transcendente, com uma configuração terrena. É a obra misteriosa de Deus, precedida pelo povo de Israel e edificada sobre o novo Israel, o novo Povo de Deus, guiado pelo Espírito do Senhor, morto e ressuscitado. Por isso, nesse modelo, Espírito e Igreja vão, indissolivelmente, unidos, no tempo e no espaço. O tempo da Igreja é o tempo do Espírito Santo. Não é uma instituição fechada, debruçada sobre si mesma, mas pública e aberta a todos os povos e raças.<sup>1</sup>

No presente trabalho, vamos nos debruçar sobre dois momentos históricos da Igreja muito distantes, presentes em escritos da Revelação e do Magistério: A Primeira carta a Timóteo e a Exortação Apostólica A Alegria do Evangelho, escrita pelo Papa Francisco. Ambas possuem extrema relevância para nossa Igreja, não só no período histórico em que forma escritas, mas nos anos seguintes.

No primeiro capítulo trataremos de Timóteo e a 1ª carta que recebeu, durante sua passagem por Éfeso, nos anos de 65 e os seguintes, de acordo com alguns historiadores. Carta presente no Novo Testamento, faz parte das chamadas *cartas pastorais*, juntamente com a segunda carta enviada a Timóteo e a carta enviada a Tito. Iniciaremos estudando a autenticidade atribuída a carta, isto é, o quão verossímil são as informações que ela apresenta: datas, personagens e eventos, de acordo com algumas categorias pré-estabelecidas. A seguir apresentaremos a carta em si, ressaltando os dois principais aspectos: **a resolução da questão**

---

<sup>1</sup> BRIGHENTI, A. *A Pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*, p. 20.

**dos falsos mestres e a organização da hierarquia.** Durante o capítulo, apresentamos os diversos grupos existentes na comunidade: sacerdotes, viúvas, escravos, entre outros, e a forma com que tais grupos são aconselhados a proceder na vivência comunitária e de fé. Daremos ênfase ao clero, como grupo receptor dos conselhos de Paulo, através de Timóteo, para que possamos compreender de que forma esta carta trouxe os fundamentos para o atual clero, da Igreja de Francisco.

O segundo capítulo apresenta a exortação apostólica escrita pelo atual pontífice, Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, datada de 24 de novembro de 2013. Esta é a primeira carta escrita pelo Vigário de Cristo, no início de seu pontificado, e traz a toda comunidade um programa não somente do pensamento do então cardeal Jorge Bergoglio, mas também das diretrizes que utilizará para conduzir a Igreja nos anos seguintes. Para este fim, iremos iniciar apresentando, em retrospecto, a caminhada anterior ao papado de Francisco e os momentos que marcaram sua eleição, bem como o início de sua missão no papado. Após, iremos apresentar o documento, capítulo a capítulo, dando destaque a questão dos destinatários do documento, sobretudo o clero. Isso será fundamental para o fechamento no capítulo a seguir.

No terceiro e último capítulo, iremos assinalar alguns pontos de comparação entre os dois documentos estudados nos capítulos anteriores, conforme a intenção deste trabalho. A comparação se dará no âmbito do grupo dos clérigos, com ênfase nos sacerdotes. Queremos traçar um paralelo, entre a comunidade de Éfeso e a atual Igreja do Papa Francisco, buscando pontos de confluência, onde poderemos visualizar a essência da Igreja, citada no início dessa introdução e presente em ambos momentos temporais da história. **Os pontos de comparação se darão em relação ao processo de evangelização por parte do clero: conhecimento, disposição humana e espiritual, profetismo, missionariedade. Qual o clero que Timóteo formou e o Papa Francisco busca reanimar? Qual local o clero de Francisco deve ocupar e como Timóteo o auxilia?** Por fim, apontaremos algumas propostas hermenêuticas ao clero, desafios enfrentados em todos os tempos, mas sobretudo na atualidade da Igreja.

## CAPÍTULO 1: A CARTA A TIMÓTEO

Paulo, apóstolo do Senhor, não passa despercebido a nenhum estudioso. Qualquer pessoa que inicie seus estudos nos Sagrados Mistérios, em algum momento, encontra-se nos caminhos que São Paulo trilhou em suas diversas viagens. Seu processo de evangelização marcou não somente sua época, mas hoje bebemos de sua espiritualidade e práticas pastorais no próprio *modus operandi* da toda a Igreja.

Os muitos pastoralistas da Igreja assumem diferentes posicionamentos perante a ação de Paulo, da mesma forma que as comunidades por onde ele passou. Por um lado, alguns se opõem ou mesmo rejeitam suas práticas, conforme observamos nas comunidades da Galácia e Tessalônica, onde a rejeição paulina aos tradicionais costumes judaicos foi fortemente combatida pelos doutores da lei, e hoje ainda encontra certa resistência. Por outro lado, Paulo constituiu diversos cooperadores fervorosos e indispensáveis à missão, como Timóteo e Epafrodito, na carta aos filipenses que, como ele, entregaram suas energias à execução da tarefa que lhes foi confiada (1Fl 2, 25). Esta mesma energia é encontrada em muitos atuais seguidores que vêm na ação de Paulo um autêntico ardor profético necessário para construção do Reino de Deus.

Paulo, homem de Tarso, foi reconhecidamente estimado tanto pelo seu ardor nas diferentes missões, enquanto fundador de diversas novas comunidades por toda a região da Ásia menor, estabelecendo comunidades que se tornaram grandes centros de difusão cultural, religiosa e também comercial, quanto pela sua herança doutrinal. Encontramos autoridade nas diversas cartas escritas e endereçadas às diferentes regiões, marcadas pela permanente observância em relação aos preceitos e costumes necessários para o seguimento de Jesus Cristo:

Um fato que impressiona imediatamente o leitor desses escritos da tradição paulina é a indiscutível autoridade e estima de que goza o apóstolo. Ele é um patrimônio comum; a ele se referem as diversas cartas que começam com a fórmula estereotipada: “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus...” A figura de Paulo é idealizada segundo dois esquemas ou modelos que retornam com frequência: ele é o “ministro” (diákonos) do evangelho (Cl 1, 23.25; Ef 3, 7) e o “prisioneiro de Cristo ou do Senhor”<sup>2</sup>.

Essa tradição paulina não somente trouxe uma revolução na práxis e conversão, mas causou também uma verdadeira ruptura na tradição judaica local. Após sua própria adesão ao projeto messiânico, na visão do Ressuscitado no caminho para Damasco (At 9,3-9), Paulo

---

<sup>2</sup> FABRIS, R. As Cartas de Paulo (III), p. 13.

dedicou todo seu conhecimento e forças na propagação da Boa-Nova. Trata-se de compreender o papel de Cristo e de sua Igreja fundante, bem como de uma profunda mudança de vida, por parte do discípulo das nações.

Para compreendermos as ações de Paulo diante daquela sociedade, suas motivações, e também as implicações do processo vivido pelo povo de Deus inserido naquela cultura, é necessário entendermos a forma como o mundo era visto, tanto pelo povo grego quanto pelo povo judaico, e também sua compreensão do homem:

Para os gregos, a pessoa humana estava dividida em duas partes: matéria (corpo) e espírito (alma). Tudo o que estava ligado ao espírito (inteligência, saber, conhecimento) era bom. A matéria (trabalho, esforço físico, corpo) não valia nada. Para os judeus a pessoa humana não estava dividida. Era um todo. Não tinha uma parte boa e outra ruim. Tudo era bom. A pessoa podia ser boa ou ruim, dependendo do seu comportamento. Agindo de acordo com o Espírito de Deus, essa pessoa era boa, isto é, espiritual. Agindo de acordo com o espírito do mundo mau, essa pessoa era ruim, isto é, carnal.<sup>3</sup>

Vamos, a seguir, estudar minuciosamente a 1ª carta que São Paulo escreveu a Timóteo. Considerada uma carta pastoral, encontra-se no cânone dos escritos de Paulo no Novo Testamento, assemelhando-se à carta que escreveu a Tito e também à segunda carta escrita a Timóteo. Discutiremos sua autenticidade, o contexto em que foi escrita, a cidade e o destinatário para os quais Paulo endereçou e seu próprio conteúdo, dando ênfase à mensagem pastoral contida nela, bem como sua relevância para a comunidade local da época.

### 1.1 AUTENTICIDADE

A primeira carta de São Paulo a Timóteo pertence à coleção dos *livros pastorais*, ou *cartas pastorais*, como é mais conhecida. Junto a ela estão a *Segunda Carta a Timóteo* e a *Carta a Tito*. Trata-se de um conjunto de orientações práticas endereçadas às lideranças das comunidades fundadas por Paulo durante suas viagens, ou a grupos específicos, como os sacerdotes ou colaboradores, ou ainda a alguma pessoa específica, como Tito ou Timóteo, companheiros seus de viagens e homens evangelizados pelo próprio Paulo em sua caminhada. Assim, a autenticidade das três está relacionada e iremos manifestar isso diversas vezes neste tópico, enquanto verificamos esta veracidade.

Entretanto, diversos historiadores e teólogos colocam em dúvida a autenticidade desta carta (e também de outras) por parte de Paulo de Tarso. Os próprios escritos mais antigos dos quais temos conhecimento, como os papiros do ano 200, aproximadamente, não trazem

---

<sup>3</sup> DIOCESE DE SANTARÉM. *Estudo das Cartas de São Paulo*, p. 16.

referências das cartas pastorais. Entretanto, diversos tradicionais escritores eclesiásticos, como *Policarpo de Esmirna* (aproximadamente 130 d. C), apesar de não afirmar essa autoria, utilizavam partes dessa carta em seus diversos escritos. Além desse, outros autores se utilizaram largamente da escrita “dita paulina” como base para seus próprios escritos, como o *Adversus Haeresis de Irineu de Lião* (130-202 d. C): “Alguns, sendo enviados contra a verdade, ‘trazem palavras mentirosas e genealogias vãs, para as quais provêm investigação, muito mais do que edificação de Deus em fé’, como diz o apóstolo”<sup>4</sup>. Vamos verificar estes argumentos pós e contra a autenticidade de tais cartas.

A autenticidade da carta a Timóteo, e das outras cartas, sempre foi alvo de dúvidas e questionamentos no decorrer da história. Isso se deve em grande parte, pela diferença no estilo literário usado, em relação a outras tradicionais cartas de Paulo, como aos coríntios e tessalonicenses, por exemplo. Ainda se questiona a utilização de vocábulos e datas, que não condizem com o momento histórico vivenciado por Paulo:

Um dos primeiros questionadores da autoria paulina e da discussão sobre a inclusão do cânon, segundo Tertuliano, foi Marcion. Conforme o testemunho de Tertuliano, Marcion, bispo de Sinope, próximo ao Ponto, na Ásia Menor (aprox. 85-160), rejeitou a canonicidade de 1Tm, 2 Tm e Tt por considerar que sua temática não configurava o estilo do Apóstolo, ainda que algumas ideias pudessem ser semelhantes.<sup>5</sup>

Encontramos muitos fatores que apoiam a autenticidade das cartas por Paulo. Como evidências ditas *internas*, podemos citar o suposto pseudônimo de São Paulo. Este “relator” teria de ser alguém com tal conhecimento histórico e literário muito próximo do autor de Tarso. O conhecimento dos próprios títulos utilizados, como *apóstolo de Cristo Jesus* (1Tm 1,1a) e o conhecimento da missão atribuída aos receptores das cartas – Timóteo que deve fazer calar os falsos mestres e levar ao conhecimento da verdadeira doutrina (1Tm 1,3), e Tito que deveria constituir presbíteros nas cidades vizinhas (1Tm 1,5) – torna pouco viável a possibilidade de existir outro escritor sagrado a narrar as viagens paulinas que não o próprio Paulo. Ainda podemos verificar a existência de elementos pessoais das relações paulinas com seus familiares, como as lágrimas de sua avó *Lóide* (2Tm 1,4a) e a intenção de visitar Timóteo em breve (1Tm 3,14). Alguns teólogos, como John Stott e Handley Moule, não encontram sentido em escalar um escritor “imaginário” e lhe atribuir tamanha quantidade de

<sup>4</sup> DONADON, Daniel Bueno, *Adversus Haereses, de Irineu de Lyon : tradução e Comentários*, 1983. 109 f. Dissertação (Mestrado na área de linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2011. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270759/1/Donadon\\_DanielBueno\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/270759/1/Donadon_DanielBueno_M.pdf). Acesso em: 05 de jun. de 2020.

<sup>5</sup> MAZZAROLO, I. *1 & 2 Timóteo e Tito*, p. 14-15.

detalhes e sentimentos na escrita de tais cartas pastorais, e atribuem ao próprio autor a riqueza de detalhes que encontramos sobre Timóteo, Tito, Éfeso, Creta e o próprio Paulo.

Para sustentar essa identidade paulina nos escritos pastorais, é necessário “reorganizar” as viagens missionárias realizadas por Paulo e o tempo histórico-cronológico em que elas aconteceram. Se considerarmos o apóstolo dos gentios como escritor autêntico destas cartas, devemos supor que ele viajou a Espanha em um momento posterior a sua prisão em Roma, sendo preso uma segunda e última vez, quando escreveu a segunda carta a Timóteo (2Tm 4). Esta é a única forma de concordar, cronologicamente, com os relatos feitos em Atos dos Apóstolos por Lucas. Porém, esta possibilidade será confirmada através de outras fontes não bíblicas. Estas fontes são as ditas evidências externas e corroboram com a autoria paulina das cartas pastorais.

De forma geral, toda a Igreja, desde o início, apoiava a autoria das cartas pastorais por parte do próprio Paulo. A fonte mais tradicionalmente confiável é o *cânon de Muratori*, datando de aproximadamente 143 a 155, visto que cita o nome de *Pio*, bispo de Roma e irmão de Hermas, autor de *O Pastor*, na época. Este manuscrito foi uma cópia do original, datado do século VIII, e descoberto, no século XVIII, pelo sacerdote italiano Ludovico Antonio Muratori. Nestes fragmentos, encontramos listas de livros lidos publicamente na Igreja, outros que são particulares, e outros ainda que devem ser desprezados. Dentre os chamados oficiais, mais precisamente nas linhas 37 e 38 encontramos:

[37] Mas ele [escreveu] uma [carta] a Filemon e uma a Tito, mas duas a Timóteo, por uma questão de carinho e amor. [38] Em honra da Igreja Geral, no entanto, eles foram santificados por uma ordenação da disciplina eclesiástica.<sup>6</sup>

Além deste, alguns estudiosos encontram referências das pastorais também em *Cartas de Clemente de Roma* aos Coríntios, em 95; *Inácio de Antioquia* aos Efésios, em 110 e *Policarpo* aos Filipenses, em 117. Foi praticamente unânime a autoria paulina das cartas pastorais, a exceção de Marcião, conforme citado no início deste ponto. *Irineu de Lião* mencionou Paulo e as pastorais em sua *Adversus Haeresis*, para combatê-lo. Outro a testemunhar a favor de Paulo é o pai da História Eclesiástica, *Eusébio de Cesaréia*. Na obra que carrega o mesmo nome, Eusébio atesta a veracidade da escrita pelo Apóstolo das nações:

1[...] Lucas, que nos transmitiu por escrito os *Atos dos Apóstolos*, termina aqui a obra, observando que Paulo passou em liberdade dois anos inteiros em Roma e

---

<sup>6</sup> Na versão original, do latim: [37] ueru ad filemonem una et at titu una et ad tymotheu duas pro affecto et dilectione [38] in honore tamen ecclesiae catholice in ordinatione ecclesiastice descepline scificate sunt.

anunciou sem entraves a Palavra de Deus (At 28, 30-31). 2 Depois tendo defendido sua causa, o Apóstolo empreendeu nova viagem para o ministério da pregação; após o que, retornou à mesma cidade e consumou a vida pelo martírio. neste cativo escreveu a Segunda Carta a Timóteo, em que assinala simultaneamente a anterior defesa e seu fim iminente.<sup>7</sup>

No tocante a Paulo evidentemente dele provêm as catorze cartas. Não seria justo deixar de reconhecer que alguns, no entanto, rejeitam a carta aos Hebreus, assegurando não ser recebida pela Igreja de Roma, por não ser da autoria de Paulo. Sobre o assunto, explanarei oportunamente o que disseram meus predecessores. De outro lado, os *Atos*, que trazem seu nome, não os aceito entre os livros autênticos.<sup>8</sup>

Relata-se ter sido Timóteo o primeiro a exercer o episcopado na Igreja de Éfeso (1Tm 1,3), enquanto o primeiro nas Igrejas de Creta foi Tito (Tt 1,5).<sup>9</sup>

Alguns autores e teses negam a autenticidade das pastorais. Vamos expor, a seguir, os argumentos que rejeitam esta autenticidade. A maioria dos estudiosos costumam apresentá-los em quatro categorias, as quais iremos utilizar para melhor compreensão do leitor.

A primeira é a **histórica**:

É difícil conciliar as datas e os fatos que Paulo narra em suas cartas pastorais, com os citados nos Atos dos Apóstolos e outras das cartas às comunidades por ele visitadas. Na Primeira Carta a Timóteo, Paulo recomenda que seu filho na fé (expressão usada na carta) Timóteo, fique em Éfeso, para que possa resolver alguns problemas de ordem doutrinária e pastoral. Isso acontece, provavelmente durante sua terceira viagem missionária, em direção a Macedônia. Porém é difícil enquadrar algumas ações, como a capa deixada em Trôade (2Tm 4,13), por exemplo, visto que neste período ele já havia passado por Éfeso e sido preso em Roma. Não podemos tampouco tomar as cartas pastorais para justificar os Atos dos Apóstolos e vice-versa, caindo em um ciclo. Assim, os defensores dessa teoria, precisam buscar outras fontes e autores para se embasar. Estes defendem uma viagem a Espanha, posterior a prisão em Roma, e uma segunda prisão, datada de aproximadamente 67 d.C, onde Paulo alcançaria seu martírio. Esta questão histórica divide estudiosos, e todos que são a favor, se embasam em *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesaréia e os que rejeitam esta autenticidade, afirmam que a informação é tardia. Ele desenvolve a cronologia e o passos dos primeiros cristãos, justificando a escrita das pastorais e os passos últimos de Paulo:

[...] Eusébio escreveu que Paulo foi solto depois de um período de dois anos de prisão domiciliar, ponto em que Lucas o deixa em sua narrativa, e que ele então retomou suas viagens missionárias, penetrando em regiões tão distantes quanto a Espanha, como pretendia. Isso aconteceu antes de ter sido preso novamente, levado

<sup>7</sup> EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, II, cap. 22, 1 -2.

<sup>8</sup> EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, III, cap. 3, 5.

<sup>9</sup> EUSÉBIO, *História Eclesiástica*, III, cap. 4, 5.



a uma prisão, processado e, finalmente, condenado e decapitado. Embora essa reconstrução seja um tanto especulativa, dependente quase que inteiramente de Eusébio, ela provê um esquema em que as referências históricas feitas nas pastorais pode com facilidade se encaixar, sem a necessidade de acusar o autor de um grave erro. de ficção ou de romancear.<sup>10</sup>

#### A segunda é **linguística**:

Nas pastorais, cerca de 306 palavras são únicas, isto é, não aparecem em nenhuma das outras dez cartas atribuídas a Paulo de Tarso, enquanto outras 542 palavras, um pequeno número, lhes são comuns. Muitas palavras do arcabouço comum de Paulo, larga e comumente usadas em suas cartas, não aparecem nas pastorais, para ser mais preciso, 580 palavras eram conhecidas por aparecerem no discurso paulino e não foram utilizadas nas cartas endereçadas a Timóteo e Tito. Além disso, uma importante característica, neste sentido, deve ser destacada: 94 termos são mais utilizados entre o grupo apostólico e apologista do início do segundo século, do que, propriamente com os outros escritos neotestamentários. Por outro lado, todas essas diferenciações gramaticais e literárias não são suficientes para sustentar uma não-autoria paulina, pois, para diversos estudiosos, existem diversos motivos para uma mudança de estilo, como diferença no assunto ou tema abordado, idade avançada, mudança de ambiente, diferentes destinatários e, principalmente, por se tratar de uma personalidade, com tamanha versatilidade e erudição quanto Paulo.

#### A terceira categoria é o **conteúdo**:

Para diversos estudiosos, as cartas pastorais se afastam dos outros escritos paulinos, não só na maneira de escrever e escolha das palavras, mas também nas ideias e concepções teológicas subjacentes. Inicialmente em relação a Instituição *Eklesia*, o autor das pastorais parece querer torná-la salvífica como ou até no lugar de Cristo, o que as diferencia das cartas originalmente escritas por Paulo. Isso pode ser dito também em relação à fé, onde nas pastorais, aparece como que manifesta a um credo oficial, ao passo que nas cartas tradicionalmente paulinas, esta fé se mostra direcionada ao próprio Cristo, através do primeiro anúncio realizado. Além disso, o maior ponto lembrado nesta categoria, é a ausência do ardor teológico de Paulo, presente nas epístolas, onde ele combate seus adversários, criando paulatinamente seus argumentos, com o uso de sua extraordinária e aguçada inteligência, mas também recorrendo sempre ao papel do Espírito Santo, como *doador de todos os dons* e fonte de sua prática evangelizadora. Muitos alegam que, nas cartas pastorais, “o Evangelho foi domesticado”, e Paulo se restringe a repetir hinos e fórmulas utilizados anteriormente em

<sup>10</sup> STOTT, J.R.W. A mensagem de I Timóteo e Tito: a vida da Igreja local :a doutrina e o dever. p. 19.

outros momentos de suas viagens missionárias, dificilmente podendo ser explicados por motivos psicológicos:

Porém, seria possível encaixar toda essa mudança no arco de oito ou nove anos, no máximo, ou seja, entre 57/58 (de Rm), e 65/66? Quando Paulo escreveu Rm não estava no começo da sua experiência, mas provavelmente no auge da maturidade. As explicações que recorrem à psicologia ou à sua evolução são subjetivas demais para sufragar hipóteses históricas confiáveis. Essa dificuldade de caráter teológico tem peso considerável numa avaliação serena da paternidade das três cartas pastorais.<sup>11</sup>

O tratamento dado à mulher é outro tema que difere muito do pensamento do Apóstolo: “Durante a instrução as mulheres devem conservar o silêncio com toda a submissão” (1Tm 2,11). Essa teologia da submissão da mulher não reflete o pensamento paulino que considera que em Cristo todas as barreiras segregatícias caíram (Gl 3,28; Rm 10,12; Cl 3,11). A mulher não pode dominar o marido porque essa foi a causa da queda de Adão.<sup>12</sup>

Por fim, a quarta categoria é a **ética**:

Esta não aparece em muitos estudiosos, por consistir em um desdobramento das anteriores mencionadas. Ela nos recorda das exigências que o cristianismo paulino exigia de seus seguidores, não só moralmente, mas também em suas escolhas práticas vividas diariamente. Aqui, a acusação é de que as cartas pastorais trariam uma vivência mais ligada aos costumes litúrgicos e hierárquicos, que a esta transformação cotidiana e vivencial, citados nas demais cartas.

As pastorais revelam problemas de autoridade, de identidade dos missionários, de exigências para os candidatos aos ministérios e outras questões sociais e familiares ausentes nas igrejas nascentes, ou seja, situações que surgiram no decorrer dos tempos.

Posições e explicitações atuais:

A autoria dos escritos pastorais (1Tm, 2Tm e Tt), é conhecida como *pseudepigrafia*: um escrito de data posterior é colocado sob a autoria de um escritor respeitável do passado, utilizando suas ideias escritas e exemplos, de forma a parecer o mais próximo possível do original. Para melhor compreendermos essa terceira via, dois elementos são necessários de ser compreendidos: a pseudonímia e alonímia:

<sup>11</sup> FABRIS, R. *As Cartas de Paulo (III)*, p. 218.

<sup>12</sup> MAZZAROLO, I. *1 & 2 Timóteo e Tito*, p. 20.

A *pseudonímia* é o uso de um nome fictício (falso). Um discípulo ou amigo de Paulo teria escrito as cartas e, para dar autoridade, as teria assinado como se fosse o próprio apóstolo.

A *alonímia* é o uso do nome de outro. Alguns exegetas acreditam que as cartas pastorais contêm diversos fragmentos autênticos de Paulo, mas forma elaborados por um de seus colaboradores; este compôs a redação e estruturou os fragmentos a seu modo, mas fez isso “em nome” de Paulo, na solução proposta por Marshall<sup>13</sup>

A utilização destes recursos, pseudonímia e alonímia, não deve ser avaliada sob os critérios de ordem moral, visto que eram largamente utilizados em toda a tradição judaica. Encontramos diversos elementos da pseudepigrafia na escrita bíblica do Antigo testamento, nos livros de Eclesiastes e Daniel entre outros, e também em diversos apócrifos, como o livro de São José. A técnica também não é estranha ao Novo Testamento, de forma especial nas diversas cartas, como a Segunda Carta de São Pedro e a carta de São Judas.

Teologicamente, a escolha de um autor pseudepigráfico também não desabona o valor da obra, visto que havia uma tendência natural em se manter viva uma tradição religiosa, através da passagem dos usos e costumes para as gerações seguintes, e espiritual, de modo que a mensagem messiânica de salvação trazida por Jesus fosse transmitida de forma integral e em perda, ao menos, em seu conteúdo. Se observarmos, por exemplo o Evangelho de João, encontraremos alguns excertos, atualizados por profetas e pregadores cristãos e manifestos pelo próprio Jesus, como nos lembra Konings:

Respeitemos, portanto, o anonimato do autor. Se ele não quis se dar a conhecer, não fará muita falta sabe-lo. Para nossa finalidade, chamaremos de “autor” ou “evangelista” o *produtor literário principal*, que compôs, substancialmente, o Evangelho na forma em que chegou até nós. Por razões de praticidade chamamo-lo de “João”, e sua comunidade, de comunidade joanina, conscientes de que ela pode ter percorrido um longo e complicado percurso. Não façamos, porém, do autor um mero “expoente de coletividade”, sem personalidade própria. Por mais que o evangelho seja fruto de um processo em que intervíram um pregador da geração apostólica e uma comunidade transmissora, o Evangelho de João é inegavelmente obra de um escritor qualificado, capaz de manejar a arte retórica e dramática, mas, sobretudo, revelador de uma profundidade teológica que ultrapassa a expressão coletiva.<sup>14</sup>

Desta forma, atribuir a Paulo a autoria das cartas pastorais significa dizer que sua memória, intenção e forma de escrita estão impregnados nelas, de forma que a escrita é de Paulo, mesmo que de uma forma “indireta” ou “espiritual”.<sup>15</sup> Dificilmente Paulo teria escrito “de próprio punho” tais cartas, devido aos motivos citados anteriormente, bem como não é

<sup>13</sup> MAZZAROLO, I. *1 & 2 Timóteo e Tito*, p. 17.

<sup>14</sup> KONINGS, J. *Evangelho segundo João: Anor e fidelidade*, p. 30 e 31.

<sup>15</sup> Não obstante as discussões, para forma de linguagem, utilizaremos ao longo do texto, a fórmula: carta de Paulo a Timóteo.

possível negar sua presença em cada palavra endereçada tanto a Timóteo, quanto a Tito, em suas cartas:

Nesse sentido, pode-se dizer que as três cartas chamadas pastorais são verdadeiramente paulinas, porque na sua origem, como fonte, está a pessoa, a obra missionária e o impulso espiritual de Paulo. Em outros termos, nossos três escritos trazem o selo da autenticidade paulina não no plano histórico-literário, mas no espiritual. Poder-se-ia dizer que as cartas pastorais, em conclusão, são uma interpretação atualizadora da genuína tradição paulina, mantida viva e fecunda na Igreja do nosso anônimo autor.<sup>16</sup>

## 1.2 APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA CARTA A TIMÓTEO

A primeira carta a Timóteo, juntamente com a segunda carta e a carta endereçada a Tito, fazem parte do que chamamos **cartas pastorais**, visto que possuem um conjunto de características diferentes das outras cartas ou epístolas enviadas por Paulo.

As pastorais, como são conhecidas, se assemelham na forma e em seu conteúdo. Apesar de serem endereçadas a pessoas específicas e particulares são, ao mesmo tempo, documentos oficiais, destinados àquelas comunidades onde viviam seus destinatários: Timóteo em Éfeso e Tito em Creta. Tratam, resumidamente, de conselhos pontuais sobre a vivência dos pastores e dos crentes para o bom andamento da comunidade.

Para podermos aprofundar o conhecimento e melhor apresentar esta carta endereçada a Timóteo, iremos primeiramente conhecer um pouco mais sobre o próprio destinatário, sua origem, conversão e caminhada histórica junto a Paulo e sua missão, e também em um segundo momento sobre Éfeso, a importante cidade, onde Timóteo haveria de exercer a missão dada por Deus, através de Paulo de Tarso.

Essas cartas pastorais derivam todas do último estágio da vida de São Paulo. Após a libertação do primeiro cativo romano, no ano de 63, o Apóstolo das Gentes talvez tenha empreendido uma tentativa missionária na Espanha, sobre o que não existem notícias precisas. Dirigiu-se então para a Ásia Menor e para a Grécia. Visitou Éfeso e deixou lá Timóteo, como seu representante e colaborador fiel.<sup>17</sup>

### 1.2.1 O jovem Timóteo

Desde cedo Timóteo ficou conhecido por seu fervor espiritual. O jovem Timóteo era filho de mãe judia e pai pagão. “[Paulo] alcançou em seguida Derbe, depois Listra. Ora, havia lá um discípulo chamado Timóteo, filho de mãe judia, que abraçara a fé, e de pai grego. Dele davam bom testemunho os irmãos de Listra e de Icônio” (At 16, 1-2). Sua mãe era uma

<sup>16</sup> FABRIS, R. As Cartas de Paulo (III), p. 221.

<sup>17</sup> REUSS, JOSEPH. A primeira Epístola a Timóteo, p. 7.

mulher piedosa, conhecida entre os convertidos, ao ponto nos ser relatado nas Escrituras o seu nome: Eunice. “Evoco a lembrança da fé sem hipocrisia que há em ti, a mesma que habitou primeiramente em tua vó Lóide e em tua mãe Eunice e que, estou convencido, reside também em ti” (2Tm 1,5).

Durante sua primeira viagem, ao passar por Listra e Derbe, Paulo encontra Timóteo e sua família, é acolhido por eles, e também os acolhe na fé, fazendo do jovem não somente um discípulo, mas tomando-o como filho amado na fé e na caminhada evangelizadora. Isso irá gerar o companheirismo que vemos em diversas cartas escritas por Paulo, onde ele cita sua confiança nele, ao envia-lo para algumas missões, como em Corinto: “foi em vista disso que vos enviei Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor; ele vos recordará minhas normas de vida em Cristo Jesus, tais como as ensino em toda parte, em todas as Igrejas!” (1Cor 4,17); em Tessalônica: “por isso, não podendo mais suportar, resolvemos ficar sozinhos em Atenas, enviamos Timóteo, nosso irmão e ministro de Deus na pregação do Evangelho de Cristo, com o fim de vos fortificar e exortar na fé, para que ninguém desfaleça nestas tribulações.” (1 Tes 2, 1-3); e também em Filipos, onde Paulo, além de caracterizá-lo um pouco melhor, manifesta sua preocupação com o povo filipense: “Espero, no Senhor Jesus, enviar-vos logo Timóteo, para que ele tenha também a alegria de receber notícias vossas. Não tenho ninguém de igual sentimento que tão sinceramente como ele se preocupe com o que vos diz respeito; pois procuram atender os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo. Quanto a ele, vós sabeis que prova deu: como filho ao lado do pai, ele serviu comigo à causa do Evangelho. Espero, pois, enviá-lo, logo que puder ver como vão as coisas comigo. Tenho fé no Senhor de que eu mesmo possa logo ir aí” (Fl 2, 19-24). Vemos, portanto, que Timóteo foi representante de Paulo e enviado de sua mensagem evangelizadora em, praticamente, todas as principais cidades pelas quais passou, buscando exortar e fortificar a todas as comunidades.

Filho espiritual de Paulo, como ele mesmo o chama, Timóteo era ainda muito jovem quando recebeu esta carta, visto que Paulo lhe recomenda não deixar que ninguém o diminua pelo fato de ser jovem (1 Tm 4,12) e, posteriormente para que fugisse das paixões da mocidade (2 Tm 2,22). Alguns escritores atribuíram a Timóteo um temperamento tímido e necessitado de encorajamento e confiança, visto que em algumas das cartas, como Coríntios, Paulo pede para que eles façam com que Timóteo se sinta bem, e em sua própria carta, para que “não tenha vergonha de Cristo uma vez que Deus não nos deu um espírito de covardia” (2 Tm 1,7).

Desta forma, Timóteo assumiu a missão dada por Paulo, de responsabilizar-se pela Igreja de Éfeso, a medida em que ia compreendendo em que consistia tal missão. Paulo o tinha em grande estima, conforme observamos em diversos fragmentos de suas cartas, e compromete-se a visitá-lo, para auxiliar, aconselhar e encaminhar o cuidado com a evangelização daquela porção do povo de Deus, endereçada a ele:

Paulo esperava em breve visitar Timóteo na cidade de Éfeso e então, como apóstolo, certamente assumiria a responsabilidade pelas igrejas. Mas ele parecia estar antevendo a possibilidade de atrasar a sua ida, e assim enviou a Timóteo essas instruções por escrito, de modo que, antes da sua chegada, Timóteo soubesse como controlar a vida daquelas igrejas. Essa epístola, portanto, embora endereçada a Timóteo pessoalmente, não é uma correspondência particular. Ela é escrita a ele na sua condição oficial e, por toda a carta, Paulo está olhando além de Timóteo, para as igrejas. Uma clara indicação disso é que sua saudação final é expressa no plural: “A graça seja com vocês” (*meth' hymôn – 6:21*).<sup>18</sup>

Por este perfil, portanto, entregue a nós nos Atos dos Apóstolos, nas cartas paulinas e na própria carta endereçada a Timóteo, podemos traçar, ainda que de forma subjetiva, este rapaz chamado Timóteo, como um jovem desconfiado e sabedor de suas fragilidades, um cristão sujeito aos erros humanos. Estes pontos negativos poderiam, facilmente desqualificá-lo para o cuidado da Igreja de Éfeso e imediações, entretanto, essa “lucidez” diante de suas dificuldades o tornam homem de valor, como bem lembra Paulo ao próprio Timóteo: “tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus” (*2Tm 2,1*).

Já separados pelas necessidades impostas nas diversas comunidades fundadas, Paulo decide voltar seu olhar para a Espanha. Clemente de Roma, no mais antigo relato da missão de Paulo em terras espanholas, conta que Paulo se aventurou *até os confins do Ocidente*, o que, do ponto de vista romano, só podia designar as terras hispânicas:

5Por causa da inveja e da discórdia, Paulo mostrou o preço reservado à perseverança. 6Sete vezes carregando cadeias, exilado, apedrejado, tornando-se arauto no Oriente e no Ocidente, alcançou a nobre fama de sua fé. 7Depois de ter ensinado a justiça ao mundo inteiro e alcançado os limites do Ocidente, ele deu testemunho diante das autoridades, deixou o mundo e se foi para o lugar santo, tornando-se o maior modelo de perseverança.<sup>19</sup>

Nesse contexto, Holzner se posiciona a favor da escrita da primeira carta ao jovem Timóteo por São Paulo:

Na primavera do ano 66, voltamos a encontrar São Paulo de visita ao Oriente. Chega a Creta, navega junto a costa asiática, pede a Timóteo que persevere em Éfeso e, por Trôade – onde costumava ficar em casa de Carpo – dirige-se a Macedônia. É aqui

<sup>18</sup> STOTT, J.R.W. A mensagem de I Timóteo e Tito: a vida da Igreja local :a doutrina e o dever. p. 34.

<sup>19</sup> CLEMENTE ROMANO. Padres Apostólicos. p. 21.

que parece ter escrito a primeira Epístola a Timóteo, receoso de encontrar algum obstáculo imprevisto que o impedisse de regressar a Éfeso.<sup>20</sup>

### 1.2.2 A cidade de Éfeso

Éfeso foi durante muito tempo uma das cidades mais importantes desta região da Ásia, chegando a ser capital da província, na época e centro natural da atividade missionária. Paulo visitou a cidade, pela primeira vez, por volta de 52 – 53 d.C, durante sua segunda viagem missionária, quando estava a caminho de Jerusalém: “Chegados a Éfeso, deixou os companheiros ali. Ele próprio dirigiu-se à sinagoga, onde se entretive com os judeus. Estes lhe pediram que prolongasse a sua estada, mas Paulo não concordou. Despedindo-se deles, porém disse: “virei ter convosco novamente, se Deus quiser!” E de Éfeso ganhou o alto-mar” (At 18, 19-21). Voltou durante sua terceira viagem, onde permaneceu em uma longa estada de aproximadamente 3 anos.

Desta cidade Paulo enviou diversos discípulos seus em missões à outras cidades da Ásia, a exemplo do próprio Timóteo. Sendo uma das maiores cidades costeiras do Mediterrâneo, Éfeso era responsável por fazer diversas ligações marítimas e comerciais, tornando-se uma metrópole econômica e também cultural, marcada por diversas correntes filosóficas e religiosas diversas, fator que muito dificultou a missão evangelizadora do apóstolo na cidade.

É o último período da atividade de Paulo antes da prisão e do domicílio forçado. O palco é uma das mais prestigiadas metrópoles da antiguidade, situada a meio caminho entre o Oriente e o Ocidente: Éfeso. Nas inscrições gregas, com todo o direito, esta cidade é chamada “a primeira e a mais importante metrópole da Ásia”. Situada dentro de uma profunda e ampla baía do mar Egeu, no desembarcar da grande planície do Caistros, Éfeso é um importante porto marítimo e encruzilhada de primeira ordem para a ligação do Ocidente com o Oriente. Com o comércio e trocas de todos os gêneros, para lá confluí uma população cosmopolita. Ao redor do núcleo originário grego, misturam-se os emigrados asiáticos, entre os quais se distingue uma numerosa e poderosa colônia judaica.<sup>21</sup>

A cidade data sua construção por volta do século X a.C., porém somente em 133 a.C. Éfeso passa a ser de domínio romano, o que lhe creditou engrandecimento em todos os campos, desde o cultural, com a expansão do conhecimento, passando pelo religioso, com o culto a diversos deuses (exemplificados por Ártemis, deusa muito cultuada no local), até a expansão comercial e financeira, devido ao fácil acesso a outras cidades portuárias.

<sup>20</sup> HOLZNER, J. *Paulo de Tarso*, p. 528.

<sup>21</sup> FABRIS, R. *Os Atos dos Apóstolos*, p. 348.

A comunidade de Éfeso já estava praticamente organizada. Não entraremos aqui na questão da autenticidade do escrito do autor à cidade mas, de forma geral, se considera que Paulo escreveu a carta aos efésios durante uma de suas estadas em cativo, na própria Éfeso, entre 54 e 57, ou na segunda prisão, ocorrida em Cesaréia (At 23) entre os anos de 59 e 60. Existe ainda a terceira prisão, ocorrida entre 62 e 63 em Roma. Porém esta é praticamente descartada, visto que é o período final de vida do apóstolo, e a escrita da carta não fecha com os escritos pastorais datados da mesma época.

Diferente da carta a Timóteo, endereçada a uma pessoa específica, com um fim bem determinado, a epístola aos efésios não foi enviada a uma única pessoa, e muito provavelmente, também não a uma única comunidade. Os estudiosos acreditam que as instruções e exortações encontradas nela se direcionavam ao conjunto das cidades existentes naquele espaço geográfico, ou ainda as diferentes comunidades existentes na cidade. Aqui vemos um argumento que melhor apresenta esta posição:

O estilo de documento como a *Carta aos Efésios* não poderia ser endereçado a uma só comunidade, por duas razões: a) o teor da carta interessava a muita gente e não apenas a uma igreja local, mesmo que Éfeso, nesse caso, fosse uma grande cidade; b) a proximidade das cidades antigas no Vale de Lycos congregava populações e realidades muito semelhantes, como é o caso de Colossas, Hierápolis, Laodicéia, Éfeso, Esmirna.<sup>22</sup>

Éfeso é a primeira cidade da região e partilha características muito semelhantes a outras. Isto aparece, para nós, no *Apocalipse*, onde o escritor envia mensagens as sete igrejas do local: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Apesar desta semelhança, Éfeso era, sem dúvida a maior das sete, e a pregação de Paulo foi maior naquele local, bem como a expansão ao seu redor:

Por outro lado, porém, encontrava-se ali uma das mais fortes Igrejas da Antiguidade. A Igreja cristã em Éfeso talvez tenha chegado a possuir cinquenta mil membros (para cerca de um milhão de habitantes). O apóstolo Paulo, depois de ter visitado essa cidade – mergulhada em superstições, magias, sacrifícios – anunciou poderosamente a Palavra de Deus. Depois de ter apresentado o que significa seguir a Cristo, provocou tão grande impacto na população, que **“um bom número daqueles que se tinham entregue à magia amontoaram os seus livros e os queimaram publicamente”** (At 19,19).<sup>23</sup>

Um ponto muito importante referente à esfera religiosa da cidade de Éfeso é o templo dedicado a Diana, para os romanos, ou Ártemis, para os gregos. Esta era conhecida como a “deusa da fertilidade”, e a prostituição era uma das formas lícitas de culto a Diana. O culto era

<sup>22</sup> MAZZAROLO, I. Carta aos Efésios: Cristo é a pedra angular, p. 14.

<sup>23</sup> GAMBARINI, A. L. Ao Vencedor! Mensagem às Sete Igrejas do Apocalipse, p. 18.



tão difundido e praticado por toda a cidade que ficou marcado até os dias atuais, nas suas ruínas:

Nas ruínas de Éfeso encontrou-se gravado num bloco de mármore o seguinte decreto: << Como é notório, não só entre os efésios mas em toda a Grécia, há templos e lugares santos, imagens e altares consagrados a Artemisa...; como também em testemunho do respeito que se lhe rende, um mês chamado Artemísio recebeu dela o nome entre nós. Considerando conveniente que todo o mês que usa o divino nome seja guardado como santo e concelebrado dignamente, os habitantes de Éfeso decidiram regulamentar o seu culto pelo seguinte decreto: Todo o mês Artemísio, em todos os seus dias será santo. Durante todo o mês, celebrar-se-ão festas e solenidades sagradas. Com isso, a nossa cidades receberá novo esplendor e será sempre próspera>> (Corp. Inscr. Craec. II, 2954). A estas festas foram dados os nomes de *Efésia*, *Artemísia* ou *Ecuménica*.<sup>24</sup>

A chegada de mais pessoas, por ocasião das festas pagãs, era oportunidade para as pregações de Paulo e seus discípulos. Entretanto, a maior dificuldade enfrentada por eles não sobreveio diretamente do culto, dos seguidores e adoradores de tais orgias e nem mesmo dos sacerdotes de Artemísia, com seus eunucos, feiticeiros e adivinhos, mas da classe operária que vivia do lucro de tal culto. Todos os peregrinos que iam e vinham de Éfeso, em busca dos benefícios de Ártemis, costumavam adquirir para ele ou para os seus, lembranças dos ourives que eram os artífices da cidade. Neste contexto, encontramos a história de Demétrio nos *Atos dos Apóstolos* 19, 23-40, onde Paulo, buscando pregar e dissuadir a cidade de Éfeso em relação ao culto da deusa, é expulso pela população que, animada pelo próprio Demétrio, acusa Paulo de impedir os cidadãos de ganhar seu sustento:

Entretanto, no teatro reinava a mais completa desordem. Demétrio já não dominava a situação. Os artífices tinham também arrastado na sua esteira um grande número de judeus. Os chefes da sinagoga, receando ver-se envolvidos no motim contra os cristãos, tinham se dirigido espontaneamente ao teatro. Empurraram para frente um dos seus, de nome Alexandre, furibundo inimigo de Paulo. Ele deveria declarar à assembleia que Paulo não era nenhum dos seus, mas sim um apóstata e um excomungado. Como hesitasse, os seus correligionários arrastaram-no para a tribuna. Agora era obrigado a falar. Fez sinal com a mão. Mas logo se ouviu: <<Um judeu, um judeu!>>. Toda a assembleia repetia o grito e continuava a ulular: <<Grande é a Diana dos Efésios!>>. São Lucas menciona com fina ironia um traço característico da psicologia das multidões: <<A maior parte daquela gente não sabia para que se tinha reunido>>.<sup>25</sup>

Ainda, em relação a cidade de Éfeso, precisamos citar a escola de Tirano, como um espaço de evangelização utilizado largamente por Paulo para o cumprimento de sua missão. Trata-se de um espaço utilizado para o ensino local, locado por Paulo, para ser utilizado em

<sup>24</sup> HOLZNER, J. *Paulo de Tarso*, p. 381.

<sup>25</sup> HOLZNER, J. *Paulo de Tarso*, p. 384.

suas pregações, admoestações e discussões. Este momento acontecia, geralmente, no horário de intervalo da maioria dos cidadãos:

Mas como aconteceu alhures, por exemplo em Corinto, a ruptura com os judeus é o início de uma expansão fecunda entre os pagãos. O novo método de pregação empreendido em Éfeso, numa sala “profana” aberta a todos, é muito eficaz. Se se toma como boa a notícia do texto ocidental sobre o horário do ensinamento de Paulo, deve-se supor que o auditório fosse constituído, prevalentemente, de trabalhadores que durante o período de descanso - das 11 às 16 – podiam seguir as lições do mestre cristão. Normalmente, ao invés, o ensinamento dos mestres gregos ocupava as primeiras horas da manhã.<sup>26</sup>

Este foi um método inovador, visto que saiu das casas particulares, para dar vãsão a um discurso público que poderia atingir a mais pessoas, inclusive aos peregrinos ocasionais que apareciam nas diversas festas de Ártemis, conforme mencionamos anteriormente. Deixou o ar livre das praças e passou a ensinar em uma sala de aula de um provável *Tirano*, recém convertido, neste horário alternativo, para que não concorresse com os filósofos e poetas em seu ensinamento, e também não utilizasse o tempo em que muitos trabalhavam para seu sustento.

Alternando com o trabalho que gerava seu sustento, Paulo administrava seus ensinamentos a todos que frequentavam a escola, geralmente um público muito heterogêneo: estudantes, comerciantes, empregados, artesãos funcionários, homens e mulheres das melhores classes da sociedade, escravos e libertos. Como a cidade era local de grande movimento pelas embarcações e pelo templo, Paulo se via, seguidamente, confrontando-se com filósofos que combatiam seus argumentos e não perdia oportunidade de pregar contra Ártemis e a favor de seu Deus cristão. Este trabalho durou alguns anos, e gerou muitos frutos evangélicos naquelas comunidades:

O trabalho de ensino nessa escola se prolongou por dois anos (*At* 19, 10), e três anos, segunda outra informação (*At* 20,31), de tal forma que todos os habitantes da Ásia puderam ouvir sua pregação (*At* 19,10). Paulo teve bastante tempo para evangelizar Éfeso, antes de ser preso e ter que fugir para a Macedônia (*At* 20, 1-2). Durante esses dois ou três anos, a escola ganhou fama e Paulo pode evangelizar uma grande quantidade de habitantes da Ásia, quer judeus, quer gregos (*At* 19,10).<sup>27</sup>

### 1.2.3 A carta a Timóteo

“Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec” (*Sl* 110,4). O salmista, após reconhecer o sacerdócio único e santo do Messias, o compartilha com os

<sup>26</sup> FABRIS, R. *Os Atos dos Apóstolos*, p. 349.

<sup>27</sup> MAZZAROLO, I. *Carta aos Efésios: Cristo é a pedra angular*, p. 18-19.

homens através de sua Igreja. A carta, endereçada a Timóteo, renova este sacerdócio e lhe traz indicações para que possa bem exercer o legado deixado, por Jesus, a sua Igreja e, portanto, também ao jovem.

Composta por 6 breves capítulos, e juntamente com suas duas irmãs, a Carta a Tito, e a segunda carta ao próprio Timóteo, elas formam um conjunto de diretivas para a organização e conduta das comunidades confiadas a eles, bem como conselhos pontuais sobre a conduta dos dirigentes e de todo o povo crente. Por pertencerem a um período posterior do pensamento e do *corpus* paulino, as cartas demonstram uma melhor estruturação por parte das comunidades dirigidas, quer em relação a estrutura hierárquica, onde se observa a existência de divisões funcionais, e também em relação ao modo de proceder diante de uma série de novas situações enfrentadas por Timóteo:

A igreja da 1Tm se revela já bastante estruturada e não espelha os passos das comunidades iniciantes, mas de grupos já consolidados e com um esqueleto quase solidificado. Nas dimensões da conjuntura funcional, já se percebe que havia não só lideranças, mas funções bastante determinadas para cada grau de ordem de poder.<sup>28</sup>

De forma geral, Paulo evoca dois importantes assuntos que se desdobram em outros. O primeiro diz respeito às falsas doutrinas que tem, frequentemente, falsificado o Evangelho proposto por Cristo e transmitido por Paulo. Doutrinas heréticas começam a surgir no seio da própria comunidade de fé, necessitando, assim, de uma rápida resposta de Timóteo, porém embasada na doutrina existente até o momento. O segundo assunto mencionado na carta diz em relação a organização da comunidade de fé. Este se subdivide em vários pontos como a função de cada pessoa, o cuidado com determinados grupos específicos, como as *viúvas*, por exemplo, e também recomendações sobre a forma de comportamento que cada cristão deve adotar diante de sua escolha na fé. Vamos compreender um pouco melhor cada um.

### 1.2.3.1 As falsas doutrinas

Paulo, residindo, aproximadamente, três anos na cidade de Éfeso, teve de lidar com diversos tipos de pensamento durante suas pregações, admoestações e ensinamentos, quer nas praças, ao ar livre, quer na escola de Tiranos. Seu trabalho missionário o levou a todo tipo de pessoas e crenças filosóficas e religiosas. Quando o apóstolo das nações deixa a cidade, Timóteo passa a ser um dos principais sucessores do discípulo, com a incumbência de manter

---

<sup>28</sup> MAZZAROLO, I. 1 & 2 *Timóteo e Tito*, p. 29.

o depósito de fé que havia recebido até então, e também transmitir o conhecimento da verdade de fé aos novos membros.

Em primeiro lugar, o aparecimento de falsos doutores infiltrados nas comunidades. São pessoas que pregam coisas diferentes, falsificando o Evangelho. Eles semeiam a confusão e a divisão no meio dos cristãos (*Tito* 1, 10-16; 3, 10). São pessoas que estão dentro das comunidades cristãs, mas não tem o Espírito de Jesus.<sup>29</sup>

Precisamos distinguir os diferentes questionadores da doutrina cristã, bem como seus motivos. Muitos, declarados a Timóteo na carta enviada são os *judaizantes*, isto é, grande parte do povo oriundo da fé judaica, em processo de conversão, ou não, que costumavam misturar o conteúdo e a prática de fé com as leis judaicas. São pessoas que se intitulavam especialistas na lei mosaica, extremamente apegados às regras, utilizando-se de recursos genealógicos (citar a genealogia das famílias mais antigas e tradicionais) para tornar legítima a sua autoridade ou reafirmar a pureza da sua raça, ou o quanto verdadeira era sua crença filosófica ou religiosa. De forma geral, quando as genealogias eram evocadas, havia por trás uma busca por privilégios sociais ou religiosos, em relação aos menos favorecidos.

Éfeso tinha se convertido em centro de uma nova <<filosofia de iluminação>>. Tratava-se de um monstro bizarro, resultado de um inaudito cruzamento de elementos babilônicos e persas, onde a metempsicose, os delírios do judaísmo tardio, as secretas doutrinas cabalísticas se misturavam alegremente. Dos registros genealógicos do Antigo Testamento, esses filósofos tiravam infinitos contos de velhas. Chegavam mesmo a elaborar histórias completas acerca de cada uma das personagens dos tempos idos, à semelhança do fecundo e velho Homero.<sup>30</sup>

Junto ao grupo dos judaizantes, havia também em Éfeso os adoradores de Ártemis, tanto os verdadeiros, quanto os aproveitadores do culto que fabricavam estátuas para comercializar. Estes grupos pressionavam Timóteo e seus discípulos, colocando muitos cristãos em dúvida, necessitando a constante orientação deles, o que ocasionou a escrita com o aconselhamento paulino.

Paulo, na primeira carta escrita a Timóteo, discute longamente esta questão, reafirmando a Lei de Cristo e exortando a Timóteo para que seja perseverante em manter intacto o ensinamento que recebe e transmiti-lo da mesma forma que a tradição dos apóstolos o transmitiu a Igreja. O centro de todo o ensinamento cristão, bem como a motivação e finalidade desta defesa é o amor. A caridade é o que move toda a ação evangelizadora em direção a Deus (*1Tm* 1,5). Além disso Paulo reafirma, mais de uma vez, a Trindade, na ação

<sup>29</sup> DIOCESE DE SANTARÉM. *Estudo das Cartas de São Paulo*, p. 40.

<sup>30</sup> HOLZNER, J. *Paulo de Tarso*, p. 529.

de cada Pessoa, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, como uma espécie de credo apostólico, para que a profissão de fé em Jesus se mantivesse acesa e clara aos neo-convertidos.

### 1.2.3.2 A organização da comunidade

Ao iniciar sua missão apostólica na cidade de Éfeso, Paulo tem uma dúplice tarefa: cuidar, zelar pela comunidade que já está inserida na vida de fé cristã, portanto, aqueles que já receberam algum tipo de batismo, seja o de João Batista ou do próprio Paulo. Além destes urge também ampliar a organização desta comunidade, visto que a necessidade de novos serviços estava aparecendo, necessitando de novas e diferentes funções para executá-las. Este é o mesmo processo iniciado e vivido pelos apóstolos no livro dos *Atos dos Apóstolos*: “Os doze convocaram então a multidão dos discípulos e disseram: ‘Não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos desta tarefa. Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da Palavra.’” (At 6, 2-4).

Em relação ao cuidado da fé com os novos batizados, sua instrução e amadurecimento na fé, Paulo instrui Timóteo sobre vários aspectos, aconselhando sobre o procedimento e cuidado de diversos grupos distintos como as viúvas, os bispos, presbíteros, diáconos e o próprio Timóteo. Cada um destes recebe suas próprias admoestações sobre a forma como devem cuidar ou ser cuidados em relação a comunidade de fé. Vamos trazer estes conselhos com mais detalhes no ponto seguinte deste trabalho.

Ao olhar para a Igreja e sua necessidade de cuidados, Paulo a compara a figura da *casa*, lembrando os cuidados dos quais ela necessita, e também sua correlação com o mistério de Cristo:

Depois do Estado e da família, Paulo dirige o seu olhar para a *Igreja* e para a sua *organização social*. Antes, descrevera a Igreja como comunidade mística dos eleitos, <<a esposa de Cristo, sem mancha nem rugas>>, a Igreja invisível, ainda envolta no mistério de Cristo. Agora, descreve-a do ponto de vista do pastor de almas, como <<a casa de Deus>>, a grande comunidade terrestre, a Igreja organizada e dirigida pela experiência dos anciãos, a Igreja da autoridade doutrinal, a Igreja concreta e visível, na qual também há apóstolos. Ambos os conceitos se confundem numa mesma visão: a Igreja é o mistério de Cristo realizado no tempo e caminhando para a eternidade, é a revelação temporal de Deus. Nela, Deus fala constantemente aos homens; a Igreja é o fundamento inabalável e o farol da verdade. A verdade já não se pode perder, desde que exista uma Igreja. Todavia, <<no sopé do farol há sombras>>, como diz com rara felicidade um provérbio oriental. O mundo é um cortejo carnavalesco, confuso e miserável, à testa do qual a mentira e a falta de princípios agitam a sua louca bandeira. A única coisa que torna a vida digna

de ser vivida é a fidelidade de Deus à palavra dada, fidelidade que atinge o seu apogeu em Cristo e na sua Igreja.<sup>31</sup>

Por fim, mas não menos importante, devemos voltar à questão da organização hierárquica. Éfeso recebe tal organização de outras comunidades fundadas anteriormente, que buscaram se estruturar de acordo com as necessidades que seus membros iam manifestando: cuidados na fé, através da pregação da Palavra; uso correto da justiça social e partilha dos bens, através do ministério da caridade; administração e organização geral da comunidade através do ministério dos anciãos e a própria conversão dos neófitos e vivência dos iniciados, através da manifestação dos muitos dons do Espírito Santo em toda a comunidade.

Distinguiremos três funções ou serviços utilizados até os dias atuais, em toda estrutura da Igreja Católica: o *episcopo*, o *presbítero* e o *diácono*. No primeiro século e em parte do segundo, podemos perceber que a função do episcopado e do presbiterado eram pouco distinguíveis, em relação a execução dos serviços a realizar.

Em relação ao serviço da caridade para com todos os necessitados, as viúvas, os pobres, os incapacitados e outros grupos existentes na cidade, a função do diácono despontou como responsável pela execução destas necessidades. Nos *Atos dos Apóstolos* lemos a escolha dos primeiros diáconos (*At 7, 1ss*) e dentre eles temos *Estevão*, conhecido como homem cheio de fé e do Espírito Santo (*At 6,5*), que, além do serviço das mesas também se ocupava da pregação da Palavra.

Os *presbíteros* eram, de forma geral, os anciãos da comunidade, e tinham como função tomar conta das comunidades locais. Neste sentido, suas funções não eram muito diferentes dos *episcopos*, exceto que a execução das tarefas e a permanência destes eram locais, isto é, os presbíteros eram responsáveis por uma parte restrita da comunidade.

Os *episcopos* exerciam, além das funções citadas acima (pelos presbíteros), também ocupava os serviços de maior responsabilidade nas comunidades, mantendo a unidade entre as diversas comunidades as quais era responsável e também garantindo o vínculo entre a fé e os ideais vividos nestas comunidades com o ideal dos primeiros apóstolos, mantendo viva a mensagem trazida por Jesus, através da Igreja apostólica.

Algo interessante que devemos observar na carta enviada por Paulo a Timóteo são as funções atribuídas ao próprio Timóteo, onde encontramos características que o qualificam

---

<sup>31</sup> HOLZNER, J. *Paulo de Tarso*, p. 531.

como epíscopo na comunidade de Éfeso, embora essa não seja uma posição unânime de todos os historiadores:

Na orientação da carta, Timóteo desponta como o responsável por todo o andamento da Igreja de Éfeso. No entanto, na questão prática das assembleias, pode ser que a tarefa fosse dividida ou partilhada entre o presbítero e o diácono, especialmente no que concerne ao comportamento das mulheres e o tratamento às viúvas e escravos.<sup>32</sup>

### 1.3 O CONTEÚDO DA CARTA

Conforme temos dito, nesta primeira parte do trabalho, a Primeira Carta de São Paulo a Timóteo possui um cunho extremamente pastoral. Desta forma, todo o conteúdo é formado por conselhos e admoestações, por parte do convertido Saulo, agora Paulo, de forma a manter o pensamento voltado a crença inicial dos apóstolos, a manutenção das dificuldades enfrentadas por aquela comunidade e ao correto proceder dos grupos específicos, dentro e fora da hierarquia vivenciada até então. Enfrentou problemas com gregos e judeus, como Himeneu e Alexandre, já citados no primeiro capítulo da carta (1Tm 1,20), onde Paulo os “entrega a Satanás”, por perderem a consciência da fé e blasfemarem.

Himeneu ensinava, por exemplo, que a fé na ressurreição apenas era coisa para os fiéis ingênuos, e que o caminho para a perfeição e para a iluminação consistia na abstenção do vinho, da carne e do casamento. Um intrigante particularmente perigoso era Alexandre, o latoeiro. Os dois tinham sido solenemente excomungados por Paulo. havia um outro grupo de hereges, ainda mais perigosos, a quem Paulo chamava <<fogos -fátuos e mestres de satanás>>. Esta gnose proliferava <<como uma gangrena>> (II Tim 2,17). Era difícil combatê-la com argumentos racionais, porque se tinha refugiado no meio do sentimento e da fantasia. Encontrou especial acolhimento nas reuniões de caráter religioso e nos salões das damas, onde algumas mulheres cultas e piedosas desempenhavam um papel relevante, embora escondessem sob o manto da severidade muito de vaidade e de orgulho.<sup>33</sup>

Desta forma, a missão de Paulo encontrava dificuldades em meio as constantes mudanças de fantasias filosóficas, míticas e literárias que encontrava diariamente. O Monsenhor Josef Holzner, em sua obra *Paulo de tarso*, dizia que, diante de tão mutável crença do povo de Éfeso, só restava a Paulo um único meio para combater o problema: o cultivo do pensamento de fé da comunidade cristã eclesial. Assim que Holzner<sup>34</sup> compreende a formatação da carta enviada a Timóteo: no primeiro capítulo o cultivo da fé na

<sup>32</sup> MAZZAROLO, I. 1 & 2 Timóteo e Tito, p. 29

<sup>33</sup> HOLZNER, J. *Paulo de Tarso*, p. 529-530.

<sup>34</sup> O Monsenhor Josef Holzner foi um professor alemão de filosofia e teologia, nascido em Dorfen, na Alta Baviera, em 1875. Trabalhou em Munique como capelão, durante a Segunda Grande Guerra, e estudou longamente a vida do apóstolo Paulo, escrevendo em sua última obra, *O mundo de Paulo*, um tratado histórico-religioso sobre o apóstolo, trazendo a tona a visão do mundo e o ambiente ao redor de Paulo. Holzner faleceu em novembro de 1947.

comunidade cristã, no segundo capítulo o cultivo do culto na comunidade cristã e, no terceiro capítulo, o cultivo da estrutura hierárquica na comunidade cristã. Todo o demais que a carta traz, deriva destes.

Posto que este trabalho não é uma obra com fins exegéticos, pois não nos deteremos a esgotar a compreensão da carta escrita a Timóteo, dividiremos a explanação de acordo com as admoestações mais importantes que Paulo fez ao jovem e a comunidade, deixando as minúcias para outros autores do campo bíblico, os quais poderão fazê-lo com maior competência.

### 1.3.1 O perigo dos falsos doutores

Já explicitamos largamente as dificuldades enfrentadas por Paulo, durante sua estadia em Éfeso, nas sinagogas, nas praças e na escola de Tiranos, sobre as elucubrações filosóficas e teológicas elaboradas por gregos e judeus, impulsionados pelo culto a Ártemis, existente na cidade, e também pela prática retórica filosófica própria do berço grego onde viviam.

Timóteo foi inspirado e direcionado a combater tais perigos, tomando uma posição firme em relação aos possíveis hereges que iam revelando-se. Junto à essa iniciativa, Timóteo era fortalecido em sua posição como representante e chefe da comunidade, com o apoio da palavra do apóstolo das nações. Paulo apresenta este perigo, logo nos primeiros versículos da carta e os aprofunda mais a frente: “Se eu te recomendei permanecer em Éfeso, quando estava de viagem para a Macedônia, foi para admoestares alguns a não ensinarem outra doutrina, nem se ocuparem com fábulas e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as discussões do que o desígnio de Deus, que se realiza na fé. (...) Desviando-se alguns desta linha, perderam-se em palavreado frívolo, pretendendo passar por doutores da Lei, quando não sabem nem o que dizem e nem o que afirmam tão fortemente” (1Tm 1, 3-7).

Muitas daquelas pessoas, que espalhavam erros de doutrina, ainda pertenciam à comunidade cristã, constituindo assim, um grande perigo ao cultivo da reta fé. Enfatizamos o conteúdo destas doutrinas, trazidas por Paulo como *fábulas e genealogias*. O povo grego sempre cultivou a prática de tais fábulas na execução e transmissão de sua filosofia. A criação de tais mitos esteve presente desde a base da criação e construção filosófica grega. Aqui encontramos também a base para a futura heresia do gnosticismo, onde o homem poderia “chegar e possuir” à plenitude do conhecimento. As genealogias, de origem judaica, se



estenderam do Antigo ao Novo Testamento, nas discussões dos patriarcas, na tentativa de legitimar a raça, nos diferentes períodos da história.

As outras doutrinas ou falsas podiam ser de duas naturezas: a) teorias a respeito dos arcontes, dos éons e dos princípios divinos dentro do gnosticismo helenístico; b) mistura do judaísmo com a pregação cristã. Nessa segunda corrente de pensamento, podemos ver que na Ásia Menor, especialmente na Galácia, havia a corrente judaizante que insistia em aplicar todas as tradições da circuncisão e da Lei de Moisés aos cristãos: “Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos” (At 15,1). Essa posição gerou conflitos fortes na Antioquia (da Síria) entre Pedro e Paulo (Gl, 2,11-21) e divisões na Igreja de Corinto (uns de Paulo, outros de Apolo e outros de Cefas – 1 Cor 1,11-13). E ainda podem-se ver essas falsas doutrinas como sendo correspondentes ao *outro evangelho* (Gl 1, 6-9).<sup>35</sup>

A Timóteo foi dada a missão de impedir que estas discussões tivessem continuidade, visto que eram somente especulações e controvérsias que geravam separações e contendas entre os diferentes grupos. Os muitos judeus, inseridos no novo cristianismo, desejavam misturar os costumes que possuíam até então com a novidade de Cristo, como o exemplo tão conhecido da mistura do batismo cristão com a circuncisão, que foi a principal contenda entre Pedro e Paulo no primeiro Concílio da Igreja, conhecido como *Concílio de Jerusalém* (At 15).

Paulo também faz referência a *sã doutrina*, como o seguimento perfeito ao ensinamento de Cristo. O objetivo de toda exortação cristã é a caridade (*agapê*) que pressupõe como condições essenciais o coração puro, a boa consciência e a fé sincera. Este tripé se manifesta na integridade, generoso empenho e adesão plena. Por este motivo, esta doutrina *sã*, não é somente um conjunto de dogmas ou verdades, mas esta profundamente ligada a tradição apostólica da Igreja e vivenciada através de um conteúdo, ao mesmo tempo, doutrinário e prático, assumindo as fórmulas de fé e também os ordenamentos práticos da vida eclesial. Este conceito fará parte da defesa paulina, em todas as cartas escritas pelo apóstolo, como fator importante na consolidação do seguimento a Jesus Cristo.

Esta questão foi tão importante no desenvolvimento da comunidade de Éfeso, que os próprios *nomodidaskaloi* (mestres da lei), figuras conceituadas de homens que ensinavam a Lei Mosáica (Gamaliel é um bom exemplo), eram confundidos com os *heterodidaskaloi* (falsos doutores). Para estes, certamente a Lei, o Antigo Testamento era um terreno fértil para as conjecturas que faziam, e o apóstolo as considerava frívolas, visto que Deus havia dado sua Lei ao povo com propósitos mais sérios que os apresentados por tais doutores.

---

<sup>35</sup> MAZZAROLO, I. 1 & 2 *Timóteo e Tito*, p. 38.

No capítulo 4 da carta, o tema retorna, trazendo um prenúncio do Espírito sobre a renúncia da fé por muitos, em adesão aos falsos mestres que “seduzirão” a estes com suas falsas doutrinas e fantasiosas histórias. Tais mestres trazem, inclusive, preceitos a serem seguidos nesta doutrina:

Ao mesmo tempo, os falsos mestres demonstravam ter tendências gnósticas e também judaicas. Por exemplo, eles estavam proibindo o casamento e impondo a abstinência a certos alimentos (4.3ss). Isso indicava um falso ascetismo que era incompatível com a doutrina da criação e era característico da rejeição gnóstica da matéria, por ser má. Alguns dos primeiros pais da Igreja, especialmente Irineu e Tertuliano, prosseguiram a partir desse indício. Ambos afirmaram que Paulo referia-se, em 1 Timóteo 1, ao gnosticismo que nos dias em que viviam, no final do século segundo, estava completamente desenvolvido, e os dois mencionaram o conhecido líder gnóstico do Egito, Valentino.<sup>36</sup>

Encontramos no fragmento acima evidências da tendência de um judaísmo que caminhava para o gnosticismo ou ainda um gnosticismo judaizante. Independente da forma, Paulo nos mostra que esse tipo de ensino obstrui tanto a fé como o amor. E esta obstrução poderia e levaria ao abandono (apostasia) da fé. Paulo utiliza a expressão “nos últimos tempos”, mas logo a atualiza para o presente, onde tais eventos já acontecem e necessitam de uma medida imediata de Timóteo. Segundo Stott três elementos são encontrados como motivos para esse abandono, na fala de Paulo (1Tm 4,1-3): primeiramente, o espírito diabólico presente nas doutrinas, consideradas demoníacas, que atraem as pessoas para o pecado através da tentação, e também as seduzindo, para o erro, através do engano. Facilmente o *Pai da Mentira*, conforme Jesus o chamou por vezes, era diminuído, ou fantasiado, nas lendas, mitos e histórias gregas, perdendo assim, o verdadeiro sentido que possuía, e crescendo em força de persuasão, diante dos inocentes que escutavam. Um segundo elemento é humano. Para enganar pessoas, o diabo se utiliza de pessoas, e aqui temos os falsos mestres, que pelos diversos motivos já citados, se colocam como veículo desta dispersão da verdadeira fé cristã, por falsas idéias quando, na verdade, “não sabem nem o que dizem e nem o que afirmam tão fortemente” (1Tm 1,7). O terceiro elemento, citado pelo autor, é um erro moral, marcado pela consciência invencível. Paulo utiliza a expressão “marcada a ferro quente”, como se tais idéias estivessem “cauterizadas” ou até mesmo “necrosadas”, indicando que as mentes teriam se tornado anestesiadas, ficando insensíveis a possibilidade de conversão, que Paulo lhes oferecia.

Diante destas críticas, Paulo utiliza-se de dois argumentos: a criação de Deus e a bênção. Toda a criação de Deus é boa em si, carrega a própria bondade de Deus no seu

---

<sup>36</sup> STOTT, J.R.W. A mensagem de I Timóteo e Tito: a vida da Igreja local :a doutrina e o dever. p. 41.

interior, apesar de possuir a potência de atos maus. Já no *Gênesis*, Deus, em cada dia da criação, conclui que “tudo era bom”. Toda a criação de Deus é boa, porém possui a semente da corrupção, com a sua queda. Através dessa bondade original de todas as coisas, por força da criação, Paulo busca refutar a proibição aos alimentos citados no livro. Junto a isso, Paulo de Tarso nos convida continuamente a render graças diante das bênçãos concedidas pelo Senhor, em todas as situações. A bênção, no sentido bíblico ou judaico, é o reconhecimento do dom de Deus e da sua bondade criadora, que está na base de todas as coisas:

Esse uso dos dons de Deus se acha ligado, contudo, a uma condição: que sejam recebido <<com ação de graças>>. Três vezes Paulo recomenda a oração antes das refeições, como condição para um bom uso dos dons de Deus, que nos foram dados de presente. A oração antes das refeições, costume tradicional dos judeus foi assumida pelo cristianismo, passando a fazer parte de seu patrimônio, nos séculos futuros. Como entre o povo eleito de Israel, assim também entre os primeiros cristãos, ninguém comia um pedaço de pão ou bebia um copo de vinho sem antes agradecer àquele do qual procede todo dom perfeito. Nesse particular, a comunidade cristã se exercitava naquilo que o próprio Cristo havia se exercitado, a saber, a ação de graças antes e após as refeições.<sup>37</sup>

Por fim, encontramos, neste sentido, a metáfora do bom uso do exercício. No capítulo 4, Paulo utiliza uma crítica a ginástica física em relação a piedade, lembrando que a segunda é proveitosa a tudo, pois contém a promessa da vida eterna. A referência ao exercício, à ginástica, faz todo o sentido no mundo grego, visto que era comum a prática da atividade física para manter corpo e mente sadios na prática da reflexão filosófica. Então este não era um termo desconhecido para a comunidade que escutava a pregação.

Além disso, a utilização da palavra piedade (*eusebeia*), aparece 9 vezes na Primeira Carta de São Paulo a Timóteo, das 13 em que aparece nas cartas pastorais, e das 15 ocorrências em todo o Novo Testamento. Assim, certamente se trata de um importante conceito nesta carta.

No grego secular, ela tem o sentido de “respeito” ou “reverência” e era utilizada para referir-se aos pais, governantes e magistrados. Com conotação religiosa, a expressão piedade pode ser tomada como reverência a Deus, como uma mistura de temor e amor a Deus, que constituem a devoção própria de todo cristão. Paulo, o apóstolo dos gentios, reconhece na ascese a busca e a prática desta piedade e conhecendo, também, a prática dos exercícios físicos nos estádios gregos, e seu valor, coloca nos primeiros o maior valor, pois a atividade física somente lucra à vida terrestre, ao passo que os exercícios de piedade lucram para a salvação, que será o prêmio de cada um que se exercita diariamente na piedade a Deus.

<sup>37</sup> REUSS, JOSEPH. A primeira Epístola a Timóteo, p. 68.

Timóteo certamente, vivendo em Éfeso, conhecia ambas formas de exercitar-se, mas Paulo lhe recomenda que se aplique à leitura, a exortação e oração, para que a piedade se manifeste nele e possa permanecer no caminho do Evangelho. O *atleta* precisa constantemente de exercícios para aprimorar-se e obter as vitórias almejadas. Da mesma forma, o *cristão* deve exercitar-se na virtude diária, para estar forte e preparado, compreendendo que todo o prêmio de salvação que Paulo tantas vezes repete, em suas cartas, acontece mediante o preparo atual, através da conversão no tempo presente.

O chefe responsável pela comunidade deve estar “em forma” e, por isso, exercitar-se bastante, como o fazem os esportistas profissionais. Esse ideal de vida cristã (e objetivo dos constantes exercícios) é descrito com um termo característico da cultura greco-romana: *eusebeia*. No ambiente profano, a *eusebeia* define a vida correta, que respeita as relações e os deveres para com Deus e os homens; ou seja, é toda a vida cristã inspirada na fé. Esse é o objetivo último para o qual se exercita o pastor, modelo dos fiéis. Fazendo eco a uma opinião comum que exaltava as vantagens da atividade esportiva, nosso autor contrapõe a ela a *eusebeia*, ou seja, o empenho cristão para realizar o projeto de vida iluminado pela fé, que é precisamente o “mistério da *eusebeia*”. Sua superioridade absoluta sobre qualquer outro empenho humano depende da sua meta final: a promessa da vida eterna ou definitiva. Essa é, na realidade, o objetivo último de qualquer trabalho pastoral, mesmo comportando cansaço e luta: a salvação ou realização plena da existência segundo a promessa de Deus.<sup>38</sup>

### 1.3.2 A Organização Hierárquica

Como comentamos, anteriormente, a comunidade cristã de Éfeso já possuía uma estrutura com maior organização. Isso se mostra também na organização dos serviços. Na carta aos Coríntios, Paulo já assinala a diversidade de dons e ministérios dados pelo Espírito Santo: “há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos.” (1 Cor 2, 4-7).

Também já assinalamos, conforme os *Atos dos Apóstolos* nos narra, da necessidade de homens que sirvam as mesas, homens que se dediquem a pregação da Palavra e homens que possam estar à frente das comunidades, como referências apostólicas da mensagem da Boa-Nova. Estes serviços se mostram bem descritos por Paulo, nesta carta ao jovem Timóteo.

Encontramos admoestações para o serviço do epíscopo, aconselhando-o na forma de conduzir a porção da comunidade que lhe é confiada, e também conselhos para a escolha de tais homens, bem como exortações para que eles possam viver de forma irrepreensível, sendo testemunha virtuosa para o povo. O diácono recebe também uma exortação específica e

<sup>38</sup> FABRIS, R. As Cartas de Paulo (III), p. 261.

pontual, com conselhos para a escolha destes homens, a forma com que eles devem proceder em seu serviço de caridade, bem como a sua família.

Um ponto interessante a se colocar, é que a categoria dos presbíteros não se encontra “separada” como a dos anteriores. Ela aparece no capítulo cinco, junto ao povo, em geral, escravos e viúvas. Entretanto, também recebe seus próprios conselhos, admoestações e sugestões para vive de acordo com a vontade de Jesus Cristo, transmitida pelos apóstolos. Temos indícios desta categoria estar ligada, desde antes aos anciãos das comunidades:

Aos presbíteros são feitas exigências diferentes, e eles estão entre o povo, em geral. Os presbíteros que *exercem bem a presidência podem receber salário duplo* (5,17). Diante disso, parece que a função deles era de tempo integral, sendo responsáveis pela imposição das mãos e dos ritos ordinários da igreja. Os presbíteros eram os anciãos das comunidades e ocupavam cargos talvez mais pela idade do que pela idoneidade.<sup>39</sup>

Desta forma, abordaremos cada uma das três posições hierárquicas, separadamente, buscando identificar a forma como Paulo compreendia sua função e o serviço que deviam realizar e também os conselhos e admoestações que o apóstolo dos gentios faz a cada uma delas.

### 1.3.2.1 Os Episcopos

Temos aqui, dois momentos distintos: um inicial, onde Paulo parece ser aquele que indica o homem “ideal” para a função de episcopo das comunidades. Logicamente, não se trata de uma escolha meramente humana, levando em consideração os gostos do apóstolo. Trata-se sempre, em última instância, de uma ação do Espírito Santo, manifestada na Igreja, através dos apóstolos. Esse costume acontece até os dias atuais. O momento seguinte nos indica que os próprios homens aspiravam e desejavam ao cargo. Isso também não é uma novidade na vida eclesial. Atualmente busca-se um concílio entre os dois momentos: a Igreja indica os candidatos para a função, e estes devem manifestar sua vontade de exercê-la.

O que encontramos nestes versículos, então, trata-se de um elenco de características, ou até mesmo de virtudes, que devem ser encontradas naqueles que são candidatos a função episcopal, pela sua própria vontade ou por escolha da Igreja. O teólogo *Rinaldo Fabris*, na obra *As Cartas de Paulo (III)*, nos diz que não se trata de um elenco de características inimaginável, ou mesmo impossível de se alcançar, mas que estas especificidades já estavam

---

<sup>39</sup> MAZZAROLO, I. *1 & 2 Timóteo e Tito*, p. 67.

presentes no ambiente greco-helenista, para a escolha dos candidatos às funções públicas, ou mesmo altos cargos militares:

A comparação mais esclarecedora pode ser feita com um texto de Onossandro, sobre a escolha do general, 1: “Creio que se deve escolher um general tendo por base não sua estirpe, como se faz para os sacerdotes, nem seu patrimônio, como se faz para os superintendentes dos ginásios, mas porque é *equilibrado*, moderado, *sóbrio*, frugal, dedicado ao trabalho, *não apegado ao dinheiro*, nem jovem nem velho, se possível *pai de família, capaz de falar, homem de boa reputação*” (em grifo as palavras que correspondem ao texto original grego de 1 Tm 3,2-7).<sup>40</sup>

Junto a este texto, para que possamos identificar as semelhanças, iremos trazer uma página da *didaché*, um dos primeiros instrumentos de catequese e evangelização dos apóstolos, que narra os requisitos para a escolha dos bispos e dos diáconos para o serviço da Igreja:

1 Escolha bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e provados pois também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres. 2 Não os despreze porque eles têm a mesma dignidade que os profetas e os mestres.<sup>41</sup>

Neste contexto, percebemos então, que o autor busca animar os possíveis candidatos para a função episcopal. Aqueles que almejam esta função fazem uma coisa boa, porque poderão realizar a boa obra que Deus lhes pede de forma honrosa e digna de apreço. Entretanto, a guia de dons e qualidades se faz necessária, visto que o candidato não podia se autoproclamar para o cargo. A comunidade possuía um recurso para poder escolher aqueles que melhor se adequassem ao serviço.

A seguir, temos a necessidade de que seja *esposo de uma única mulher*. Essa relação já aparecia no ambiente grego da época, empregada analogamente pelo próprio Paulo nesta carta: “mulher de um só marido” (1 Tm 5,9). No entanto, não existia uma frase equivalente para o homem. Não devemos também levar em consideração a disciplina do celibato, visto que se trata de algo que começou a ser pensado somente a partir do século III na vida da Igreja. No contexto eclesial e dado o período da carta, podemos supor que a expressão exija uma vida familiar condizente, o que demonstraria do candidato uma boa administração familiar e também educativa. Trata-se, então de uma conjugalidade exemplar, afastada da poligamia, que era prática, inclusive religiosa, de homens judeus.

<sup>40</sup> FABRIS, R. As Cartas de Paulo (III), p. 250.

<sup>41</sup> DIDAQUÊ, 15, 1-2.

Diversos conselhos são dados a seguir. Alguns de forma positiva – faça isso – e outros aparecem de forma a evitar algo – não faça isso. Os candidatos ao episcopado, ou já episcopos, devem ser sóbrios (controlados ao comer e beber), para que possam mostrar controle nas adversidades diárias, diante das muitas tensões enfrentadas; ser prudente, ou ter bom senso, para que possa tomar decisões ajustadas a toda a comunidade, sem fazer exclusões ou julgar pelas aparências; equilíbrio em todas as ações, com uma característica indispensável a todos os líderes cristãos que precisam supervisionar um grupo de pessoas e necessitam deste “fruto do Espírito”, para serem equilibrados.

Paulo diz que o episcopo deve ser *hospitaleiro*. Isto diz de uma capacidade de acolher àquele que é estrangeiro, não somente como uma questão de honra, comum a cultura helenística, mas como um imperativo, manifesto na acolhida a missionários e pregadores. Encontramos no Novo Testamento diversos exemplos de pessoas que acolhiam missionários durante as viagens missionárias realizadas por Paulo e seus discípulos, como Lídia, que acolheu Paulo e outros na cidade de Filipos, conforme relatado nos *Atos dos Apóstolos*, capítulo 16: “Quando chegou o sábado, saímos fora da porta, junto à margem do rio, onde parecia-nos haver um lugar de oração. Sentados, começamos a falar às mulheres que se tinham reunido. Uma delas, chamada Lídia, negociante de púrpura da cidade de Tiatira, e adoradora de Deus, escutava-nos. O Senhor lhe abriu o coração, para que ela atendesse ao que Paulo dizia. Tendo sido batizada, ela e os de sua casa, fez-nos este pedido: “Se me considerais fiel ao Senhor, vinde hospedar-vos em minha casa”. E forçou-nos a aceitar. (At 16, 13-15).

O episcopo, além destes dons apresentados, deve também ter habilidade para ensinar, dado que, além de supervisionar, ele deve também orientar e conduzir a Igreja local e ajudar as demais Igrejas a tornarem sua fé mais sólida, evitando os pregadores que distorcem ou deturpam a boa nova da salvação. Para esta finalidade, o episcopo deve não somente conhecer e compreender a doutrina da fé, mas também buscar meios adequados para transmitir esse ensino aos iniciados. A carta ainda lembra que o candidato não deve ser briguento, nem dado ao vinho em excesso, isto é, apesar de poder beber vinho, como o próprio Timóteo é convidado por Paulo, em determinado momento da carta, não deve se embriagar ou causar escândalo a comunidade. Além disso, deve ser um homem cortês, indulgente, pacífico e não-interesseiro. Vamos percebendo a quantidade de exigências para alcançar o mais elevado posto na comunidade cristã, e também o que dispõe de maiores responsabilidades sobre ela.

Na sequência Paulo fala sobre a habilidade administrativa do candidato ao episcopado. Para isso, ele utiliza o exemplo da casa. O episcopo deve governar bem sua própria casa e manter os filhos na submissão, para que demonstre, assim, capacidade de cuidar e governar uma Igreja. Temos diferentes exemplos bíblicos, de liderança e cuidado do grupo, onde se exercita não somente o cuidado e amabilidade, mas também a autoridade necessária para bem cuidar do povo:

Paulo faz uma analogia entre a família do pastor e a igreja de Deus. De fato, ele emprega a palavra *oikos* (que significa sua “casa” ou “família”) nos dois paralelos dessa comparação (nos versículos 4, 5 e 15). Assim, o pastor é chamado a exercer liderança em duas famílias, a sua e a de Deus, e a primeira é onde ele é treinado para poder atuar na segunda. O argumento é simples. Se ele não consegue cuidar da sua própria família, não se pode esperar que tenha condições de cuidar da casa de Deus. O sacerdote Eli continua sendo uma solene advertência a esse respeito, pois seus filhos eram tanto imorais quanto gananciosos, mas “ele não os repreendeu”. A palavra governar é a tradução de *proistamenos*, que por sua vez significa “líder”, juntando os conceitos de “dirigir” e “cuidado”, e que Paulo emprega em outros textos com respeito aos presbíteros (5.17 e, talvez, Rm 12.8).<sup>42</sup>

Por fim, Paulo pede que o episcopo não seja algum neófito, isto é, alguém que foi iniciado na fé cristã a pouco tempo. Da mesma forma que a condução na casa, se pressupõe que a capacidade de governo e cuidado seja conhecida pela comunidade e experimentada pelo tempo. Uma pessoa recém convertida poderia sucumbir diante das dificuldades e provações que uma comunidade oferece, pois mesmo já batizado e iniciado na tradição cristã, ainda é necessário um tempo de adaptação e perseverança, não garantido, unicamente, pelo batismo. A maturidade humana e na fé eram indispensáveis na qualificação para o episcopado. Junto a isso, Paulo também admoesta para que tenha bom testemunho dos que estão de fora da comunidade para que não caia em dificuldades:

Alguns eruditos supõem que o sentido destas palavras é que se o candidato ao pastorado tinha defeitos e vícios, em sua *vida anterior*, quando a igreja fez dele um pastor tão repentinamente, sem provas suficientes de sua conversão e experiência cristã, então que tal homem tornar-se-á objeto imediato de críticas, por parte dos <<de fora>>, que o conhecem e que agora começam a denegri-lo. Essa interpretação é possível, mas parece melhor pensarmos aqui em um <<fracasso futuro>>, como possibilidade seriamente antecipada, se porventura alguém for levantado como líder na igreja precipitadamente, quando ainda é noviço na fé, pois o orgulho daí decorrente gradualmente irá destruindo a ele mesmo e ao seu ministério.<sup>43</sup>

<sup>42</sup> STOTT, J.R.W. A mensagem de I Timóteo e Tito: a vida da Igreja local :a doutrina e o dever. p. 97.

<sup>43</sup> CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*, p. 311.



### 1.3.2.2 Os Diáconos

Da mesma forma que recomendado ao grupo dos episcopos, os homens escolhidos para a categoria dos diáconos deveriam possuir um elenco de qualidades para serem habilitados à função. Traremos, na sequência, a discussão dessas qualidades, e também a questão referente às mulheres no serviço diaconal.

Como citamos nas partes anteriores deste trabalho, um grupo de homens com qualidades específicas foram escolhidos para ajudarem a comunidade, conforme pudemos ver nos *Atos dos Apóstolos*. Muitas daquelas exigências vieram, junto com Paulo, para a cidade de Éfeso e, assim, fazem parte da carta enviada para Timóteo. Temos de ter em mente, principalmente, que o trabalho designado aos diáconos era junto aos mais necessitados, tornando-os responsáveis pelos gastos da comunidade como um todo, e exigindo deles grande honestidade:

Os diáconos tinham no cristianismo primitivo, o cargo de distribuir entre os pobres as esmolas e os donativos. Cuidavam, portanto, dos pobres. Por isso, o dinheiro da comunidade estava todo em suas mãos. Eis porque tinham de ser <<honestos>> em todos os sentidos. Havia a necessidade de se poder confiar na sua administração honesta. Dever-se-ia evitar toda forma desonesta de ganhar dinheiro.<sup>44</sup>

Podemos ver, então, nos critérios, muitas características semelhantes às exigidas dos episcopos, visto que estes, apesar de exercerem funções diferentes daqueles, também precisam ser homens espirituais, para garantir o cuidado do rebanho, assim como a transmissão da fé. Para isso, são recomendados que sejam homens responsáveis, sem palavras dúbias, para que possam alcançar o respeito e a confiança de sua comunidade; homens de uma só palavra tanto no que dizem, quanto em relação ao testemunho que dão com suas ações. Importa ressaltar que isso é exigido, mesmo que a transmissão da Palavra não seja o principal ofício diaconal. Trata-se de uma questão de índole e sinceridade, mais do que crescimento e maturidade de fé.

Aparece, mais uma vez, a necessidade de ser um homem não inclinado ao álcool. Qualquer tipo de entorpecente, que tire o bom senso do indivíduo, tinha seu uso condenado para esta função. Os líderes da Igreja que não conseguem controlar esta inclinação, não estão aptos para a função diaconal. Como àqueles que servem as necessidades, os diáconos são chamados a mostrarem-se íntegros em seu servir. Jesus, nos Evangelhos, mostrou diversas vezes a importância desta função, colocando-se Ele mesmo como Aquele que serve os

---

<sup>44</sup> REUSS, JOSEPH. *A primeira Epístola a Timóteo*, p. 55.

apóstolos: “pois qual é o maior: o que está a mesa, ou aquele que serve? Não é aquele que está à mesa? Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve!”(Lc 22,27).

Como apareceu aos episcopos anteriormente, os diáconos são chamados a não buscarem lucros nas suas ações e trabalhos. Um líder da Igreja não deve fazer de seu trabalho um meio de ficar rico, como tantas vezes, vemos na história. Ele deve dedicar-se ao trabalho e investir nele, para que o trabalho enriqueça e não o próprio diácono. Assim ele poderá ser caracterizado e chamado como *servo de Cristo* e não *mercenário*. Como possui constante contato com o dinheiro, o diácono não deve o furtar, nem buscar formas ou meios de enriquecer através desta administração dos bens. Nisto consiste o versículo 10, do terceiro capítulo da carta: “(...)conservando o mistério da fé com consciência limpa.” Um testemunho imaculado deste mistério de Cristo manifesto no serviço à humanidade e, no caso do diácono, aquela comunidade específica.

A questão da experiência na vida de fé é trazida novamente aqui. Nenhum novato na fé deveria ser admitido a ordem do diaconato, por motivos semelhantes aos episcopos: para fazerem uma profunda experiência de fé cristã e desenvolverem os dons necessários para não caírem nas ciladas do demônio e dos homens contrários àquela vivência de comunidade. Não nos é relatado se havia algum teste específico para tal admissão, porém podemos indicar que a passagem do tempo e a indicação, ou *nomeação*, por parte de boa parcela da comunidade seja essencial para endossar a escolha do candidato.

Essas poderiam ser exigências relacionadas ao serviço diaconal no interior da comunidade. A exigência de uma espécie de teste ou exame – talvez um tempo de tirocínio ou de experiência – poderia decorrer do fato de esses candidatos serem menos conhecidos que os “episcopáveis”, ainda que para estes também se fale de uma espécie de “escrutínio” (3,6-7).<sup>45</sup>

A boa governança da casa também é um sinal presente na descrição paulina das exigências. Através do cuidado dos filhos e de uma única mulher, o candidato poderia mostrar que possui aptidão para o serviço diaconal. Percebemos que este elemento, assim como na exigência episcopal, é elementar no conjunto de características de qualquer líder da comunidade cristã. Podemos perceber na ênfase sobre a “única mulher” que o diácono deveria possuir, os elementos básicos da tradição a fé: fidelidade conjugal e monogamia, a possível necessidade de se estar casado para almejar o cargo e também o veto ao homem que estivesse em uma segunda união conjugal. Muitos desses elementos são trazidos até os tempos atuais, para a acolhida de candidatos ao diaconato.

<sup>45</sup> FABRIS, R. As Cartas de Paulo (III), p. 253.

Por fim, temos a questão da mulher. Paulo não deixa claro em relação a quais mulheres está fazendo referência. Alguns compreendem como as esposas dos diáconos, visto que ele está se referindo a eles e logo depois se refere à família deles. Então a leitura mais natural seria de que tais mulheres citadas seriam suas esposas. Outras correntes compreendem como uma referência às mulheres que exerciam funções semelhantes aos diáconos e recebiam, portanto, o nome *diaconisas*.

Os teólogos que não acreditam que a perícopes se refira a diaconisas, mas tão somente caracteriza as esposas dos diáconos, justificam sua posição referindo-se às poucas indicações presentes para uma tão importante categoria ou ministério. Se assim fosse, Paulo deveria ter deixado melhores condições, como fez com os outros ministérios – episcopado, diaconato e presbiterado. Junto a isso, o próprio nome da possível ordem não aparece listado, o que difere da forma de escrita da carta. Esses parâmetros, portanto, caracterizam o versículo como referente as esposas diaconais:

Kelly afirma que os diáconos tinham uma função pública e que suas esposas, muitas vezes, se enciumavam dos maridos, e outras participavam ativamente na missão dos maridos, tomando a frente deles e se misturando na função, gerando aquilo que ele denomina da “guerra dos sexos”.<sup>46</sup>

Por outro lado, o texto poderia estar fazendo referência as diaconisas, mulheres que exerceriam as mesmas funções que os diáconos, dando prioridade ao serviço com as mulheres da comunidade. Para justificar esse posicionamento argumentam a natural inclinação das cartas pastorais para os *ofícios eclesiásticos*, e que este seria portanto, um caminho natural. Além disso, que a nomenclatura diácono se referiria a um serviço ou função, e não ao gênero dos membros. Ainda buscam justificar, fazendo referência às esposas dos episcopos, as quais não aparece nenhuma lista de dons ou qualidades. Desta forma, não se veria esperar tal lista para esposas de diáconos, as quais não possuíam nenhuma autoridade real sobre comunidade.

Com base em todos os argumentos citados, não tomaremos “partido” por escolher sobre o que o autor se refere, mas refletiremos sobre as características que Paulo traz àquelas mulheres que buscavam ajudar a comunidade em diversos serviços. O *ofício das diaconisas* é utilizado de maneira informal em todo Novo Testamento e, atualmente, utilizado em algumas igrejas, para além da Igreja Católica (luteranos, anglicanos etc.).

O autor da carta solicita que as mulheres próximas ao serviço da diaconia, sejam honradas, isto é dignas para a função que lhes é cabida e visível através do cuidado da casa,

---

<sup>46</sup> MAZZAROLO, I. 1 & 2 Timóteo e Tito, p. 45.

do marido e dos filhos que lhes eram confiadas; não maldizentes, isto é não-diabólicas, que não criem intrigas ou falsas acusações no meio da comunidade cristã; sóbrias, aqui com o sentido de temperantes, isto é, capazes de domínio próprio, não somente no uso de bebidas, mas para todas as ações que cabem ao seu serviço; fiéis em todas as coisas, visto que precisavam testemunhar, da mesma forma que os homens, a maturidade que possuíam, tanto na expressão da fé, como na ação da caridade para com os necessitados. As mulheres deveriam ser dotadas de caráter firme, de modo a permanecerem fiéis em toda e qualquer situação, nunca se afastando do trabalho e dos elevados ideais cristãos. Nesta carta não lhes é atribuída nenhuma função de ensino ou admoestação porém, na *Carta a Tito* são convidadas a serem boas conselheiras: “As mulheres idosas, igualmente, devem proceder como convém a pessoas santas: não sejam pessoas caluniadoras, nem escravas da bebida excessiva; mas sejam capazes de bons conselhos, de sorte que as recém-casadas aprendam com elas a amar maridos e filhos (...)” (*Tt* 2, 3-4).

### 1.3.2.3 Os Presbíteros

Este grupo pode ser considerado como o grupo dos anciãos da comunidade, e está inserido no capítulo cinco da carta a Timóteo, onde o grupo dos fiéis em geral é exortado. Trata-se daquelas pessoas mais experimentadas, homens ou mulheres, que podiam interceder junto aos outros grupos, como uma espécie de embaixadores.

No versículo dezessete, o autor da carta faz referência a uma dupla remuneração ao presbítero que bem preside sua comunidade. A escrita original não deixa claro o significado real do versículo, visto que usa a palavra honra ou honorário, podendo ser, realmente, um pagamento dobrado, ou também um significado metafórico, relacionado à dignidade do ofício:

Piú interessante per i problemi di struttura ecclesiale che suppongono sono i vv. 17-18. Due indizi a mio avviso decisivi impongono anzitutto di intendere *timé* nel senso di onorario e non genericamente di onore. Anzitutto la fondazione bíblica esposta nel v. 18, com riferimento a Dt 25,4, già citato per analoga applicazione in 1Cor 9,9, e a Lc 10,7 o ala parola del Signore che sta alla base di questo verseto. In secondo luogo um doppio honorário può essere calcolato in senso preciso, um doppio onore há solo um senso metafórico.<sup>47</sup>

<sup>47</sup> Mais interessante para o problema da estrutura eclesial do que supomos são os vv. 17-18. Dois indícios decisivos, na minha opinião se impõem, antes de tudo, para entender *timé* no sentido de honorário e não genericamente de honra. Primeiro de tudo, o fundamento bíblico exposto no v. 18, com referência ao Dt 25,4, já mencionada, por aplicação semelhante em 1Cor 9,9 e a Lc 10,7 ou a Palavra do Senhor que está na base deste verso. Em segundo lugar, uma taxa dupla pode ser calculada com precisão, uma dupla honra tem somente um sentido metafórico. (CITRINI, TULLIO. *Presbiterio e presbiteri. I. la vivacità degli inizi*, p. 24.)

Além disso, Timóteo não deveria aceitar acusações contra presbíteros sem o testemunho de, ao menos, duas ou três pessoas, para evitar, ao mesmo tempo, a leviandade de uma falsa acusação e a possibilidade de um injusto castigo, fazendo com que a vida da comunidade fosse livre de fofocas e maledicências. Por outro lado, Timóteo deveria repreender os presbíteros que caíam em pecado, de forma pública, para que este não volta-se a cair, devido à vergonha diante dos irmãos, e também para inibir outros a mesma prática pecaminosa.

Por fim, Paulo aconselha Timóteo para que seja imparcial diante de qualquer presbítero, sem fazer exceções por predileção, e também a não ter pressa para elevar homens da comunidade ao serviço do presbiterado, para não incorrer ao erro na escolha, participando, ele também, do pecado. Também é convidado a tomar um pouco de vinho, para que seu organismo se torne mais resistente diante das muitas dificuldades da vida pastoral que enfrenta cotidianamente. Paulo o lembra que nem sempre os pecados ou belezas dos homens são vistas por completo. Portanto, Timóteo deve agir com prudência e sabedoria na escolha e eleição dos presbíteros locais.

### 1.3.3 Os demais grupos

Timóteo e a comunidade de Éfeso são admoestados, na carta, sobre a conduta, nas ações e na fé, nos seus diversos grupos. Com diferentes serviços e características, de cada um era exigido uma determinada forma de proceder, seja na oração, na vida moral ou no testemunho da caridade com todos os irmãos da comunidade.

Em relação às mulheres, exorta sobre o pudor na forma de vestir, não somente para que conservasse o temor do Senhor no testemunho, mas para que as diferenças sociais não afetassem a relação comunitária. A vestimenta, assim como a forma de arrumar os cabelos, ou os adornos, são todas formas de distração, que afastam as pessoas, homens e mulheres, do compromisso com Deus, na vida de comunidade. Em relação ao ensino, as mulheres estão proibidas de manifestarem palavras na explanação e devem manter-se em silêncio, para evitar o domínio sobre o homem. A salvação da mulher não deve vir pela honra da pregação e ensino, mas pelo dom da maternidade e cuidado da família:

Paulo vê no desejo que algumas mulheres tem de dominar o marido uma falta contra a ordem da criação. Pois a mulher é , segundo a opinião do apóstolo e conforme se acha expresso nos textos do Antigo Testamento, *submissa ao homem*. O seu modo de pensar se acha apoiado em dois fatos, tirados do Antigo Testamento. Segundo o relato da criação, extraído do Gênesis (2,22), Adão foi criado antes da mulher. Por

isso, segundo a concepção semítica, o homem é o mais velho e a mulher como mais jovem, deve ser-lhe submissa. (...) É claro que tanto o homem quanto a mulher tem a mesma dignidade diante de Deus e acima de tudo o mesmo quinhão das graças de Jesus Cristo. Quanto a isso não há diferença. Mas essa ordem não pode, de maneira alguma, ser confundida com um domínio do homem sobre a mulher.<sup>48</sup>

Outra exortação é feita em relação às *viúvas*. Paulo diferencia o grupo, entre as verdadeiras e “falsas” viúvas. A recomendação é que as mulheres mais necessitadas deveriam ser o grupo auxiliado e acolhido pela Igreja. Nesta categoria estão as mulheres com mais de sessenta anos, que não tem como obter sustento, visto que não possuem filho ou outro parente vivo. Além disso, a mulher não deveria buscar outro homem para o lugar de seu finado marido, mantendo-se disponível para Deus, e também ter dado testemunho de cuidado de seu marido e de boas obras durante a vida. Estas características qualificam uma viúva para ser acolhida e cuidada pela Igreja cristã. Mulheres jovens, que viessem a se tornar viúvas, eram convidadas a trabalhar para a comunidade, para dar provas de seu valor, antes de participar plenamente deste que tornou-se, na atual teologia um *lugar teológico*, um grupo de normas e características, que perpassa o tempo e se torna presente em diversos momentos da vida cristã. Inicialmente, essas normas ajudaram a classificar e separar as mulheres que tinham uma conduta cristã ilibada:

O número de mulheres que se qualificariam para participar do rol das viúvas, amparadas pela Igreja, seria conservado pequeno; e é provável que esta passagem foi escrita não meramente para dirigir, e sim, para corrigir as condições então existentes. O número de viúvas sustentadas pelas igrejas primitivas era grande demais; muitas dessas viúvas não eram crentes devotas, havendo até mesmo aquelas que tinham provocado escândalos contra o bom nome do cristianismo.<sup>49</sup>

Uma palavra é dirigida, também, em relação aos *escravos*. São somente dois versículos no sexto e último capítulo do livro e buscam pautar as relações entre escravo e senhor a partir do amor cristão e da resiliência necessária. Não é correto buscar respostas para um problema histórico, social e político como a escravidão, olhando essa pequena períclope. No entanto, o autor propõe uma linha pacífica de conduta na relação entre eles. Trazer aos escravos, primeiramente uma liberdade espiritual, para que a tão sonhada liberdade social pudesse acontecer um dia. Como o assunto ainda era delicado de ser tratado, encontramos divergências nas próprias cartas paulinas:

A escravidão era uma realidade comum no mundo antigo e, diante dessa realidade, no início do cristianismo primitivo, encontramos duas linhas de orientação, um pouco distintas uma da outra: a) nas cartas pastorais e em Rm 13, há certo conformismo; b) na carta a Filemon, a postura é de libertação e ruptura com o

<sup>48</sup> REUSS, JOSEPH. A primeira Epístola a Timóteo, p. 49.

<sup>49</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo, p. 333.

esquema. A orientação não podia se única, pois precisava de sabedoria e metodologia a fim de que o nome de Deus não fosse blasfemado. No entanto, a blasfêmia da escravidão deveria ser, aos poucos, banida dos ambientes cristãos.<sup>50</sup>

A última admoestação da carta a Timóteo é feita aos abastados financeiramente, aos ricos, conforme palavra usada na própria carta. Diferente de outros momentos, onde a riqueza era demonizada e vista de um aspecto puramente negativo, aqui se busca encontrar uma finalidade para o seu correto uso, ou seja, alguns elementos positivos são elencados nesta pequena períclope. O autor da carta coloca em perspectiva a utilização correta dos bens diante da perenidade da vida. O acúmulo de riquezas neste mundo deve servir para a prática do bem, em vista da vida eterna. Paulo destaca a prática de obras como forma de acumular tesouros no céu, realizando assim a prática cristã de perfeição na terra.

**Despedida:** “Timóteo, guarda o depósito, evita o palavreado vão e ímpio, e as contradições de uma falsa ciência, pois alguns, professando-a, se desviaram da fé.” (1Tm 6,20-21).

Nos versículos finais, o autor resume o pensamento da epístola: conservar a fé cristã, guardando o conteúdo da fé, e combater a doutrina enganadora. Timóteo recebe a importante missão de guardar a doutrina recebida dos apóstolos e transmitir de forma correta e sincera esta mesma doutrina a todos que decidem abraçar a fé em Cristo Jesus. Timóteo é exortado a não discutir diante das mazelas diárias, mas repelir os pecados, através da oração constante, do bom testemunho de suas ações e, no seu caso particular, da boa administração da cidade de Éfeso, guardando e transmitindo a mensagem da Boa-nova da salvação pascal.

---

<sup>50</sup> MAZZAROLO, I. *1 & 2 Timóteo e Tito*, p. 129.

## CAPÍTULO 2 - A “CARTA” DE FRANCISCO: EVANGELII GAUDIUM

Após termos visitado a cidade de Éfeso, através da Carta enviada a Timóteo, onde pudemos conhecer as dificuldades enfrentadas pelos cristãos no final do primeiro século e os conselhos e exortações para enfrentar tais problemas, bem como sugestões para organizar a vida da comunidade, facilitando a evangelização dos grupos ou novas comunidades e refutando as ameaças de doutrinas enganadoras que iam aparecendo, iremos apresentar a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, onde o Papa Francisco sinaliza um novo rumo para a Igreja Católica, renovando o conteúdo do *Concílio Vaticano II* e sugerindo caminhos para uma *nova evangelização*.

O documento completará sete anos neste ano de 2020, e foi o primeiro a ser promulgado no pontificado de Papa Francisco, que completava seu primeiro ano no pontificado da Igreja. Foi um escrito muito esperado, visto que toda a Igreja aguardava as primeiras instruções “oficiais” do bispo de Roma, que tem origem Argentina, algo inusitado para a cátedra de Pedro. A exortação foi uma expressão da colegialidade e um sinal muito claro da presença de Deus junto ao seu povo. A carta é dirigida “aos fiéis cristãos a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por essa alegria” (EG 1).

À semelhança da carta enviada ao jovem Timóteo, no Novo Testamento, Papa Francisco vai nos apresentando diferentes problemas enfrentados pela sociedade, não só identificados agora, mas que foram tomando forma com o decorrer dos séculos, e pedem da comunidade católica uma nova ação e testemunho, para que encontrem solução. Não se trata de apresentar propostas ou soluções prontas, mas oferecer caminhos para solucionar ou encaminhar as necessidades, traço comum no atual papado:

Observando a estrutura do texto, verificamos que o Papa nunca assume a postura didática de identificar os problemas para, em capítulos posteriores, apresentar soluções. Aliás, ele mesmo frisa que “não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo”. (EG 16) Na medida em que ele descreve as situações e atitudes contrárias à evangelização, vai também propondo novos caminhos. Propõe caminhos, não dá respostas prontas.<sup>51</sup>

Neste capítulo, tentaremos compreender o pensamento do Papa Francisco e quais linhas de reflexão e ação ele nos sugere no documento *Evangelii Gaudium*. Para isso, vamos conhecer um pouco da teologia que o cardeal Mario Bergoglio (nome de batismo do Papa

---

<sup>51</sup> AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). *Evangelii Gaudium em Questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, p. 14.



Francisco) traçou durante sua vida, em linhas gerais. Junto a isso, buscaremos relatar o momento da transição entre o papado de Joseph Ratzinger (Bento XVI) e o de Francisco. Isso nos ajudará a entender a situação que a Igreja estava enfrentando, na época e a leitura que o papa fazia dessa situação ao escrever a carta encíclica.

A seguir tentaremos discernir o destinatário para o qual Papa Francisco endereça esta mensagem. Certamente todo o povo de Deus é convidado a tomar contato com os conselhos de seu papa, em todos os períodos da história, e também refletir sobre eles e colocá-los em prática, na medida do possível, entretanto, a *Evangelii Gaudium* traz alguns conselhos e admoestações específicas, da mesma forma que Timóteo recebeu em sua carta, na Bíblia. Por exemplo, uma parte da carta é endereçada ao clero, de forma pontual. Bispos, sacerdotes e diáconos recebem conselhos específicos sobre sua missão, dentre outros grupos. Conhecendo alguns destinatários do documento, poderemos compreender e definir melhor a sua missão na ação evangelizadora.

Por fim, abordaremos o documento em si. Tentaremos trazer de forma sucinta os principais pontos tratados na *Alegria do Evangelho*, para que o leitor possa conhecer *in loco* quais as linhas de doutrina e de que forma esta carta encíclica afeta não só os destinatários específicos, mas a comunidade cristã, em geral. Para termos uma ideia geral do que estaria por vir, no dia 14 de março de 2013, na primeira missa rezada pelo pontífice aos seus cardeais, ele os provocou, lembrando a passagem bíblica de *Mt 7, 24ss*<sup>52</sup>, sobre a construção da casa sobre a rocha, e a necessidade de apoiar a obra da Igreja em Cristo, como pedra angular. Em sua primeira homilia, Francisco já desafiava os líderes da Igreja a buscarem estabelecer seu compromisso com a Igreja, embasados nesta rocha de fundamento, nesta base sólida, que é o próprio Cristo:

Essa era uma imagem surpreendente. Ele estava dizendo que a Igreja poderia desmoronar, como os castelos de areia desmoronam na praia, se não for fundamentada em Cristo, se buscar qualquer outra base, até a base das boas ações. Somente quando estiver fundamentada em Cristo ela pode estar segura. de outra forma, desmorona sob as pressões do mundo. Ele estava pedindo aos cardeais e a todos os que ouviam para estabelecer um novo compromisso com a Igreja, na Igreja, com Cristo, como ponto de partida para qualquer atividade, qualquer movimento, qualquer edificação.<sup>53</sup>

<sup>52</sup> “Assim, todo aquele que ouve essas minhas palavras e as põe em prática será comparado ao homem sensato que construiu sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, mas ela não caiu, porque estava alicerçada na rocha.” (Bíblia de Jerusalém, 5ª impres. 2008)

<sup>53</sup> MOYNIHAN, R. *Rezema por mim: A vida e a visão espiritual do Papa Francisco: o primeiro papa das Américas*, p. 69.

Fruto da 13ª Assembleia Geral Ordinária dos bispos, que discutiram sobre a Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã, acontecida no ano anterior em Roma, este primeiro documento quer ser um marco programático para o governo da Igreja nos próximos anos, como o próprio Francisco coloca no início do documento.

## 2. 1 O PAPADO E A TEOLOGIA DE FRANCISCO

Jorge Mario Bergoglio recebeu sua formação na escola dos jesuítas. Desta forma, seu pensamento, conduta, teologia e método pastoral são fortemente influenciados por Santo Inácio de Loyola e seus *exercícios espirituais*, onde encontrou um Cristo muito próximo aos pobres e aprendeu a condenar seus opressores. O lema do brasão episcopal nos mostra a forma e o mote que Francisco iria conduzir seu ministério petrino – com misericórdia – e assim o elegeu:

O mote do Santo Padre Francisco foi tirado das Homilias de São Beda o Venerável, sacerdote (Hom. 21; CCL 1, 22, 149-151), o qual, comentando o episódio evangélico da vocação de São Mateus, escreve: «Vidit ergo Iesus publicanum et quia miserando atque eligendo vidit, ait illi Sequere me» (Viu Jesus um publicano e dado que olhou para ele com sentimento de amor e o escolheu, disse-lhe: Segue-me). Esta homilia é uma homenagem à misericórdia divina e é reproduzida na Liturgia das Horas da festa de São Mateus. Ela reveste um significado especial na vida e no itinerário espiritual do Papa. Com efeito, na festa de São Mateus do ano de 1953, o jovem Jorge Bergoglio experimentou, com 17 anos, de modo totalmente particular, a presença amorosa de Deus na sua vida. Depois de uma confissão, sentiu o seu coração ser tocado e sentiu a descida da misericórdia de Deus, que com o olhar de amor terno, o chamava à vida religiosa, a exemplo de Santo Inácio de Loyola.<sup>54</sup>

No momento em que é eleito Papa de toda a Igreja, Bergoglio atuava como arcebispo em Buenos Aires e primaz da Argentina, sendo uma figura proeminente em todo o continente. No ano de 2001 foi elevado a Cardeal pelo então Papa João Paulo II e pediu que os fiéis doassem o dinheiro que gastariam viajando a Roma para prestigiar esta indicação, aos pobres necessitados.<sup>55</sup> No mesmo ano, como relator-geral da 10ª Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos sobre o ministério episcopal, enfatizou a importância e o papel do episcopo como pregador incansável da doutrina social da Igreja e juiz autêntico em questões de fé e moral.

Tanto em Buenos Aires, com os diversos serviços realizados em uma diocese com mais de três milhões de habitantes, em todos os setores de evangelização, mas sobretudo dando um caráter continental para as obras sociais de caridade, quanto em Roma, onde o

<sup>54</sup> LIBRERIA EDITRICE VATICANA. Disponível em:

<<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/elezione/stemma-papa-francesco.html>>. Acesso em: 10/06/2020.

<sup>55</sup> MOYNIHAN, R. *Rezem por mim: A vida e a visão espiritual do Papa Francisco: o primeiro papa das Américas*, p. 37.

cardeal Bergoglio trabalhava em várias congregações, Conselhos e Comissões, vamos percebendo que a vivência eclesial e a formação que possuía vão lhe aproximando da cátedra de Pedro, como um possível candidato para esta.

Na praça de São Pedro, no dia 13 de março de 2013, após alguns escrutínios, a fumaça branca indicava que o Espírito Santo, através dos cardeais no conclave, elegia um novo representante para o ministério petrino, vindo de muito longe, como ele mesmo se expressa em sua primeira fala ao povo, onde, após agradecer a todos por ter “ido busca-lo quase no fim do mundo”, faz algo inesperado no momento, mas que, após sete anos, demonstra o perfil do papado de Francisco: no momento da sua primeira bênção apostólica, o Papa pede para que a comunidade lhe abençoe:

“Agora gostaria de dar a bênção, mas antes peço a vocês um favor. Antes que o bispo abençoe o povo, peço que vocês rezem ao Senhor para que me abençoe: a oração do povo pedindo a bênção para seu bispo. Façamos em silêncio esta oração de vocês sobre mim...”<sup>56</sup>

### 2.1.1 O Momento da Igreja antes e depois da eleição

Francisco tornou-se o sucessor de Pedro após a renúncia de Joseph Ratzinger, que acontecia no mês de fevereiro daquele mesmo ano. Não é o objeto deste trabalho buscar razões para este fato, ou possíveis avaliações positivas ou negativas, mas precisamos recordar aqui o momento vivido pelo papado de Bento XVI e herdado, posteriormente por Francisco.

Muitos especuladores teceram críticas sobre a renúncia do papa, na tentativa de explicar o motivo para tal ação ou uma justificativa para ele. Fato é que o papa Bento XVI enfrentou muitas dificuldades no seu período de papado. Passando pela questão da pedofilia, onde demonstrou incansável força, mesmo quando deveria agir contra seus sacerdotes; diversas tensões no governo da cúria romana, onde encontrou dificuldades com o fenômeno do carreirismo e lutas internas, impregnadas de ideologias e correntes de pensamentos; até os casos pontuais com os bispos lefebvrianos, onde buscava a reconciliação, e o caso Vatileaks, que revelou a corrupção dentro das paredes curiais. Certamente foram muitos e desgastantes os desafios que a Igreja enfrentou, tendo como escudo o papa Ratzinger. O desgaste sofrido em seu governo gerou cansaço e incertezas com o passar do tempo, gerando a renúncia:

Para apresentar sua renúncia, Bento XVI aguardou um período de relativa calma, após a tempestade do Vatileaks. Foi um gesto de liberdade e de humildade, que ele cumpriu pedindo “perdão por todos os meus defeitos” e deixando ao sucessor uma

<sup>56</sup> TORNIELLI, A. *Francisco: A vida e as ideias do Papa Latino-Americano*, p. 19.

tarefa difícil. Seu gesto contribuiu de algum modo para levar também o papado a uma dimensão de “normalidade” episcopal, com um bispo de Roma emérito que se retirava para um apartamento dentro do Vaticano para viver em oração, “escondido do mundo”. Entre aqueles muros, agora se hospedarão o novo pontífice e seu predecessor – algo que nunca tinha acontecido. A última surpresa de Ratzinger.<sup>57</sup>

Um dos expoentes onde Papa Francisco moldou sua teologia e o ajudou a formar sua base de pensamento para o futuro, foi o Papa Paulo VI. A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, escrita por ele, foi fruto de diversos recortes no documento *Evangelii Gaudium*. Escrita em 1975 e endereçada ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a Igreja, a exortação buscou traçar linhas para o processo de evangelização no mundo contemporâneo. O documento recorda que a mensagem evangélica, para a Igreja, não é uma contribuição facultativa, mas um imperativo, a mando do Senhor Jesus, a fim de que todos os homens possam acreditar e ser salvos (EN 5). Partindo de Jesus, como o primeiro evangelizador, Paulo VI identifica sinais da missão evangelizadora em toda história, bem como a diversidade neste ardor evangelizador, em cada cultura, povo, ou categoria eclesial. A evangelização é uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado (EN 24). Muito da cristologia do Papa Francisco é fruto do pensamento de Paulo VI, presente na Encíclica:

O desejo do Papa Paulo VI ao escrever a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* é o testemunho e anúncio da alegria de Cristo de quem teve uma vida transformada pela acolhida da Boa Nova (cf. EN 80). A cristologia implícita neste texto pode ser caracterizada como sendo uma Cristologia pneumatológica, trinitária e encarnada.<sup>58</sup>

Quando refere-se ao clero, a exortação recorda que a pregação do Evangelho impele primária e imediatamente aos bispos com Pedro e sob Pedro. O poder pleno, supremo e universal que Cristo confia ao seu vigário para o governo pastoral da sua Igreja acha-se na atividade de pregar e de mandar pregar a Boa-Nova de salvação (EN 67). Aos bispos cabe a missão de ensinar na Igreja a verdade revelada. São os mestres da fé. Os sacerdotes, como pastores de um rebanho, são responsáveis por constituir o múnus da unidade dentro dos muitos serviços realizados diariamente, e constituindo a finalidade de todo o agir: anunciar o Evangelho de Deus (EN 68). Papa Francisco sempre tem demonstrado, durante seu período de pontificado, a importância de a Igreja ser “artífice” da unidade, servindo a verdade que pode libertar. Esta preocupação com o outro se mostrou presente na mensagem final do documento

<sup>57</sup> TORNIELLI, A. *Francisco: A vida e as ideias do Papa Latino-Americano*, p. 29.

<sup>58</sup> MÜLLER, Paulo Eduardo. *A Cristologia na Evangelii Gaudium do Papa Francisco: uma abordagem pastoral da pessoa de Jesus Cristo*. 109 f. Mestrado em Teologia – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

papal de 1975: “Será também um sinal de amor o esforço para transmitir aos cristãos, não dúvidas ou incertezas nascidas de uma erudição mal assimilada, mas certezas sólidas, porque ancoradas na Palavra de Deus. Sim, os fiéis precisam dessas certezas para a sua vida cristã, eles têm mesmo direito a elas, na medida em que são filhos de Deus, que se abandonam inteiramente nos seus braços, às exigências do amor.” (EN 79)

Outro documento importante, na esteira da *Evangelii Gaudium* foi o *Documento de Aparecida*. Fruto da Quinta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, o texto lançado em 2007 traz o enfoque nos discípulos-missionários, como todo o batizado que, escutando a voz do Senhor Jesus o escuta e o segue cumprindo a missão evangelizadora recebida pelo Cristo-Mestre. “Neste encontro com Cristo, queremos expressar a alegria de sermos discípulos do Senhor e de termos sido enviados com o tesouro do Evangelho. Ser cristão não é uma carga, mas um dom: Deus Pai nos abençoou em Jesus Cristo seu Filho, Salvador do mundo (Dap 28). Bento XVI desenvolve, na primeira parte, um olhar sobre os discípulos de Cristo, refletindo sua realidade sociocultural, econômica e política e outros aspectos que influenciam o cotidiano do povo de Deus. A segunda parte do documento reflete o aspecto cristológico dos discípulos-missionários e a comunhão destes com a *Ekklesia*, com a sociedade e com o próprio Cristo. Renova a proposição feita em *Santo Domingo* de uma conversão pastoral e acrescenta a necessidade de uma conversão eclesial e reforma de muitas estruturas da Igreja. A *Igreja em saída* se realiza no processo ver-julgar-agir e na inserção da Igreja no mundo na intenção de levar seu tesouro mais precioso, o próprio Cristo:

Em resumo, ver à luz da Providência, julgar segundo Jesus Cristo e agir a partir da Igreja, ou seja, uma teologia que não se articula a partir da experiência, da história, dos acontecimentos, dos sinais dos tempos e, portanto, a-histórica, dedutiva, é irrelevante para seu contexto. Aqui aparece a dificuldade dos censores em reconhecer a densidade teológica da história, da experiência humana, da vida cotidiana, dos fatos. É aquela mentalidade que o “profano” não tem nada a dizer para a Igreja e que a secularização, enquanto reconhecimento da autonomia do temporal, atenta contra o espiritual.<sup>59</sup>

Em relação às vocações específicas, como destinatários desta que também o são, *Aparecida* recorda que o *bispo* é o princípio e construtor de unidade na Igreja Particular e santificador do povo, tendo como tarefa serem mestres da fé, anunciadores da Palavra de Deus e administradores dos sacramentos. (Dap 189) Aos *presbíteros*, um tríplice desafio se apresenta: Compreender seu sacerdócio ministerial como dom para a comunidade e seu sacerdócio comum dos fiéis (Dap 193); a necessidade de uma inserção deste sacerdócio na

---

<sup>59</sup> BRIGHENTI, Agenor. Documento de Aparecida: o texto original, o texto oficial e o Papa Francisco. *Pistis Práxis*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 673-713, set./dez. 2016.

cultura do tempo e do local da comunidade, sem tornar-se anacrônica (DAp 194); e a necessidade de exercitar a caridade pastoral, com base na vivência do celibato e na comunhão com o bispo local. (DAp 195). Os *diáconos* são chamados a formar-se adequadamente humana, espiritual, doutrinal e pastoralmente, para que possam exercer seu ministério, de forma especial em favor dos mais necessitados, dando testemunho evangélico de acordo com o seu grau de ordem.

Podemos dizer que o Papa Francisco “herda” de seu antecessor uma sociedade frágil que vive uma *mudança de época*, em meio a uma crise da modernidade, da razão técnica, permeada pela descrença e relativismo não somente em relação às crenças, mas também às instituições tradicionais. É o que Baumann chama *sociedade líquida*:

A sociedade imediata é leve e infinitamente mais dinâmica do que a modernidade sólida que foi suplantada, tudo isso exige uma nova compreensão das formas das relações sociais.<sup>60</sup>

Esta mudança de realidade, inclusive na instituição católica, exigiu da Igreja uma transformação iniciada já no Concílio Vaticano II, porém com a eleição de Francisco, recebeu uma nova expressão, manifestando mais que nunca, a necessidade da relação desta Igreja com o mundo, o que já havia sido mencionado no dito Concílio. Passados cinquenta anos da realização do Vaticano II, enxergamos poucos avanços nesta renovação idealizada por João XXIII. De forma especial, a América Latina buscou avançar nas relações eclesiais, não sem enfrentar muitos entraves e dificuldades.

Em meio a uma sociedade individualista, onde as ideologias acentuam o imediatismo e utilitarismo, inclusive do ser humano, enfraquecendo não somente as relações entre os homens, mas também com todo o planeta, através do cuidado com a natureza e seus recursos, Papa Francisco nos convida a um novo olhar em relação a nossa relação com o outro. Mais que isso, o Papa nos convida a uma nova postura de “cercania”: ir ao encontro do outro, sair ao encontro de quem está fora desta Igreja.

Chamados a promover a cultura do encontro. Em muitos ambientes, infelizmente, ganhou espaço a cultura da exclusão, a “cultura do descartável”. Não há lugar para o idoso, nem para o filho indesejado; não há tempo para se deter com o pobre caído à margem da estrada. Às vezes parece que, para alguns, as relações humanas sejam regidas por dois “dogmas” modernos: eficiência e pragmatismo. Queridos Bispos, sacerdotes, religiosos e também vocês, seminaristas, que se preparam para o ministério, tenham a coragem de ir contra a corrente. Não renunciemos a este dom de Deus: a única família dos seus filhos. O encontro e o acolhimento de todos, a

---

<sup>60</sup> BAUMANN, Z. *Modernidade Líquida*. p. 25.

solidariedade e a fraternidade são os elementos que tornam a nossa civilização verdadeiramente humana.<sup>61</sup>

### 2.1.2 O Destinatário da *Evangelii Gaudium* e sua missão

A Exortação Apostólica *Alegria do Evangelho*, dirigida a todos fiéis cristãos, foi um convite para uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria daqueles que se encontram com Jesus (EG 1). Papa Francisco tinha, também, o compromisso de indicar alguns caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos. O desafio da evangelização, que deve levar a uma experiência de fé, é tarefa e responsabilidade da Igreja, e esta, por sua vez, está inserida no mundo. Desta forma, mais que seus problemas internos, a Igreja pensa a partir de sua missão.

A mensagem do documento traz em seu cerne algumas das conclusões do Sínodo dos Bispos, realizado no ano anterior. 2012, cujo tema foi *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*. Em seu instrumento de trabalho trouxe quatro pontos: a redescoberta do encontro com Jesus Cristo, as transformações que influenciam as comunidades neste processo de nova evangelização, uma análise dos lugares fundamentais onde a fé cristã é transmitida (fundamentalmente, a catequese, a liturgia e a caridade) e os setores da ação pastoral que se dedicam ao anúncio evangelizador.

Ao final da assembleia, a mensagem final do sínodo, endereçada a comunidade católica, afirma a necessidade de a Igreja renovar o ardor missionário, inserida no mundo, que passa por profundas modificações. O atual cenário da sociedade, seja cultura, econômica, religiosa ou socialmente, exigem uma renovação em nossa experiência comunitária de fé, traçando novos métodos e expressões de ação.

Alguns pontos essenciais foram revistos, entre eles o papel da paróquia, onde se ressaltou a necessidade de uma revisão do programa pastoral e também o estabelecimento de maior cooperação entre a humanidade, promovendo uma Igreja particular mais comunitária. Acentuou-se a necessidade de aproximar o ato de evangelização com o compromisso com o irmão, de forma que “toda atividade da Igreja tenha uma marca evangelizadora essencial e nunca deva ser separada do compromisso de a todos ajudar a encontrar o Cristo na fé”<sup>62</sup>.

<sup>61</sup> HOMILIA DO SANTO PADRE AOS BISPOS DA JMJ, SACERDOTES, RELIGIOSOS E SEMINARISTAS. *Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil*, p. 38.

<sup>62</sup> SÍNODO DOS BISPOS. XIII Assembleia Geral Ordinária. *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Instrumentum Laboris*, nº 34. São Paulo: Paulinas, 2012.

No entanto, houveram alguns aspectos do sínodo considerados insuficientes, e com futura possibilidade de revisão. Dentre estes, podemos mencionar a ausência da participação dos leigos, como especialistas e observadores; a não observância do histórico de evangelização, isto é, pouco se refletiu sobre os aspectos positivos e negativos da evangelização na história da Igreja; pouca ou nenhuma referência a vida religiosa e metodologia pouco produtiva.

Este processo sinodal nos ajuda a compreender a necessidade cada vez maior de uma revisão na relação entre todas as estruturas eclesiais e seus protagonistas. Papa Francisco tem nos mostrado o quanto é importante a releitura da ação da Igreja e sua recepção pela comunidade cristã. Esse é um conceito que foi sendo cada vez trabalhado nos documentos posteriores, não somente os pontifícios, mas também no Brasil, temos percebido uma nova compreensão em relação a realidade pastoral de nossas comunidades:

É urgente uma revitalização da comunidade paroquial para que nela resplandeça, cada vez mais, a comunidade acolhedora, samaritana, orante e eucarística. A participação na Eucaristia não se reduz ao fato de todos cantarem e rezarem juntos. É preciso formar o Corpo Místico de Cristo, no qual todos se integram como membros que vivem na unidade. Muitas comunidades podem se autocompreender apenas como a junção de muitos interesses individuais que se reúnem para atender às demandas pessoais de religiosidade. Esse não é o conceito cristão de comunidade<sup>63</sup>

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* dá, portanto, continuidade a essa reflexão sobre a nova evangelização para a transmissão da fé cristã e o anúncio do Evangelho na atualidade. “Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem” (EG 9). A transmissão da Boa-Nova se faz no encontro com o outro, na vivência da alteridade, pois “ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe (EG 113).

A “Igreja em saída”, termo utilizado inúmeras vezes por Francisco, para representar a necessidade de uma verdadeira e profícua atividade missionária em nossas comunidades, tem no *pobre* um dos seus interlocutores, ganhando espaço, não somente como lugar teológico, mas reafirmando uma das principais missões da Igreja: o cuidado com os mais necessitados.

---

<sup>63</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*. nº 56. São Paulo: Paulinas, 2014 (Documentos da CNBB, 100).



A cultura do cuidado com o que mais precisa já tomou diferentes rostos desde o Vaticano II, passando desde o desprovido de sustento material, até os necessitados de dignidade e igualdade de direitos, como o negro e a mulher. As conferências episcopais de *Puebla*, *Medellin* e *Santo Domingos*, entre outras, trouxeram importantes conclusões para a questão:

*Medellin*, com o Vaticano II, ao optar pelo ser humano, dado o contexto marcado por escandalosa exclusão da maioria, que são os preferidos de Deus, opta antes pelos pobres (Med 14,9), pois se trata de promover a fraternidade de todo gênero humano, dos filhos de Deus. Essa opção consiste em fazer do pobre não um objeto de caridade, mas sujeito de sua própria libertação: “a promoção humana será a perspectiva de nossa ação em favor do pobre, respeitando sua dignidade pessoal e ensinando-lhe a ajudar-se a si mesmo” (Med 14,10). Por isso, a opção pelos pobres, mais que um trabalho prioritário, é uma ótica, que cabe a todos, mas a partir do pobre, em vista de um mundo inclusivo de todos. *Puebla* reafirma *Medellin*, mas com adjetivos de cautela. Vai dizer que a Igreja fez uma opção preferencial pelos pobres (DP382), solidária (DP1134), especial (DP 1144). Frisa que houve desvios e interpretações que desvirtuam o espírito de *Medellin* (DP 1134). Na opção pelos pobres, adverte que há sinais que ajudam a discernir quando se trata de libertação cristã e quando, ao contrário, se nutre de ideologias que anulam a visão evangélica (DP 489). Para *Santo Domingo*, a Doutrina social da Igreja se constitui a base e estímulo de uma autêntica opção preferencial pelos pobres (SD 50). Mas vai ajuntar os adjetivos em torno da opção pelos pobres: uma opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, porém não inclusiva e nem excludente.<sup>64</sup>

Além do pobre, a figura da *mulher* aparece muito marcada no documento, como receptora da mensagem, mas também transmissora, enquanto presença marcante na vida de todas as comunidades cristãs: “duplamente pobre são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente tem menores possibilidades de defender os seus direitos. E, todavia, também entre elas, encontramos continuamente os mais admiráveis gestos de heroísmo cotidiano na defesa e no cuidado da fragilidade das suas famílias” (EG 212).

Terceiro protagonista emblemático da mensagem papal é o *migrante*. Papa Francisco dá destaque a estes, fazendo referência a “Igreja sem fronteiras”, da qual é pontífice e a faz mãe de todos que são viandantes pelo mundo. No documento, Francisco exorta os países a se tornarem abertos a acolhida de tantos migrantes que vagam, pelas mais diversas necessidades: “Por isso, exorto os países a uma abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais. Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os que são diferentes, fazendo desta integração um novo fator de progresso!” (EG 210).

---

<sup>64</sup> UNIÃO MARISTA DO BRASIL - UMBRASIL. *Utopias do Vaticano II: que sociedade queremos? – Diálogos*. p. 249.

O programa sugerido pelo Papa Francisco em sua *Evangelii Gaudium*, e portanto a essência do processo evangelizador, aparece em diversos documentos posteriores do pontífice, de forma que não se tratou de alguma “elocubração” de início de pontificado, mas uma real compreensão da necessidade de evangelização de nossa época atual. Uma marca papal de Francisco, presente em todos seus documentos é a forma próxima com que escreve ao destinatário, criando uma real empatia com seu interlocutor.

Em sua carta encíclica *Lumen Fidei*, sobre a fé, o bispo de Roma retorna o assunto do cuidado humano, com base na compreensão de fé que nossa sociedade possui: “no centro da fé bíblica, há o amor de Deus, o seu cuidado concreto por cada pessoa, o seu desejo de salvação que abraça toda a humanidade e a criação inteira e que atinge o clímax na encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Quando se obscurece esta realidade, falta o critério para individuar o que torna preciosa e única a vida do homem; e este perde o seu lugar no universo, extravia-se na natureza, renunciando à própria responsabilidade moral, ou então pretende ser árbitro absoluto, arrogando-se um poder de manipulação sem limites (LF 54).

Na exortação apostólica *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família, Papa Francisco demonstra, mais uma vez a necessidade da Igreja buscar escutar e adequar, dentro da doutrina de a Igreja, os problemas atuais da sociedade: “O discernimento deve ajudar a encontrar os caminhos possíveis de resposta a Deus e de crescimento no meio dos limites. Por pensar que tudo seja branco ou preto, às vezes fechamos o caminho da graça e do crescimento e desencorajamos percursos de santificação que dão glória a Deus. (...) A pastoral concreta dos ministros e das comunidades não pode deixar de incorporar esta realidade.

Percebemos que, no seu estilo evangelizador, a *Alegria do Evangelho* traz a constante necessidade da partilha desta alegre novidade, que exige de todos uma inovadora criatividade para que a evangelização aconteça sempre em chave missionária. “Convido a todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. Uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para alcançá-los, está condenada a traduzir-se em mera fantasia. A todos exorto a aplicarem, com generosidade e coragem, as orientações deste documento, sem impedimentos nem receios” (EG 33).

Voltemos novamente nosso olhar aos destinatários clérigos e religiosos, onde Papa Francisco realiza o constante convite ao ardor missionário com alegria. Esta característica permanece ainda no atual *Gaudete et Exsultate*, sobre a chamada à santidade no mundo atual,

onde Francisco recorda que a santidade é fruto de uma busca permanente, onde não há lugar para a burocracia e ineficácia de uma Igreja e membros apáticos: “move-nos o exemplo de tantos sacerdotes, religiosas, religiosos e leigos que se dedicam a servir com grande fidelidade, muitas vezes arriscando a vida e, sem dúvida, à custa da sua comodidade. O seu testemunho lembra-nos que a Igreja não precisa de muitos burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida. Os santos surpreendem, desinstalam, porque a sua vida nos chama a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora” (GE 138).

Esse discurso de *hospitalidade* trazido no documento de Francisco faz sentido em uma sociedade cada vez mais frágil e instrumentalizada, carente de ser escutada. Encontra também alguns empecilhos pela tamanha *diversidade* crescente em todos os campos, inclusive o campo da fé. Desde o Concílio Vaticano II, obviamente não causado por ele, diversas manifestações da fé foram aparecendo ou crescendo no decorrer dos anos, apoiadas pela própria mudança na sociedade.

Dentro da própria Igreja católica vivemos, nas últimas décadas uma grande diversidade de manifestações de fé, através das mais diversas formas de viver a espiritualidade e a recepção dos sacramentos. Indo aos extremos do intimismo da fé ou da ação social sem fé, a Igreja precisou se reinventar para buscar formas de acolher estes novos protagonistas da vida eclesial, bem como ajudá-los a caminhar junto aos demais peregrinos da comunidade cristã. A *Evangelium Gaudium* se direciona, também, a estas pessoas, na tentativa de direcionar e trazer algumas diretrizes para uma boa vivência desta catolicidade:

Esta pluralidade na catolicidade pode ser positiva à Igreja, quando entendemos a fé cristã como uma opção, algo a ser escolhido de forma pessoal ou grupal. Também pode ser positiva quando entendemos a fé cristã como uma oferta, como algo que precisa ou pode ser oferecido para o homem de hoje. O processo de síntese (consenso) que a tradição cristã elabora é também plural no sentido de ser um diálogo entre o centro da fé (ortodoxia) e a periferia da fé, ou seja, as compreensões emergentes, múltiplas que convivem lado a lado.<sup>65</sup>

A Igreja do Papa Francisco, assumindo-se como a Igreja de Jesus Cristo, busca o compromisso de alcançar a todos que desejarem receber esta mensagem de salvação. Como escreveu São Paulo, em sua *Carta aos Gálatas*, não há judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos são um em Cristo, a Igreja toda é convidada à missão e,

---

<sup>65</sup> MORSCHER, Heitor. *A catolicidade da Igreja à luz da Evangelium Gaudium e os desafios da sociedade plural*. 119 f. Mestrado em Teologia – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

insistentemente somos chamados a sair. “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49).

## 2.2 A ALEGRIA DO EVANGELHO

A novidade de Francisco, em seu pontificado, vem a nós com o alegre anúncio do Evangelho. Fazendo referência a tantos cristãos que “parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa” (EG 6), a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium tem a intenção de renovar o ardor missionário de toda comunidade católica, traçando novas linhas pastorais para a sociedade atual, em constantes mudanças.

Preponderantemente pastoral, os cinco capítulos que formam o documento trazem temáticas atuais como a Igreja necessitada de reforma e em contínua saída, os agentes pastorais e suas tentações, a missão em suas diversas facetas (motivação, compromisso e destinatário), a preocupação social da Igreja, entre outros. Trata-se de testemunhar ao mundo a vivência do próprio Cristo missionário, manifesto em Seu sacramento, que é a Igreja.

A intenção desse papa é evidenciar “a relevante incidência prática desses assuntos na missão atual da Igreja” (EG 18) A exortação não tem por primeira preocupação apresentar o ponto de vista teológico; seu intuito pastoral está em primeiro lugar. A teologia do documento é muito mais implícita do que explícita. “A cristologia e a eclesiologia estão subjacentes e coerentes com o pensar teológico recente, tanto mundial quanto latino-americano”. Não há uma teologia sistematizada, como se observa em outros documentos do Magistério da América Latina, como Medellín, Puebla e Santo Domingo. Trata-se de uma teologia que perpassa todo o documento e está em sintonia com a tradição teológica da América Latina.<sup>66</sup>

Em sua fala no documento, bem como nos pronunciamentos posteriores, Francisco interpela a Igreja. Seguindo a Conferência de Aparecida, da qual ele foi presidente da comissão de redação, todo o batizado é impelido a *ir ao encontro*. Ir ao encontro das pessoas nos mais diversos lugares, nas mais diversas situações e nos mais diversos momentos de vida, para que possa, assim ir ao encontro de si mesma, da missão que Jesus pensou para ela.

Este “ir ao encontro” é uma importante chave de leitura para podermos compreender toda a exortação. É um convite a Igreja, como um todo, mas também a cada batizado em

---

<sup>66</sup> COLLETTI, Raquel Maria de Paola. *A Gaudium et Spes e a Evangelii Gaudium: um estudo comparativo na perspectiva da conversão pastoral*. 146 f. Mestrado em Teologia – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

particular. Isso já se manifesta desde o início do documento, ao nos convidar a “primeirear” (EG 24), termo utilizado para incentivar a tomarmos a iniciativa, irmos ao encontro dos preferidos de Jesus, sem esperar que venham ao nosso. Sair da zona de conforto, deixar o conforto do sofá (como Francisco se reportou aos jovens em sua vinda ao Brasil, em 2013), para podermos tomar o exemplo de Jesus, que “não tinha onde reclinar a cabeça” (*Mt 8,20*), “não fechou-se em si mesmo, mas se esvaziou até a morte, e morte de cruz” (*Fl 2,5*).

Esta postura exigida por Jesus e exortada por Francisco implica de cada um de nós uma contínua atitude de saída. Da mesma forma que o Concílio Vaticano II, a mais de meio século atrás, tinha a intenção de “abrir as janelas da Igreja”, conforme mencionou Papa João XXIII, ao convocar o Concílio, somos agora chamados a não nos fechar em nós mesmo, em atitude individualista, mas precisamos olhar as muitas situações que afligem o mundo e pedem de nós essa tomada de iniciativa, esse “primeirear” do Papa Francisco que se traduz em atitudes de justiça, bem comum e solidariedade dirigidas a todos, independentemente de raça, credo ou fé.

Por sua vez, este *primeirear* tem uma identidade bem concreta. Refiro-me a afirmação do amor de Deus que chega a todos e a cada ser humano, especialmente aos que, em consequência dos diversos sofrimentos desta vida, não se percebem participantes deste amor.<sup>67</sup>

No preâmbulo do documento Papa Francisco faz diversas referências a importância de uma atitude alegre ao evangelizar, pois “não há motivo para alguém poder pensar que esse convite não lhe diz respeito, já que da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído” (EG 3). Recorda alguns textos do Antigo e Novo testamentos e dos Evangelhos, onde a salvação em Cristo aparece como alegre prenúncio e realização para todo que crê. Recorda a alegria de personagens que participaram da vida de Cristo, como Maria, saudada pelo anjo (*Lc 1,28*), Isabel ao ser visitada por Maria (*Lc 1,41*) e os apóstolos, animados pelo próprio Cristo: “Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria” (*Jo 16,20*).

Ainda somos recordados da importante missão de evangelizar, que é entregue a cada batizado. Somos chamados a viver e comunicar o bem, pois “quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem” (EG 9). Trata-se de da Boa-Nova de Cristo trazida até nos como uma novidade, mas que se insere em nossa própria realidade, de forma que somos chamados a não anular nossa própria história, mas reconhecer nela nossas raízes de fé e pilares para nossa vivência

---

<sup>67</sup> AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). *Evangelii Gaudium em Questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, p. 16.

batismal, como encontramos na *carta enviada a Timóteo*, onde Paulo faz referência a família do jovem episcopo de Éfeso, sua mãe e sua vó, como membros da comunidade cristã (2Tm 1,5). “O crente é uma pessoa que faz memória” (EG 13).

Partindo, então, do Sínodo dos Bispos de 2012, Francisco se propõe a traçar algumas diretrizes para encorajar e orientar a Igreja, com base na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, não oferecendo um tratado, como ele mesmo coloca, mas nos fazendo perceber a atualidade e importância de tais assuntos no que tange o assunto da Nova Evangelização em nossa atual sociedade. Vamos conhecer, de forma breve, os cinco capítulos que formam o documento.

### 2.2.1 A transformação missionária da Igreja

Costumeiramente, os documentos oficiais da Igreja possuem um estilo mais formal em sua escrita. A Alegria do Evangelho adotou em toda sua extensão um estilo simples e pastoral, voltado a todo crente e não dependendo de algum profundo conhecimento teológico, em primeiro lugar, mas sim um profundo ardor missionário. Por isso, recomendamos ler este documento unido às resoluções do Documento de Aparecida. Este texto, resultado da V Conferência dos Bispos foi potencializado com o Sínodo dos Bispos, e recebeu o toque de Francisco, na Exortação Apostólica que estamos refletindo.

O primeiro capítulo abre o texto lembrando o leitor que o anúncio do Evangelho é motivo de alegria. A Boa-Nova sempre foi anunciada com alegria pelos personagens da Bíblia e hoje somos convidados a viver essa relação com a Igreja de forma itinerante e corajosa. “Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo (EG 23).

Urge uma renovação eclesial no seio da Igreja. O documento parte do Concílio Vaticano II e vai fazendo referência às estruturas eclesiais – paróquia, diocese, igreja, comunidades de base e grupos – exaltando a necessidade de conversão por parte de todos os agentes inseridos nestas, como leigos, religiosos, sacerdotes e bispos. “A pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’. Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades (EG 33).

Avançando no capítulo, o papa nos convida a compreender a mensagem que queremos e devemos propagar. Lembra que não se trata de uma “imensidade de doutrinas” (EG 35) ou de um “catálogo de pecados e erros” (EG 39) mas de uma resposta a Deus que “nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos” (EG 39).

Esta realidade vai ao encontro da sociedade fragmentada e em profunda e constante mudança, que citamos anteriormente. As limitações humanas são o local da encarnação da mensagem evangélica e “exigem que prestemos constante atenção ao tentar exprimir as verdades de sempre numa linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade” (EG 41). Francisco reconhece que a Igreja pode e deve rever costumes que já não respondem aos anseios evangelizadores de Cristo para esta sociedade e ter coragem de mudá-los se necessário. Este processo de adaptação, sem perder o essencial, o coração do Evangelho, faz com que o missionário possa crescer na compreensão da mensagem de salvação, sem renunciar as exigências do Evangelho, mas abrindo-se as necessidades do irmão. “Vemos assim que o compromisso evangelizador se move por entre as limitações da linguagem e das circunstâncias” (EG 45).

Por fim, o capítulo faz referência a Igreja como “uma mãe de coração aberto”, que deve reconhecer a necessidade de cada filho para lhe oferecer o melhor auxílio. A metáfora da porta é utilizada para falar da administração dos sacramentos, onde o Papa Francisco pede que possam realizar-se com menor burocracia nas dioceses, visto que estas não devem ser “alfândegas”, mas casas onde o Pai pode acolher seus filhos. A Igreja é convidada a renovar seu fôlego e sair ao encontro dos mais necessitados, os pobres do Senhor, reafirmando a missão deixada pelo Senhor.

Por fim e antes de tudo, a missão tanto no presente como no futuro será marcada pelo espírito de diálogo, de diálogo com as religiões e culturas nativas, pelo esforço de enculturação e pela opção preferencial pelos pobres. portanto, ela será holística e estará associada a luta contra a injustiça e a opressão, perseguição, pobreza, fome e enfermidade, bem como à promoção de uma cultura voltada para o ser humano integral. Em vista dos desafios comuns a todos os cristãos, ela não pode entrar em concorrência com outras igrejas e comunhões eclesiais, mas sempre que e na medida do possível, ocorrer em cooperação ecumênica.<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> KASPER, W. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 370.

### 2.2.2 Na crise do compromisso comunitário

Após anunciar a necessidade de uma transformação no método da evangelização da Igreja, Papa Francisco faz uma leitura dos desafios que enfrentamos na atual sociedade. Segundo o pontífice, é imprescindível estudar “os sinais dos tempos que podem deter ou enfraquecer os dinamismos de renovação missionária da Igreja” (EG 51).

Um desses sinais são as diversas formas de economia de exclusão que, ao invés de promover o correto cuidado dos diferentes organismos, promove a constante desigualdade social entre os homens. A desigualdade social promove um espírito de competitividade em todas as esferas da sociedade, criando ganhadores e perdedores e uma cultura utilitarista. “O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do ‘descartável’, que, aliás, chega a ser promovida” (EG 53).

A dependência do dinheiro, que beira a idolatria, faz transparecer a fragilidade humana manifesta em uma crise antropológica, que demonstra o consumismo do homem e a constante cultura da corrupção, onde a busca por vantagens imediatas se coloca a frente das necessidades humanas. Isso demonstra a crise ética e a recusa de Deus que nossa sociedade vive e a necessária reforma na economia do mundo todo:

As questões econômicas mundiais vêm desafiando a vida cotidiana de muitos povos e nações. Em tempos de um neoliberalismo triunfante, muitos creem que a fé deveria situar-se exclusivamente às interioridades e deixar o público ao domínio do Mercado, ou do poder ou das forças do Estado. (...) Querer suprimir o papel público do cristianismo é o novo rosto da ideologia. Chamam a isso de laicidade, mas é uma ditadura de grupos hegemônicos que busca suprimir as vozes dissonantes. A fé é certamente uma experiência interna e pessoal, mas também é legitimamente coletiva e comunitária; portanto toca as bases da vida econômica. Essa é a segunda missão da fé. Tornar-se pública e fazer a diferença em favor dos pobres. Pouco culto ao mercado e mais partilha de bens<sup>69</sup>

A Alegria do Evangelho também nos apresenta aos desafios culturais da contemporaneidade. A cultura atual possui traços de imediatismo, superficialidade e utilitarismo que impõem sérias dificuldades a evangelização e a transmissão da fé, que consiste na missão deixada por Cristo. O fenômeno da globalização, fortemente acelerado pela facilidade na transmissão de informações pela mídia, promoveu a deterioração de muitas culturas menos providas de recursos, em prol de economias mais desenvolvidas. Isso

---

<sup>69</sup> UNIÃO MARISTA DO BRASIL - UMBRASIL. *Utopias do Vaticano II: que sociedade queremos?* – Diálogos. p. 75.



certamente afeta o progresso da Igreja, como diversos documentos já mencionaram, denunciando a exploração de povos que foram subjugados culturalmente por outros.

Na própria vivência da religião encontramos disparidades que afetam o processo evangelizador. Diferentes movimentos, por vezes fundamentalistas ou intimistas; a falta de pertença de muitos batizados à Igreja; estruturas eclesiais que não acolhem o povo e burocracias em todos os processos administrativos tem dificultado frequentemente a expansão da Boa-Nova evangélica. A secularização tem provocado um constante processo de relativismo, onde não encontra lugar para a doutrina da fé, mas faz com que cada um seja o próprio juiz de suas ações. por outro lado, a Igreja Católica ainda possui espaço considerável em meio a sociedade, e não deve ignorar sua importância em todas decisões que manifestam o comprometimento e testemunho exigidos de um cristão.

A cultura urbana, em seus diferentes estilos de vida, de costumes e relações, necessita reler e recriar suas rotinas para que possa encontrar o caminho para a Nova Evangelização. Os modernos meios de comunicação precisam se reinventar para responder aos anseios e às dificuldades próprias destes novos areópagos, como o tráfico de drogas, a corrupção e a exploração de menores. Como Paulo de Tarso buscou seu caminho de evangelização em meio a *pólis*, somos chamados a buscar novos meios para mostrar Jesus aos cidadãos.

Como descobrir uma cidade cultural religiosa? Observando aqueles objetos visíveis e símbolos aos quais um considerável número de cidadãos recorre para encontrar sentido de vida, sobretudo quando passam por situações-limite. Daí a necessidade de procurar os lugares onde esses símbolos são ritualizados. O que dá vida aos símbolos, o que os mobiliza, é o rito. O símbolo parece estar “morto” enquanto não for ritualizado; a partir da ritualização, lugares e objetos parecem reviver. Os rituais são “atos simbólicos estilizados, nos quais se empregam gestos e movimentos corporais, dentro de um contexto social, para expressar e articular um significado”, favorecendo, assim, a participação comum e a repetição.<sup>70</sup>

Na segunda parte deste capítulo, Papa Francisco reflete sobre os agentes pastorais e suas tentações, elencando os elementos aos quais eles devem aderir ou recusar para que obter sucesso no processo de evangelização. Algo interessante é o fato de que, por *agente pastoral*, Francisco refere-se “desde os Bispos até ao mais simples e ignorado dos serviços eclesiais” (EG 76). Desta forma, todo batizado possui uma função a exercer no processo pastoral da evangelização, e os bispos são testemunho por excelência:

O Bispo por sua consagração recebe o tríplice poder de santificar, de ensinar e governar, mas é sendo o primeiro discípulo e o primeiro missionário, impregnado do

---

<sup>70</sup> BRUSTOLIN, L. A.; FONTANA, L. B. (orgs.). *Cultura Urbana: porta para o Evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*, p. 168.

mesmo amor e das mesmas atitudes do Mestre para evangelizar o povo de Deus, dando assim, testemunho, com simplicidade e fortaleza, da mensagem de esperança e de vida.<sup>71</sup>

Neste sentido, o Papa convida os religiosos e clérigos a retomarem uma espiritualidade missionária que possa reanimar e entusiasmar a iniciativa da Igreja, retirando-os do comodismo egoísta e da acídia pastoral, que acomoda em uma vida de facilidade e impede a criatividade necessária para externar a “alegria da evangelização” (EG 83).

Outro elemento que o agente pastoral deve evitar é o pessimismo. Em uma sociedade que busca se construir sem a presença de Deus, uma atitude positiva que demonstra a constante alegria do Evangelho é capaz de renovar a esperança dos agentes pastorais. O cristão deve ser moldado por um ideal que foge do egoísmo e abraça um Cristo que não é somente espiritual, mas carne e cruz (EG 88). Evitar o isolamento e buscar a comunhão solidária pode ser alcançado, segundo o pontífice pela religiosidade popular, donde brota o compromisso fraterno e o encontro com Deus através da vivência em comunidade. “Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92).

Nossa sociedade vive inúmeros perigos, trazidos no documento, os quais podem prejudicar profundamente a vivência do agente pastoral. O mundanismo transforma a espiritualidade do cristão em algo vazio ou supérfluo que busca glórias vazias e para isso é capaz até de gerar violência entre os irmãos. A divisão causada pela guerra é manifesta também na calúnia, difamação e vingança, as quais devemos lutar constantemente em nossa vida eclesial. Somos chamados a evitar o imediatismo pastoral e elaborar projetos que visem uma unidade longa e duradoura.

Em tempos de crise das utopias, impera a ditadura do presente, que nos leva ao espontaneísmo e ao pragmatismo do cotidiano. Vivemos imersos no mundo do provisório, do passageiro, do descartável e do efêmero. Diante da sensação de que nada é para sempre, entra em xeque a noção de perenidade, de perseverança, de persistência. Há uma redução da esperança e um encolhimento da utopia ao momentâneo.<sup>72</sup>

Por fim, o Papa Francisco nos traz uma série de desafios que são verdadeiros muros a transpor e necessitam de nossa atenção se quisermos propor uma verdadeira transformação pastoral na ação evangelizadora. Entre eles está o perigo do clericalismo que coloca os leigos à margem do processo evangelizador, como meros e passivos executores de uma obra. Dentre estes, destacam-se as mulheres como protagonistas de muitas obras em nossa Igreja, com

<sup>71</sup> SANDOVAL, C. J. T. *Os Bispos: discípulos missionários de Jesus sumo sacerdote*, p. 30.

<sup>72</sup> BRIGHENTI, A. *A Pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*, p. 202.

legítimo direito sendo, portanto, “preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja” (EG 103). Além disso, os jovens são outro grupo que merece um maior espaço de atenção, visto que “são muito os jovens que se solidarizam contra os males do mundo, aderindo a várias formas de militância e voluntariado” (EG 106). Junto a estes podemos também ressaltar a necessidade de um testemunho mais alegre e saudável por parte de sacerdotes e religiosos para despertar vocações mais conscientes da missão evangelizadora, que consigam evitar “insegurança afetiva, busca de formas de poder, glória humana ou bem estar econômico” (EG 107).

### 2.2.3 O anúncio do Evangelho

Neste terceiro capítulo da *Evangelii Gaudium*, após elencar os desafios presentes em nossa realidade, Papa Francisco reflete sobre a missão da Evangelização, seus interlocutores e o método para sua realização. Como missão de toda a Igreja, o processo de evangelização deve ser oferecido a todas as pessoas, sem excluir ninguém que busque, com sincero coração, alcançar esta graça. “Eu gostaria de dizer àqueles que se sentem longe de Deus e da Igreja, aos que tem medo ou aos indiferentes: o Senhor também te chama para seres parte do seu povo, e fazê-lo com grande respeito e amor!” (EG 113).

No ponto anterior, a diversidade cultural foi apresentada como um possível desafio à Nova Evangelização, visto que estava mergulhada em uma realidade pobre em valores e virtudes, necessitada de uma postura altruísta de busca ao Senhor. Neste momento se estabelece uma nova condição, onde a variedade de culturas já provou ser campo fecundo para o crescimento da fé. Basta observarmos os diferentes povos em diferentes épocas, que decidiram abraçar a doutrina católica, e puderam, com seus próprios costumes, culturas e expressão de fé, conhecer e transmitir a Boa-Nova recebida da Igreja de Cristo. Esta “roupagem cultural” (EG 117) não é um impedimento, visto que o “*sensus fidei*” (EG 119) presente em todo fiel batizado, o torna “um sujeito ativo de evangelização” (EG 120).

Além disso, dois pontos são ressaltados: a piedade popular e o dever de cada pessoa de evangelizar. Dentro de cada cultura, inserida em um tempo e espaço particular, encontramos uma autêntica manifestação do Espírito Santo, tanto em atos coletivos, quanto nas ações individuais realizadas por diversas pessoas. O Bispo de Roma compara as muitas procissões que o povo de Deus realiza, demonstrando sua fé com as ações cotidianas, como uma mãe que reza por um filho doente. Ambas são expressões de piedade que necessitam ser valorizadas e estimadas “com o olhar do Bom Pastor, que não procura julgar, mas amar” (EG 125). Além

disso, todo homem batizado, possui o dever, intransferível, de “levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos” (EG 127). Não somente com fórmulas determinadas, mas com a liberdade do Espírito, somos todos chamados a dirigir nosso carisma particular para o “coração do Evangelho” (EG 130), fazendo da Igreja um modelo de ação para evangelização. Nesta espécie de personalismo, o documento faz referência ao correto uso da teologia, para que seus responsáveis “cumpram este serviço como parte da missão salvífica da Igreja.” (EG 133).

Papa Francisco dedica uma parte do documento para falar sobre a importância da pregação e da homilia. O pontífice nos diz que “a homilia é um retomar este diálogo que já está estabelecido entre o Senhor e seu povo” (EG 137) e que não pode ser uma conferência ou lição, mas possuir harmonia com toda a celebração eucarística. Ele compara a homilia com a conversa entre a mãe-Igreja e o filho-ouvinte, que corrige e valoriza o que é bom, ensina e aprende, pois “todos gostamos que nos falem na nossa língua materna” (EG 139). A pregação homilética não deve ser puramente moralista, doutrinadora ou mesmo fria, mas deve abraçar os corações, mas deve nos fazer sentir abraçados pelo Pai “que nos deu quando éramos pequenos e que nos espera na glória” (EG 144).

A vida cristã não brota diretamente do Livro inspirado, mas da Igreja, que a transmite e alimenta com a Palavra de Deus e com os sacramentos. É uma vida que se prolonga ao longo das gerações. Na vida natural acontece o mesmo. Ninguém se liga diretamente ao primeiro ancestral da série. A vida passa de geração em geração. Iniciamos a regressão com nossos pais, depois os avós, bisavós para colhermos ali a vida e a cultura.<sup>73</sup>

Esse momento, da pregação da Palavra, é tão importante no processo de Evangelização, que o documento convida aos padres a gastarem um tempo concreto no preparo desta. Em sintonia com o Espírito Santo, a leitura atenta do Evangelho e a busca pela compreensão desse texto é essencial para a compreensão e transmissão da mensagem evangélica, de forma que se compreenda “a mensagem que confere estrutura e unidade ao texto” (EG 147).

Neste sentido, a Igreja nos convida a estarmos em sintonia com seu ensinamento bíblico, isto é, não tomarmos textos isolados para compreensão, mas irmos ao encontro de toda exegese e hermenêutica oferecida pelos séculos de reflexão que a Igreja tem a nos oferecer em sua grandiosa Tradição:

---

<sup>73</sup> GRINGS, D. *A Boa Nova Bíblica: ontem, hoje e sempre*, p. 34

A Bíblia é o livro da Igreja, ou seja, da comunidade cristã. Não é, pois, um livro com o qual cada um faz o que bem entende, ou busca nele o que bem lhe convém. É a comunidade eclesial que, em última instância detém a chave da Bíblia. Por isto, o católico busca ler a Bíblia em comunhão com toda a Igreja.<sup>74</sup>

Na própria Palavra encontramos exemplos e contra-exemplos de modelos de seguimento da mensagem salvífica. Muitos Mestres da Lei ensinavam a escritura, mas não se deixavam iluminar por Ela. Somos convidados a deixar nossos corações serem tocados, por primeiro, pela ação da Palavra de Deus. “O Senhor quer servir-se de nós como seres vivos, livres e criativos, que se deixam penetrar pela sua Palavra antes de a transmitir; a sua mensagem deve passar realmente através do pregador, e não só pela sua razão, mas tomando posse de todo o seu ser” (EG 151).

Como forma prática de entrar em contato com essa Palavra que transforma, temos a *lectio divina*, oração que nos coloca em profundo contato com as Escrituras e permite aprofundar nossas próprias vidas na mensagem Evangélica que converte quem entra em contato com Ela. Além disso, se faz necessário uma postura sincera diante de Deus, para que possamos ser “ponte” de oração entre os homens e Deus. Isto quer dizer que, para uma boa homilia, é necessário que o pregador esteja em sintonia com o interlocutor, atento às suas necessidades físicas e espirituais, para que possa falar aos seus medos, expectativas, ilusões e realizações. Enfim, a homilia deve interpelar pessoalmente quem a escuta, buscando a transformação interior, e deve levar em conta todos recursos dos quais dispõe o homileta para alcançar o ouvinte: utilizar exemplos, imagens para que se possam fazer conexões de idéias, uma linguagem adequada que não misture temas e possa ser facilmente seguida pelas pessoas. Outro elemento é a “linguagem positiva” (EG 159), que evita apontar algo negativo em vista de uma perspectiva otimista. Por fim, recomenda o encontro periódico para buscar recursos que favoreçam o exercício da homilia.

O último ponto deste capítulo propõe apontamentos entre o querigma e a mistagogia presentes, obrigatoriamente, no processo de Evangelização da Boa-Nova. Isto quer dizer, que todo o processo de iniciação da fé, deve pressupor uma continuidade, bem como um “caminho de formação e amadurecimento” (EG 160). Ambas partes do processo devem estar plenamente sintonizadas. o querigma, como o primeiro e forte anúncio da existência e do amor de Deus, e sua continuidade com uma sólida formação mistagógica, na qual podemos perceber “a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã” (EG 166).

---

<sup>74</sup> GLAAB, B. G. *O Caminho da Fonte: uma introdução à Bíblia*, p. 21-22.

Por fim, em relação as iniciativas propostas no documento, aparece a importância do acompanhamento espiritual como importante pilar na construção da evangelização. “A experiência pessoal de nos deixarmos acompanhar e curar, conseguindo exprimir com plena sinceridade a nossa vida a quem nos acompanha, ensina-nos a ser pacientes e compreensivos com os outros e habilita-nos a encontrar as formas para despertar neles a confiança, a abertura e a vontade de crescer” (EG 172). Um concreto exemplo citado pelo Papa é a relação encontrada no Novo Testamento entre Paulo e Timóteo. O apóstolo dos gentios, São Paulo, deixa o jovem Timóteo na cidade de Éfeso, para que a conduza na formação de fé, mas também lhe dá os indicativos para sua vida pessoal e atividade pastoral. Não é um acompanhamento meramente intimista e isolado do outro. “Os discípulos missionários acompanham discípulos missionários” (EG 173).

Antes de tudo, se a formação permanente é a disponibilidade inteligente da pessoa a se deixar formar pela vida por toda a vida, ela tem muito a ver com a capacidade relacional e a abertura para os outros, pois *a vida nos forma, sobretudo, através da relação*. Relação que, para o crente, representa a mediação normal, ainda que misteriosa, da ação de Deus: Deus, de fato, chega a nós, através dos outros, com todos os seus limites e imperfeições<sup>75</sup>.

#### 2.2.4 A Dimensão Social da Evangelização

Agora, nosso Papa Francisco busca explicitar suas preocupações referentes a dimensão social no processo de evangelização. Esta dimensão é parte da integralidade da missão e não pode ser omitida ou maquiada. Existe profunda relação entre as relações sociais e o anúncio da Boa-Nova. “A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda ação evangelizadora” (EG 178).

O amor fraterno aparece em inúmeras páginas da Palavra de Deus: “*Quando fizestes isso a um de meus pequeninos, foi a mim que o fizestes*” (Mt 25,40); “*Com a mesma medida com que medir o outro, vós também sereis medidos*” (Mt 7,2). Percebemos, assim, que a proposta da construção do Reino de Deus envolve a relação solidária com o próximo, e o mandato missionário exige de nós que não excluamos nenhuma esfera de nossa humanidade, mas possamos nos aproximar e colocar todas diante da ação do Espírito Santo pois “*nada há de escondido que não venha a ser revelado, nem oculto que não venha a ser conhecido*” (Mt 10, 26).

---

<sup>75</sup> CENCINI, A. *A vida ao ritmo da palavra: como deixar-se plasmar pela Palavra*, p. 45.

Neste sentido, a Igreja tem o dever moral e ético de agir profeticamente em relação a realidade social de toda humanidade. A *Doutrina Social da Igreja* possui elementos suficientes, com base em todas contribuições das diversas ciências, para auxiliar sua comunidade a compreender os fenômenos sociais desta época e agir diante deles. Assim, “ninguém pode exigir-nos que releguemos a religião para a intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem nos preocupar com a saúde das instituições da sociedade civil, sem nos pronunciar sobre os acontecimentos que interessam aos cidadãos” (EG 183).

Pela relevância pública do Evangelho e da fé e pelos efeitos perversos da injustiça, vale dizer, do pecado, a Igreja não pode ficar indiferente das vicissitudes sociais: “compete à Igreja anunciar sempre e por toda parte os princípios morais, mesmo referentes à ordem social, e pronunciar-se a respeito de qualquer questão humana, enquanto o exigirem os direitos fundamentais da pessoa humana ou a salvação das almas.”<sup>76</sup>

A Palavra de Deus, contendo a Verdade revelada, nos mostra inúmeras vezes o clamor do povo de Israel, e a forma com que Jesus conclama seus apóstolos a suprir suas necessidades, “*dai-lhes vós mesmos de comer*” (Mc 6,37), impelindo a nós, batizados, a seguirmos este mesmo exemplo, de forma solidária e fraterna. “Estas convicções e práticas de solidariedade, quando se fazem carne, abrem caminho a outras transformações estruturais e tornam-nas possíveis. Uma mudança nas estruturas, sem se gerar novas convicções e atitudes, fará com que essas mesmas estruturas, mais cedo ou mais tarde, se tornem corruptas, pesadas e ineficazes” (EG 189).

Neste processo de poder restituir a dignidade às pessoas em todas suas dimensões, presente não só na Palavra de Deus, mas em toda a história da Igreja em seus diferentes períodos, a mensagem fraterna de Jesus sempre foi clara. “Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do outro, com as suas palavras e com os seus gestos” (EG 194), e o pobre sempre apareceu como *lugar teológico*, não somente de forma intelectual, mas como opção preferencial de Jesus e, portanto, da Igreja. “Para a igreja, a opção preferencial pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus ‘manifesta a sua misericórdia antes de mais’ a eles” (EG 198).

O princípio da destinação universal dos bens requer que se cuide com particular solicitude dos pobres, daqueles que se acham em posição de marginalidade e, em todo caso, das pessoas cujas condições de vida lhes impedem um crescimento

---

<sup>76</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 50.

adequado. A esse propósito deve ser reafirmada, em toda sua força, a opção preferencial pelos pobres.<sup>77</sup>

Neste sentido, somos convidados pelo Papa Francisco a tomarmos uma atitude maior que um simples *assistencialismo*, iniciando por prestar uma verdadeira *atenção* ao pobre, prestando-lhe uma alta estima para que possa realizar seu próprio caminho de libertação, parte essencial do programa de evangelização proposto por Jesus. Para isso, também é necessário não descuidar das necessidades espirituais dos mais necessitados, tarefa de especial dedicação do clero, bem como a atenção de todos os leigos sem a isenção de nenhum, por motivos de profissão ou grupo social. “Ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências” (EG 201).

Insistindo neste ponto, Papa Francisco aponta a desigualdade como raiz dos males sociais (EG 202). Existe uma certa indiferença por parte da sociedade em questões que são vitais à dignidade humana e não podem tardar a serem refletidas e transformadas. Urge que apareçam novos políticos, capazes de dialogar com a sociedade e alargar os horizontes e perspectivas dos mais necessitados (EG 205).

Na verdade, o Estado deve garantir coesão, unidade e organização à sociedade civil de que é expressão, de modo que o bem comum poss ser conseguido com o contributo de todos os cidadãos. O indivíduo humano, a família, os corpos intermédios não são capazes por si próprios de chegar a seu pleno desenvolvimento; daí serem necessárias as instituições políticas, cuja finalidade é tornar acessíveis às pessoas os bens necessários – materiais, culturais, morais, espirituais – para levar uma vida verdadeiramente humana. O fim da vida social é o bem comum historicamente realizável.<sup>78</sup>

Nossos tempos apresentam novas formas de fragilidade, as quais não podemos virar as costas, como irmãos de um mesmo batismo que somos. Os toxicômanos, refugiados, indígenas, migrantes, pessoas objeto de tráfico, mulheres, nascituros e a própria criação representam hoje importante parcela que necessita nosso atento olhar e cuidados para que não se percam, diante de interesses escusos.

O drama de uma política focalizada nos resultados imediatos, apoiada também por populações consumistas, torna necessário produzir crescimento a curto prazo. (...) A grandeza política mostra-se quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo. O poder político tem muita dificuldade em assumir este dever num projeto de nação (*Laudato Si*, n. 178).

A alegria da evangelização, em nossos tempos, deve gerar também frutos de paz. O documento nos lembra a frase de Spinoza: “*a paz não é ausência de guerra*”, e traz quatro

---

<sup>77</sup> Cf. *Ibidem* p. 109.

<sup>78</sup> Cf. *Ibidem* p. 103.



postulados da Doutrina Social da Igreja, que auxiliam na compreensão da busca pela verdadeira paz: *o tempo é superior ao espaço* (privilegiar o tempo de processo em relação ao espaço de poder); *a unidade prevalece sobre o conflito* (a solidariedade constrói esta unidade que suporta o conflito, o resolve e torna elo de ligação para novos processos); *a realidade é mais importante que a ideia* ( a ideia, como elaboração conceitual, está a serviço da realidade, pois a ilumina como forma de raciocínio); *o todo é superior a parte* (as limitações das partes não podem ser esquecidas, mas é o todo do Evangelho que somos enviados a pregar em missão).

Por fim, aparece a importância do diálogo neste processo de relações sociais e evangelização. Em relação as *ciências*, a Igreja reafirma sua importância, embora nunca deixe de iluminá-la com o dom e a graça de fé e da lei natural. “A evangelização está atenta aos progressos científicos para iluminá-los com a luz da fé e da lei natural, tendo em vista procurar que sempre respeitem a centralidade e o valor supremo da pessoa humana em todas as fases de sua existência” (EG 242). O *diálogo ecumênico* continua a ressaltar os pontos que unem as diversas religiões cristãs, na busca de que “*todos sejam um*” (Jo 17, 21). Em relação ao *judaísmo*, a Igreja busca o valor da complementariedade que “nos permite ler juntos os textos da Bíblia Hebraica, e ajudar-nos mutuamente a desentranhar as riquezas da Palavra” (EG 249), ao passo que o *diálogo inter-religioso* exige de cada batizado uma abertura de forma a “conservar-se firme nas próprias convicções mais profundas, com uma identidade clara e feliz, mas ‘disponível para compreender as do outro’ e ‘sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos’” (EG 251). Em todas as esferas, a Igreja é sempre convidada a dialogar, não deixando-se intimidar por um discurso baseado no pretensão laicismo de muitos:

Infelizmente, permanecem ainda, inclusive nas sociedades democráticas, expressões de laicismo intolerante, que hostilizam qualquer forma de relevância política e cultural da fé, procurando desqualificar o empenho social e político dos cristãos, porque se reconhecem nas verdades ensinadas pela Igreja e obedecem ao dever moral de serem coerentes com a própria consciência; chega-se também e mais radicalmente a negar a própria ética natural.<sup>79</sup>

### 2.2.5 Evangelizadores com espírito

O último capítulo da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* traz algumas reflexões sobre a espiritualidade presente nesta nova evangelização. O batizado é um evangelizador com espírito quando se abre a ação do Espírito Santo, recebido em seu batismo e o manifesta no seu ardor missionário diário. Em todos ambientes, o ser humano é chamado a testemunhar

---

<sup>79</sup> Cf. *Ibidem* p. 316.

a alegria da Boa-Nova, mas esta alegria deve ser alimentada pela constante oração. Experimentar o amor de Jesus deve nos levar, naturalmente, ao cumprimento da missão. “Temos a disposição um tesouro de vida e de amor que não pode enganar, a mensagem que não pode manipular nem desiludir. É uma resposta que desce ao mais fundo do ser humano e pode sustentá-lo e elevá-lo” (EG 265).

Aqui, importa perceber a necessidade de não somente conhecer Jesus, sua caminhada e a herança que Ele deixou a sua Igreja, mas também a necessidade de vivenciar, todos os dias essa presença na vida. O missionário deve tornar-se o discípulo que experimenta Jesus em todos momentos de sua vida, para que transmita aquilo que viveu e não algo externo a ele. O ato da evangelização é um ato de amor, primeiramente a Deus. Respondendo ao amor que tem por nós, somos impelidos a mostrar esse amor a todos ao nosso redor.

Além desta intimidade que nasce em Deus e retorna a Ele, se faz necessária a proximidade com os irmãos e irmãs. É parte integrante do programa missionário de Jesus Cristo, e, portanto, de sua Igreja, ir ao encontro do povo, com um verdadeiro amor, e não somente para cumprir uma função. O próprio Mestre fez isso durante toda sua vida terrestre: “*Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele*” (Mc 10,21). Necessitamos mergulhar na sociedade buscando conhecer anseios e angústias, alegrias e tristezas, para que possamos ser realmente eficazes neste propósito de transmitir a Verdade revelada. “Está claro que Jesus não nos quer como príncipes que olham desdenhosamente, mas como homens e mulheres do povo” (EG 271).

Encontramos aqui uma profunda ligação entre a dimensão missionária e a espiritual. Ir ao encontro do próximo, participar de sua vida é também participar da vida do próprio Cristo. Viver a espiritualidade da missão é caminhar com Jesus e experimentar sua vida junto da nossa. “Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus” (EG 272). o grande ensinamento deste capítulo é o alerta de que a missão evangelizadora unida ao próximo não é uma possibilidade ou opção, mas parte integrante de uma autêntica vida em Cristo.

Esta espiritualidade, integrada à obra de evangelização, quando bem trabalhada e acolhida ao profundo do ser, faz com que o homem não se deixe intimidar pelas dificuldades provenientes do dia a dia, o desânimo e as frustrações de uma missão mal sucedida. O missionário se compreende como agente do Espírito Santo, e permite se deixar conduzir por

Ele. “O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto se chama ser misteriosamente fecundos!” (EG 280)

Junto a esta força missionária, que brota da espiritualidade centrada em Jesus Cristo, encontramos a grande possibilidade da intercessão. Não somente olhando grandes exemplos de Santos de nossa Igreja, mas também nos tornando estes que pedem a Deus as graças necessárias para um correto seguimento de Cristo. Santa Tereza do Menino Jesus nunca deixou seu mosteiro, morreu muito jovem e, mesmo assim, tornou-se intercessora das missões:

Ao contrário, pensava em vossos queridos filhos espirituais, que são meus irmãos, quando escrevi estas palavras de Jesus e as seguintes: - “*Não te peço que os tires do mundo... E rogo te ainda pelos que crerão em ti mediante sua palavra*”. Como poderia, com efeito, deixar de rezar pelas almas que eles salvarão, em suas longínquas missões, com o sofrimento e a pregação?<sup>80</sup>

O último ponto do capítulo e também de todo o documento faz uma breve reflexão sobre Maria. Ela é considerada a *Estrela da Evangelização*, que acompanha a todos os missionários dispostos a cumprirem o mandato da Igreja e “sem Ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização” (EG 284). Maria nos deixa um grande exemplo e modelo para todo missionário-evangelizador, que busca construir aqui o Reino de Deus:

Portanto, o que fez a Mãe de Deus deve fazer o apóstolo. Se a fecundidade apostólica é essencialmente “espiritual”, “fazer Igreja” não é originariamente levantar uma nova estrutura jurídica, nem ensinar um sistema dogmático, nem mesmo criar uma comunidade moral, mas sim construir o Corpo vivo de Cristo. É começar a levantar já na terra a “Jerusalém do alto”, a “pólis celeste”.<sup>81</sup>

Desta forma, concluímos a apresentação desta carta apostólica *Evangelii Gaudium*, que apresentou as reflexões e propostas do programa de evangelização elaborado pelo nosso pontífice Papa Francisco. A realidade de mudança de época e também de uma época de mudança estão presentes em cada capítulo, onde o Vigário de Cristo nos propõe como pano de fundo o contínuo encontro com o irmão na missão. A chamada Nova Evangelização necessita estar continuamente sendo revista, para que o discípulo-missionário possa viver a dinamicidade do Espírito que a atual sociedade exige, realizando a missão da Igreja em sua vida e na da comunidade.

---

<sup>80</sup> (*História de uma alma*, n. 337).

<sup>81</sup> BOFF, C. *Mariologia Social: o significado da Virgem para a Sociedade*, p. 472.

Estamos prontos, dados os capítulos anteriores, para buscarmos pontos de semelhança na carta enviada a Timóteo e na carta escrita por Bergoglio, que possam oferecer luzes para a atual pastoral e processo de Evangelização. Além destes, os pontos divergentes também poderão oferecer pistas para a compreensão da caminhada de cada povo em seu momento histórico.

### CAPÍTULO 3 – AS CARTAS EM PARALELO

No primeiro capítulo deste trabalho apresentamos a comunidade de Éfeso, através da carta que Timóteo recebe. A epístola, possivelmente enviada por Paulo de Tarso, possuía dois objetivos: o primeiro deles é possibilitar ao leitor uma correta compreensão da comunidade que vivia naquela cidade, em relação aos seus hábitos, costumes e maneiras de expressar sua fé, e o segundo objetivo consiste em aconselhar o jovem Timóteo, para que pudesse exercer uma missão fecunda como epíscopo e administrador da comunidade local. Nesta carta, encontramos algumas importantes descrições e conselhos sobre diferentes grupos pertencentes a cidade: sacerdotes, diáconos, escravos, viúvas. As recomendações feitas a Timóteo certamente o permitem traçar melhores estratégias para conduzir sua missão de evangelizar a comunidade que estava crescendo ali:

As pastorais são um símbolo dessa tentativa de uniformização, e as igrejas do mundo greco-romano deveriam seguir esse esquema: *como acontece nas igrejas dos santos...* Assim, são inseridas orientações nas cartas e textos às comunidades da Acaia, Macedônia e Ásia, orientações comuns e próprias das comunidades da Palestina. Os textos são modelados com os objetivos de implantar em todas as comunidades cristãs a mesma moral, a mesma estrutura eclesial e os mesmos princípios de autoridade. Desta forma, nas pastorais está claro o lugar da mulher (sinagoga – igreja) e a autoridade do homem (família / sinagoga – igreja), usando os arquétipos da sociedade judaica.<sup>82</sup>

O segundo capítulo avançou quase dois mil anos, retratando a Igreja do nosso tempo, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, escrita pelo atual Papa Francisco, com a promessa de trazer seu programa de pontificado e também uma leitura atual da Sociedade, em relação a possibilidade de uma Nova Evangelização, renovação proposta desde o Concílio Vaticano II, com uma transformação pastoral:

Portanto, é lícito perguntar: Porque a Igreja deve anunciar Jesus Cristo? Que tipo de missão a Igreja deve fazer em nossos dias? Se a primeira questão gira em torno dos fundamentos da missão, a segunda questão deve responder tanto aos apelos do Concílio como deve procurar compreender as relações entre a Igreja e o Mundo. Estes pontos podem ser percebidos na *Evangelii Gaudium*, que procura, no contexto atual, estabelecer as linhas da ação missionária da Igreja para os próximos anos (EG 1)<sup>83</sup>.

Neste terceiro e final capítulo deste trabalho, queremos dar o passo seguinte: olhar os dois escritos – Carta a Timóteo e *Evangelii Gaudium* – e buscar algumas possíveis relações de

<sup>82</sup> MAZZAROLO, I. *1 & 2 Timóteo e Tito*, p. 23.

<sup>83</sup> AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.). *Evangelii Gaudium em Questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, p. 280.

correspondência entre elas. Evidentemente, existe o risco de algum anacronismo em tal relação, mas iremos retomar durante a primeira parte alguns elementos de ambas cartas, que são exigências para uma Evangelização fecunda, em cada sociedade descrita.

A segunda parte se dedicará a traçar alguns desafios para um dos principais destinatários das duas cartas: o clero. Com base nos conselhos dados a Timóteo, em relação a diáconos, sacerdotes e episcopos, e olhando a sociedade atual, descrita por Francisco em sua exortação, buscaremos relacionar os possíveis desafios que o clero precisa enfrentar para cumprir o convite-missão deixado por Jesus a sua Igreja: *“Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”* (Mt 28,19-20).

### 3.1 A IGREJA DE TIMÓTEO E A DO PAPA FRANCISCO

A realidade Igreja, compreendida como comunidade ou assembleia reunida, assumiu diferentes expressões no decorrer da história, de acordo com a condução dos homens e a dinâmica do Espírito. Unida a própria história da humanidade, a Igreja de Cristo encontrou sua própria forma de manifestar-se aos homens para levar a Boa-Nova da salvação messiânica. Percebemos isso com facilidade, ao observarmos as características da Igreja de Pedro e os demais apóstolos, onde a natureza mística da presença de Cristo, estava ainda fortemente permeada de sua presença física; a Igreja da Idade Média, onde a Instituição despontava como guia das realidades não somente temporais, mas também terrenas; ainda, a Igreja atual, do Papa Francisco, onde se busca a liberdade do Espírito, em uma sociedade que encontra dificuldades em dialogar com uma Igreja dita por muitos “retrógrada” ou “atrasada”, que não responde aos anseios atuais. O que une estas três expressões de uma mesma Igreja? Para podermos traçar qualquer paralelo entre diferentes momentos da Igreja, precisamos compreender a realidade atemporal desta, inserida em nossa história.

por “Igreja” não se entende simplesmente o cristianismo, no sentido de doutrina ou um conjunto de doutrinas ensinadas por Jesus Cristo. A Igreja é, antes de tudo, constituída por pessoas que vivem em comunidade, de acordo com a proposta de seu fundador, professando a fé na doutrina ensinada por ele. Por essa profissão de fé, as pessoas se distinguem de outros grupos religiosos. Dizer Igreja significa referir-se às pessoas que acolhem e praticam a doutrina de Jesus Cristo, em uma comunidade

determinada e configurada, de acordo com o *depositum fidei* católico, ao passo que cristianismo refere-se, primariamente, ao conjunto de doutrinas e de ritos<sup>84</sup>.

Desta forma, o que marca a Igreja de Cristo não é aquilo que a “reveste” no decorrer dos séculos, como os grupos que defenderam e defendem a fé, ou a dinâmica empregada na forma de evangelizar. O próprio Cristo é a base e o centro de sua Igreja. Ela subsiste Nele, de forma que em qualquer época, podemos perceber na Igreja a presença do Senhor marcada sobretudo pelo amor-caridade, que deve se manifestar em cada batizado.

De forma especial, o Concílio Vaticano II marcou esta abertura para o mundo, fazendo opção pela unidade da história humana e da salvação, reconhecendo a natureza da dignidade humana e plenificando-a em Cristo. A Igreja e o mundo se articulam de tal modo, que em seu profundo relacionamento não se confundem, mas também não podem se dividir.

Na realidade, o mundo moderno, marcado pela ambiguidade, apresentava, de fato, uma positividade no fundo e na superfície. No fundo, havia a positividade do ser humano, criatura de Deus agraciada pela salvação; na superfície, os grandes avanços carregados de promessas para a humanidade, como nunca dantes vistos. Com a *Gaudium et Spes*, o mundo deixa de ser estranho e perigoso, passando a habitar o próprio coração da Igreja, tanto que, bem no início do documento, afirma: “Não se encontra nada verdadeiramente humano que não ressoe ao coração da Igreja” (GS 1)85.

É preciso compreender esta essência da Igreja de Cristo presente em todos os diferentes períodos históricos, para que possamos melhor entender a comparação entre a Igreja do período apostólico, de forma especial a Igreja em Éfeso, sob os cuidados de Timóteo, e a Igreja atual, delineada por Francisco. Apesar dos muitos séculos que as separam, permanece a essência de ambas, a presença do Espírito Santo, como alma da Igreja, presente em seus fiéis em todos momentos da história:

O Espírito Santo realiza na Igreja a função que a alma exerce no corpo, ao estar presente no Corpo de Cristo, que é a Igreja. O mesmo Espírito está presente, ao mesmo tempo, na cabeça, que é Jesus Cristo, e em seus membros, que são os batizados, os fiéis. Santo Tomás se pergunta o que une os fiéis entre eles e com Deus. E a resposta aponta para uma unidade específica: os dons da graça tem uma raiz comum, a caridade, por mais diversos que sejam, que tem por base o mesmo Espírito Santo, pessoalmente idêntico em todos e princípio transcendente de unidade<sup>86</sup>.

<sup>84</sup> HACKMANN, G. L. B.. *A Amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Eclesiologia como Comunhão Orgânica*, p. 261.

<sup>85</sup> COLLETTI, Raquel Maria de Paola. *A Gaudium et Spes e a Evangelii Gaudium: um estudo comparativo na perspectiva da conversão pastoral*. 146 f. Mestrado em Teologia – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015, p. 99.

<sup>86</sup> HACKMANN, G. L. B.. *A Amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Eclesiologia como Comunhão Orgânica*, p. 93.

Vamos verificar agora a Igreja de Timóteo, de forma especial, o grupo das lideranças. Quais as exigências necessárias para o cumprimento da missão evangelizadora naquela comunidade? Na sequência, faremos o mesmo processo com a Igreja do Papa Francisco, buscando as disposições necessárias, nos agentes da evangelização, para que possamos encontrar alguns parâmetros de semelhanças e diferenças.

### 3.1.1 Exigências para as lideranças nas Igrejas de Timóteo

Uma das principais características da Igreja daquele período, não somente em Éfeso, mas em todos os locais onde a expansão do Cristianismo alcançava, é a unidade espiritual entre todas elas, visto que a Instituição Igreja ainda não estava formatada, conforme os moldes que conhecemos atualmente. “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4,32), e nesta unidade de almas e corações, centrada na mensagem vivenciada junto a Jesus Cristo, ou transmitida por seus discípulos, podemos identificar uma só realidade eclesiológica.

Desta forma, as exigências dos evangelizadores de Éfeso, de forma especial Timóteo, não giram, essencialmente, em torno da estrutura a desenvolver, mas das disposições espirituais associadas às ações missionárias que poderiam realizar junto aos membros da comunidade local. Destacaremos o conhecimento, as condições humanas e espirituais e o profetismo associado a ação missionária realizada para que a comunidade possa se estabelecer como verdadeira família de irmãos em Cristo.

O conhecimento consiste na estrutura formada até aquele momento e que compõe a Tradição que a Igreja estava consolidando. Junto a isso, desejamos refletir sobre a forma como este conhecimento era transmitida e armazenada pelos primeiros cristãos. Francisco dirá que “no conhecimento e amor da alma fiel, Jesus Cristo habitará pelos séculos dos séculos” (EG 285). Em relação às condições humanas e espirituais, apresentaremos os elementos físicos daquela comunidade, que auxiliavam na transmissão da fé, bem como das dificuldades enfrentadas pelas perseguições, exigindo uma adequada condição espiritual, a exemplo dos primeiros cristãos que entregaram suas vidas como mártires. O profetismo e a ação missionária aparecem aqui como o resultado de todo o processo realizado pela comunidade. Como tais evangelizadores, especialmente Timóteo, viviam sua vocação de profetas e realizavam a missão da Igreja na cidade de Éfeso? Buscaremos, na sequência, traçar algumas linhas sobre tais exigências.



### a) Conhecimento

Estamos tratando dos dois primeiros séculos do chamado proto-cristianismo, onde os seguidores de Cristo ainda possuíam a vivência terrena com o Messias, ou com algum seguidor que conviveu com Ele. Desta forma, todo tipo de ciência provém desta experiência vivencial com Jesus Cristo, olhando seu agir e escutando suas palavras. A profissão de fé dos discípulos revela este conhecimento empírico do Cristo.

A maioria das comunidades eram dirigidas por chefes que receberam as narrativas e ensinamentos do Evangelho. Éfeso não foi diferente. Paulo ao deixar a cidade aos cuidados de Timóteo (*At 20*), deixou o conhecimento necessário para que o jovem discípulo pudesse dar continuidade ao legado deixado por Jesus.

Agora as comunidades já eram dirigidas por chefes que se transmitiam as narrativas e os ensinamentos dos Evangelhos. Substituíram os primeiros apóstolos e seus colaboradores. Estabeleceu-se organização flexível e progressiva. Ela procedia por etapas, cujos vestígios ainda são perceptíveis. As comunidades judaico-cristãs tiveram durante algum tempo direção colegial (ancião ou presbíteros) à sua frente. As que se formaram em terras pagãs eram dirigidas pelo binômio bispo-diácono. As duas organizações, que coexistiam harmoniosamente, unificaram-se no decorrer do século II; isso se efetuou aos poucos, com retardamentos, hesitações e às vezes com crises.<sup>87</sup>

É necessário destacarmos a principal dificuldade referente ao conhecimento da doutrina cristã nesta época, que viria a tornar-se a grande heresia do *gnosticismo*. O termo *gnose*, em si, não acarreta nenhum problema, visto que já era empregado pela comunidade judaica, no sentido de experiência. Clemente de Alexandria considerava a *gnose* como a “inteligência do Evangelho”, no entanto ainda era necessário delimitar o alcance e a origem deste conhecimento.

O gnosticismo dividia a compreensão do mundo entre o bem e o mal, atribuindo os males do mundo a um “deus mal e menor”, enquanto o bem é proveniente de um deus maior, “uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos” (EG 94). Na carta a Timóteo, Paulo recomenda fortemente que ele combata os mestres da lei, diante das falsas verdades que pregavam. “Desde o início, a fé cristã tem-se confrontado com respostas diferentes da sua no que diz respeito à questão das origens. Assim, encontram-se nas religiões e nas culturas antigas numerosos mitos acerca das origens (...) outros filósofos

---

<sup>87</sup> HAMMAN, A.G. *A vida Cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)*, p. 112.

afirmaram a existência de dois princípios eternos, o Bem e o Mal, a Luz e as Trevas, em luta permanente entre si (dualismo, maniqueísmo); segundo algumas dessas concepções, o mundo (pelo menos o mundo material) seria mau, produto de uma queda, e portanto deve ser rejeitado ou superado (gnose).” (Catecismo da Igreja Católica 285). Para seguir a este deus seria necessário um conhecimento específico, advindo de práticas esotéricas, voltadas para um público escolhido. Essa ideia não coaduna, de forma alguma, com a prática evangélica proposta por Jesus.

Um dos combatentes do gnosticismo foi *Ireneu de Lião*, que mantendo-se unido ao ensinamento das Escrituras e recebido dos apóstolos, afirmou a unidade, existindo um só Deus em uma só fé, verdade esta que faria parte do credo dos apóstolos, já em *Nicéia*, no ano de 325 d.C.

A verdadeira gnose nos faz conhecer não o mistério de Deus, mas a criação, obra de seu amor pelo homem, que Ireneu, depois de São Paulo, chama a economia (organização), isto é, o desígnio divino que se desdobra através da história da salvação. O desígnio tem sua fonte na Trindade e conduz o homem da criação à glorificação na visão de Deus. A primeira certeza de Ireneu diz respeito a Deus: “Não há outro Fora aquele que nos criou e modelou”; não há, portanto, salvação fora dele e das “duas mãos”, que são o Filho e o Espírito. A criação inteira é obra de Deus; por isso, ela é boa, também a matéria, e apta para a salvação<sup>88</sup>.

O conhecimento da comunidade de Éfeso, transmitido por Timóteo, que o recebeu de Paulo em sua essência, trazia a presença de Cristo como pedra angular, e dos apóstolos como alicerces para que pudessem, através dessa base, fazer sua própria experiência de fé e transmiti-la aos demais da comunidade. Isso pode ser manifesto através das muitas expressões de fé que as Escrituras trouxeram. Desde uma das mais simples e antigas: “Jesus é o Senhor” (*1Cor 12, 3c*), até formulações mais elaboradas como “(...)seu Filho, nascido da estirpe de Davi segundo a carne, estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de Santidade, Jesus Cristo nosso Senhor, por quem recebemos a graça e a missão de pregar, para louvor de seu nome, a obediência da fé entre todas as nações” (*Rm 1, 3-5*), diversos testemunhos de fé formaram a base de conhecimento que a Igreja de Éfeso aprendeu e transmitiu.

A Carta a Timóteo, por fazer parte de um momento posterior da escrita apostólica, já possuía diversos excertos teológicos, que viriam a tornar-se dogmas posteriores, como a unidade de Deus (*1Tm 2, 5*) e o perdão dos pecador através de Jesus Cristo (*1Tm 1,15*), bem como uma própria profissão de fé, feita na despedida feita a Timóteo: “Eu te ordeno, diante de

<sup>88</sup> HAMMAN, A.G. *Para ler os padres da Igreja*, p. 40.

Deus, que dá a vida a todas as coisas, e de Cristo Jesus, que deu testemunho diante de Pôncio Pilatos numa bela profissão de fé: guarda o mandamento imaculado, irrepreensível, até à Aparição de nosso Senhor Jesus Cristo, que mostrará nos tempos estabelecidos o Bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu, nem pode ver” (1Tm 6, 13-16).

### **b) Condições Humanas e Espirituais**

Dado o momento posterior em que a Carta a Timóteo foi escrita, a estrutura necessária para a evangelização dos primeiros cristãos já estava melhor formatada. Desta forma, encontramos em Éfeso um terreno mais propício para a construção de uma comunidade organizada, com melhores condições para receber a semente da Boa-Nova de Cristo trazida pelos primeiros discípulos.

Conforme mencionamos anteriormente, a comunidade cristã estava formando o seu *corpus doutrinal* e, diante da constante perseguição, necessitou também formar sua doutrina moral, que se expressava na forma com que agia e acolhia os pecadores. Todos os muitos exemplos dados por Cristo nas Escrituras, foram tomados como procedimento padrão para todo aquele que buscava segui-lo:

A dureza da perseguição, especialmente sob Décio, traz alguns problemas: os apóstatas que desejarem regressar à Igreja devem ser acolhidos de novo? A linha rigorista não consegue se impor na Igreja, porque a defesa dos fracos é assumida pelos “confessores” (= os cristãos que tinham sobrevivido à prisão e a tortura sem negar sua fé). Igualmente não se impõe a desvalorização do corpo material (muito difundida na gnose, no maniqueísmo, no montanhismo); ela encontra na Igreja um limite que não pode superar, apesar de todos os esforços. Em momento algum a corporeidade (ou, por exemplo, o casamento) é declarada inimiga da alma. – Sempre mais se espalham as tradições da fé, tais como são transmitidas pelos bispos enquanto sucessores dos apóstolos, e por isso mesmo os próprios bispos se tornam orientação e garantia da verdade na Igreja<sup>89</sup>.

Por localizar-se as margens de um porto, e possuir grande fluxo de viajantes, vendedores, estudantes e peregrinos do templo de Artemisa / Diana, havia muita facilidade na troca de idéias, permitindo a evangelização feita pelos cristãos. A *pólis* grega propiciava o ambiente necessário para a propagação, mas também o espaço para o questionamento e, conseqüente, enriquecimento da doutrina cristã. Éfeso tornou-se posteriormente a capital da província romana da Ásia, ganhando esse alcance não só civil, mas também espiritual, possibilitando a cidade a acolher muitos Concílios no decorrer da história da Igreja. Da

---

<sup>89</sup> FRÖHLICH, R. *Curso Básico de História da Igreja*, p. 27.

mesma forma, a Igreja de Francisco se encontra inserida em uma grande diversidade de culturas e informação, e “as transformações dessas grandes áreas e a cultura que exprimem são, hoje, um lugar privilegiado da nova evangelização” (EG 73).

Em relação à realidade espiritual, os evangelizadores de Éfeso crescem a sombra do ensinamento de Timóteo, que por sua vez, bebeu da espiritualidade paulina em diversos momentos de sua vida. Sabemos que mesmo antes da influência de Timóteo, a comunidade local recebeu a presença de Apolo da Alexandria, homem que possuía conhecimento das Escrituras, embora se utilizasse ainda do batismo de João (At 18, 24-28). Além deste, Priscila e Áquila permanecem um tempo junto à comunidade, enquanto Paulo só haveria de chegar meses depois, para transmitir o correto conhecimento sobre o batismo e demais elementos da doutrina de Jesus.

Podemos perceber a maturidade da comunidade de Éfeso, com sua fundação datada posteriormente a outras mais tradicionais, como Corinto e Galácia, tanto nas cartas que foram enviadas a Timóteo, mostrando um procedimento mais organizado estruturalmente e também uma maior profundidade espiritual entre seus membros, como na própria carta escrita aos efésios, onde o autor atualiza a verdade de fé que já havia sido formada até o momento:

A Epístola tem o cunho de um escrito universal, destinado a ser lido, em várias cópias, nas diversas comunidades vizinhas de Éfeso. Por isso falta-lhe qualquer saudação especial no princípio e no fim. Os antigos padres sabiam que nos primitivos manuscritos se deixava um espaço em branco depois das palavras << a todos os santos>>, para intercalar o nome de uma cidade perfeitamente determinada: Éfeso, Laodiceia, Hierápolis. Como é que Paulo se permite endereçar esta epístola a uma comunidade que não fundou pessoalmente? É o seu sentido de responsabilidade pela unidade da igreja universal que legitima esse ato. A escolha de Deus recaiu sobre ele. Isso lhe confere o direito de se dirigir a todas as comunidades<sup>90</sup>.

Na carta endereçada aos efésios, podemos encontrar uma teologia bem estruturada, que afirma a unidade da Igreja ao redor de seu Deus: “...há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos” (Ef 4, 5), ao mesmo tempo que retoma a diversidade de seus membros, reafirmando a tradicional fala Paulina sobre a cabeça e o corpo: “Mas, seguindo a verdade em amor, cresceremos em tudo em direção àquele que é a Cabeça, Cristo, cujo Corpo, em sua inteireza, bem ajustado e unido por meio de toda junta e ligadura, com a operação harmoniosa de cada uma das suas partes, realiza o seu crescimento para sua própria edificação no amor” (Ef 4, 15-16).

---

<sup>90</sup> HOLZNER, J. *Paulo de Tarso*, p. 490.

Encontramos também em Efésios um novo conceito moral, que parte de Cristo, como criador de um “novo homem” (*Ef 2,15*), e estabelece uma relação entre o homem e mulher com base na de Cristo e sua Igreja, gerando parceria, compromisso e pertença entre eles. A lei é superada, é aprimorada pela nova lei do amor, que dignifica o homem e a mulher com a mesma dignidade que possui Cristo e sua Igreja: “E vós, maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (*Ef 5, 25-27*).

### c) O profetismo e a missão

Timóteo foi elevado a função de administrador espiritual da comunidade de Éfeso e é recomendado que seja modelo na conduta da fé, no uso da Palavra, na caridade e na pureza. Este dom da graça lhe foi conferido “mediante profecia” (*Ef 4, 14*). Timóteo foi chamado a ser pregador em sua comunidade, testemunhando Cristo com sua própria palavra e ação. Cada admoestação feita por Timóteo deveria ser resultado de Cristo agindo primeiro em sua vida e, depois, na vida dos ouvintes:

Depois de tudo o que dissemos, somos conduzidos pelo zelo da caridade àquilo que expusemos acima: um pregador deve sempre se fazer ouvir mais por seus atos que por suas palavras; mais pelas pegadas que ele deixou no seu bom caminho, e que outros seguirão, que por indicar-lhes, com palavras, para onde eles devem ir<sup>91</sup>.

A missão evangelizadora imposta a Timóteo, na carta que recebeu, lhe trouxe um programa completo para que pudesse apresentar Jesus Cristo àquela comunidade. Recomendado por outros profetas, Timóteo é chamado a viver sua fé com consciência, anunciando a Boa-Nova, sem fazer distinções, conforme fora-lhe ensinado. Também recebeu instruções sobre a forma de acolher ricos e pobres, escravos e livres, homens e mulheres, denunciando toda forma de injustiça com os desfavorecidos. Esta prática, extremamente profética nos parâmetros messiânicos, é a base para a prática e sucesso da missão. A expansão do cristianismo e adesão de novos membros é uma parte do processo, porém não é o seu fim. Este constitui-se no anúncio da mensagem de salvação:

O Reino de Deus é o reino da verdade, da justiça, da santidade, da liberdade e da paz. No testemunho a favor do único Deus verdadeiro trata-se, por conseguinte, também de testemunhar Deus como o Deus de todos os seres humanos e cada indivíduo humano, como Deus do amor, da justiça, da liberdade, da reconciliação e da paz. Desse modo, sem se tornar um *social gospel* ou até um *prosperity gospel*, a

---

<sup>91</sup> MAGNO, GREGÓRIO. *Regra Pastoral*, p. 246.

missão também serve à paz, à reconciliação e à justiça no mundo. Ela liberta de uma integração imposta pelo nascimento, dada como que por destino, numa determinada cultura e religião; ela ajuda a superar o tribalismo e o nacionalismo e romper o estreitamento da ideia desenvolvimentista num progresso puramente econômico e tecnológico e enquadrar essas preocupações em si justificadas num desenvolvimento mais plano, holístico e que abarca a humanidade inteira. Desse modo, a missão está, em última análise, a serviço da transformação do mundo, a partir do espírito do Reino de Deus iminente<sup>92</sup>.

Podemos perceber, desta forma, que o espírito profético continua a ser o mesmo no decorrer dos anos. Tanto o anúncio da verdade, como a denúncia dos processos injustos, devem levar cada pessoa à salvação. Timóteo foi convidado pelo autor da carta a perseverar na fé dos apóstolos e colocar os dons recebidos à disposição do Reino de Deus. Estes devem ser usados para a edificação de todos e não para algum determinado grupo de eleitos. Era necessário corrigir os homens que estavam espalhando ideias errôneas sobre Jesus Cristo e também organizar melhor a estrutura comunitária, que começava a crescer. podemos considerar estas como pequenas missões, necessárias para a grande missão da evangelização da comunidade de Éfeso.

Finalizando, podemos perceber que a Igreja de Timóteo formou as características iniciais da fé daquela comunidade, de forma especial o clero que a conduzia. Foram traçadas as características que viriam a ser diretrizes e elementos essenciais para eles: a disponibilidade própria ao serviço do diácono, a condução da comunidade local por parte do sacerdote e sua idoneidade, e a liderança do epíscopo administrativa e espiritualmente em relação a uma Igreja. Todos esses elementos viriam a se tornar fundamentos nos anos vindouros da Igreja, fazendo parte essencial da constituição da Igreja na formação de seus pastores, atualmente.

### 3.1.2 Exigências para as lideranças na Igreja do Papa Francisco

Agora voltamos nosso olhar, novamente, para a atual Igreja do Papa Francisco. Como uma realidade de fé, a religião cristã é ligada à fonte original pela ação do Espírito Santo, o qual não só cria, mas sustenta toda a comunidade dos discípulos-missionários de Jesus. Essa realidade tem sido orientada através dos Concílios realizados no decorrer dos séculos que buscaram formalizar este consenso da fé.

Evidentemente, com o avanço do estudo teológico, a Igreja tem avançado seu conhecimento sobre si mesma, quer enquanto realidade invisível, sendo o corpo místico de Cristo, quer enquanto realidade visível, através da Instituição Igreja Católica. Tendo avançado

---

<sup>92</sup> KASPER, W. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 368.

na Cristologia, eclesiologia, pneumatologia e outros ramos teológicos, a Igreja consegue hoje fazer uma melhor reflexão sobre seu próprio agir evangelizador, buscando respostas mais eficazes em relação aos questionamentos que a sociedade atual lhe faz.

A Igreja não tem luz própria, senão que, qual Lua misteriosa, junto com o Sol, Jesus Cristo, tem de devolver refletida para os homens a claridade daquele que lhe brilha o rosto. Ela deve ser pura transparência, porque desaparecendo, possibilita ver Cristo, presença vivente nela, que a faz transparente e transparecer. Ele é sua cabeça, com a qual ela tem de se conformar, já que forma um só corpo com Cristo. Daí a necessidade de a Igreja estar sempre em estado de reforma, para poder transparecer a luz de Cristo (LG 8). E a reforma que o Concílio vaticano II quis foi a fidelidade cada vez maior a Jesus Cristo. Sua existência é fidelidade. Seu viver é reviver Jesus Cristo, o que a leva a transcender-se a si mesma, porque ele é a verdadeira luz do mundo (Jo 8, 12; 9, 5), como também “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6)<sup>93</sup>.

Desta forma, o processo de evangelização, na atual Igreja, é fruto de uma constante atualização, que tomou forma após o Concílio Vaticano II, e recebeu traços próprios na América Latina com as Conferências Episcopais que se sucederam. A estrutura que a Igreja Católica foi formando com o passar dos séculos exigiu, por sua vez, uma melhor organização, não somente hierárquica, mas também em seu processo de evangelização. Já não era mais suficiente a catequese de mestre a discípulo, como na época dos apóstolos ou de Timóteo. Paulo recomendou que os episcopos fossem competentes no ensino (1Tm 3,2), o que era suficiente para o número de fiéis existentes na comunidade, algo impensável para nossa atualidade. O serviço de cada pessoa, dentro de sua comunidade, tomou importante lugar na hierarquia eclesial.

Com diferentes formatações no decorrer dos anos, a estrutura eclesial da igreja recebeu inúmeras mudanças. Talvez a mais importante seja o significado e a atuação do leigo na vida e na ação pastoral da Igreja. Antes do Concílio Vaticano II, era função exclusiva da hierarquia clerical dirigir e conduzir o povo, que deveria assumir uma função unicamente passiva. O Concílio renovou esta visão de forma radical, permitindo um protagonismo muito mais ativo, e ação apostólica, fruto de sua própria vocação. A comunidade passa a adquirir uma função e portanto, um serviço, exclusivo, na estrutura eclesial. Espaço, esse, que não pode ser preenchido por nenhum clérigo.

Da passividade passou-se a uma missão comprometida e central. Na mentalidade pré-conciliar, o leigo, antes de tudo, devia ser passivo. Escutar os pastores, calar e obedecer a eles (e financiá-los). Sua atividade máxima consistia na receptividade (passividade ativa). O Concílio afirma taxativamente que a missão do leigo (do “cristão normal”, daquele que não deseja dedicar-se a um serviço inter-eclesial ou a um serviço extra-eclesial determinado) coincide com a própria missão global da

<sup>93</sup> BRUSTOLIN, L. A. (org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*, p. 101.

Igreja: procurar alcançar o Reino de Deus (LG 31; GS 45; AA 2), missão que levará a termo tal como Jesus pediu a seus discípulos: a modo de fermento (LG 31; Mt 13, 33)<sup>94</sup>.

Podemos perceber uma eclesiologia muito mais complexa que os rudimentos da época de Timóteo, visto que a própria estrutura, como um todo, cresceu e exigiu maior organização por parte de suas próprias lideranças. Entretanto, iremos refletir exigências semelhantes às que meditamos na Igreja de Éfeso: o conhecimento, trazendo o conteúdo da fé em sua expansão pelos séculos; a preparação e disposição com que nossos agentes pastorais contam para o exercício da missão; e a questão profética tendo como base a missão deixada por Jesus.

### **a) Conhecimento**

Os agentes de evangelização de nossa época também vivem um tempo de mudança, onde lhes é exigido uma grande dose de criatividade, para que sejam capazes de transmitir o grande conteúdo da fé, compilado em centenas de anos. “Nesse âmbito, devem ser incluídos também os fiéis que conservam uma fé católica intensa e sincera, exprimindo-as de diversos modos, embora não participem frequentemente no culto. Esta pastoral está orientada para o crescimento dos crentes, a fim de corresponderem cada vez melhor e com toda a sua vida ao amor de Deus” (EG 14).

A Igreja pós-conciliar retoma sua mística dos primeiros séculos, ao afirmar-se o “sacramento de Cristo”. A Trindade se une a Igreja, tornando-se a sua essência. Toda a pregação de Jesus, contida na Palavra de Deus, traz o modelo do Reino o qual a Igreja tem a nobre missão de testemunhar, e busca no dinamismo e criatividade do Espírito a forma de cumprir esta tarefa.

A comunidade de fé é convidada a converter-se em direção ao Reino, hoje e sempre, buscando compreender e refletir o conteúdo da fé que vem sendo meditado, no decorrer dos anos, para que possa ser apresentado de forma mais compreensível ao povo desta época. Essa é uma das tarefas pertinentes a evangelização atual: captar e “adaptar” (sem modificar) a mensagem evangélica, consciente dos moldes de nossa sociedade:

O que predomina em maior ou menor grau em nossas sociedades ocidentais hoje é a opção por um humanismo que supostamente basta a si mesmo. Com frequência apega-se a ele uma certa melancolia e nostalgia, a sensação de falta de algo que não está mais presente, talvez também uma certa tristeza e falta de alegria, mas ele caracteriza o modo como vive hoje um grande número de pessoas. Elas não buscam a realização de sua vida na relação com uma realidade transcendente, mas de modos

---

<sup>94</sup> VIGIL, J. M. *Vivendo o Concílio*, p. 40.



diversificados e muitas vezes honrados no plano imanente. Não se pode afirmar que todas elas vivam de modo superficial, que sejam insinceras ou até imorais; pelo contrário, entre elas há muitas pessoas sinceras e cômicas de sua responsabilidade, que todos nós conhecemos, com as quais convivemos diariamente e temos de nos relacionar em todos os âmbitos da vida<sup>95</sup>.

Em uma sociedade que tornou-se uma verdadeira “aldeia global”, onde pessoas no mundo todo se conectam umas às outras com muita facilidade, o conhecimento da fé corre o risco de ficar muito fragmentado, isto é, especializado em partes, de acordo com as diferentes formas de viver a espiritualidade, ou de manifestar a fé. O homem não é uma única parte, ou formado por uma única dimensão. Ele possui diversas dimensões, que necessitam ser trabalhadas de forma conjunta e orgânica, para que possa crescer de forma integral na fé. Trata-se da “vida em abundância”, que Jesus almejava para todos em *Jo 10,10*, e não de uma vida superficial.

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco ressalta a figura do laicato, em sintonia com o Concílio vaticano II, como verdadeiros transmissores do conteúdo da fé, tão comprometidos quanto o clero. Não se trata da vocação específica, mas da vocação batismal, que traz a todo o batizado essa função de evangelização e busca da vivência da santidade no ambiente em que convive, embora ainda permaneça a diferença essencial entre a vocação específica do leigo e do clérigo, em sua missão e, portanto, na dinâmica de evangelização. Na Carta a Timóteo, essa diferença se mostra visível nas características específicas do clero – epíscopo, diácono e sacerdote – no serviço de evangelização como o ministério da palavra e a instrução, ofícios dos presbíteros (1Tm 5,17).

Atualmente, na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, o pontífice recorda dois perigos antigos que se tornaram atuais: o gnosticismo e o pelagianismo. Este novo gnosticismo remonta ao interior de cada homem, onde ele mesmo atribui sua união com Deus, de uma forma interna, bastando-se a si mesmo, sem a necessidade de assumir e renovar suas relações com os irmãos. Neste caso, a encarnação, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo perde seu valor diante da remissão e conversão comunitária, o que não faz sentido para a proposta evangélica. Da mesma forma, a nova versão pelagiana acentua o protagonismo unicamente individual, uma autonomia que não necessita em nada do poder transformado de Cristo, que passa a ser somente uma inspiração que pode ou não levar o indivíduo a buscar sua conversão.

## **b) Preparação e disposição humana**

---

<sup>95</sup> KASPER, W. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*, p. 64-65.

Na mesma esteira que vinhamos caminhando, o agente pastoral da atual Igreja necessita beber nas fontes apostólicas e testemunhar segundo nosso último Concílio, o Vaticano II. Lhe é exigido o ímpeto dos primeiros santos, mas também a criatividade dos novos cristãos; a sede de conhecer e viver a caridade que possuíam os cristãos de Éfeso, mas também o protagonismo próprio do leigo inserido no mundo atual.

Evidentemente, essa realidade, já presente nos documentos, cartas e encíclicas, como a que estamos estudando, *Evangelii Gaudium*, necessita de um longo período de adaptação, sobretudo em relação à hierarquia. O dinamismo evangelizador tem se mostrado muito presente na vocação laical, encontrando resposta aos anseios da comunidade atual, com suas próprias características, dons e fragilidades.

A subjetividade leiga brota de nossa condição comum de batizados. É dessa condição de incorporados em Cristo que o leigo se torna sujeito ativo na Igreja e no mundo. Nesse sentido, a eclesiologia conciliar sintoniza-se com a sociedade moderna e proporciona uma valorização dos cristãos em seus direitos e deveres não somente fora, mas também dentro da Igreja. Há que relacionar, portanto, de modo direto e orgânico, as Constituições *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*: uma nova concepção de Igreja e de teologia do laicato se compreende à medida da acolhida e da inserção da mesma e, de modo particular, dos fiéis leigos no mundo moderno<sup>96</sup>.

Se compararmos os primeiros cristãos, com os cristãos da Igreja do Papa Francisco, poderemos verificar a mesma essência, que forma a Igreja, em todos os tempos: o amor doação, que deve ser testemunhado a toda pessoa que se coloca como ouvinte do Senhor; a atenção e cuidado com os mais necessitados, os pobres do Senhor, que na atual sociedade, ganharam novos rostos e a entrega plena da vida ao chamado do Senhor na missão que lhe é incumbida. Por outro lado, semelhante ao sacrifício de Cristo na cruz, que hoje acontece de modo incruento nos altares do mundo, os martírios do período apostólico se dão, hoje, não mais de forma cruel, no coliseu ou no fio da espada, mas no desgaste e entrega diária à missão evangelizadora.

Outro ponto essencial é a vivência da espiritualidade do leigo. O período pré-conciliar “empresta” a espiritualidade monástica e lhe agrega uma espécie de comodismo, onde só se alcança o Senhor estando como que fora das atividades cotidianas. A disposição do homem na Igreja atual lhe confere uma forma própria de viver sua vocação, missão e, por consequência, sua própria oração:

O Vaticano II coloca-nos a exigência de *voltar a uma concepção mais cristã de santidade*. Trata-se, portanto, de uma santidade encarnada, não separada, não fuga

<sup>96</sup> PASSOS, J. D. *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*, p. 153.

deste mundo. O texto conciliar (LG 41) repete insistentemente que a santidade deve ser alcançada na vida diária, nas ocupações de cada estado de vida e condição, não em uma separação ou fuga do mundo. O *fundamento teológico* de tudo isso é, além da lei da encarnação cristã, o *sacerdócio comum* dos fiéis (LG 10-11), verdade teológica eminentemente bíblica, olvidada no século XVI e redescoberta pelo Vaticano II. Esta fecundíssima visão teológica implica uma verdadeira revolução na existência cristã, na qual já não se faz distinção entre lugares ou tempos sagrados e profanos. Isso nada mais significa que resgatar a mensagem genuinamente neotestamentária<sup>97</sup>.

Em meio a essa importante mudança na compreensão do papel do laicato em nossa Igreja, precisamos destacar as fragilidades próprias de nosso tempo para aqueles que se colocam na função de evangelizadores pastorais. Nossa sociedade, dita imediatista, enfrenta muitas dificuldades em conviver e compreender uma Igreja que lhe pede confiança e esperança ilimitados. A velocidade de nossas máquinas sugere ao mundo que o ser humano também consegue otimizar todos seus processos em tal velocidade. E aqui a Igreja não pode negar seu caminho e método. Definitivamente, o tempo de Deus não é o tempo dos homens de sua Igreja. Seja em Francisco, com a constante mudança nos métodos e pensamento da sociedade, quanto em Timóteo onde os ministros precisaram solidificar a comunidade em meio ao perigo constante do martírio, os evangelizadores ao vencerem seus desafios, “conquistam para si mesmos posto de honra, bem como muita intrepidez fundada na fé em Cristo Jesus” (1Tm 3,13).

No segundo capítulo da *Evangelii Gaudium*, conforme abordamos no capítulo anterior, o bispo de Roma nos alerta sobre diversos perigos oriundos de nossa época, os quais devemos ter atenção para que não nos tornemos, com o passar do tempo, indiferentes ou até mesmo apoiadores de práticas que dão contratestemunho da caridade pastoral, exigida por Jesus.

Um dos principais elementos que afeta a ação do homem, em nosso tempo, é a desigualdade social, fruto da economia desregulada, que muito afeta a dignidade necessária à vida de todas as pessoas. Nas palavras de Jesus: “Vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (*Mt 6,24*). A ganância humana não é a novidade de nosso tempo, porém, um sistema econômico que favorece uma pequena parcela da comunidade em detrimento de uma grande porção do povo torna-se uma grande dificuldade, a qual precisamos, continuamente rever e criar novas maneiras de oferecer a mensagem do Evangelho, sobretudo aos que não possuem condições de sobreviver.

Outros elementos, tanto culturais quanto religiosos, exigem dos agentes de evangelização uma boa formação, conhecendo o conteúdo da fé e também formas eficazes de

---

<sup>97</sup> VIGIL, J. M. *Vivendo o Concílio*, p. 46.

transmissão dele. Outro elemento é o secularismo e a grande oferta de formas de espiritualidade dentro e fora da Igreja. Torna-se uma exigência ao evangelizador uma grande força espiritual, bem como uma formação integral, para que seja fecundo na missão que a Igreja lhe confia.

Essa vocação e missão dos leigos não é uma concessão do Clero, mas lhes advém do próprio Jesus Cristo. Diz a LG: “O apostolado dos leigos é a participação na própria missão da Igreja e a este apostolado são destinados todos pelo próprio Senhor ao receberem o batismo e a confirmação;” (LG 33). É óbvio que isso não diminui a missão dos pastores da Igreja, que, como tais, regem a Igreja em nome de Cristo. Conseqüentemente, a atuação dos leigos, dentro de sua legítima autonomia, deve sempre ser realizada em estreita e sincera comunhão com os seus legítimos pastores. Os pastores, por sua vez, devem respeitar a missão própria dos leigos e promovê-la, bem como sua adequada autonomia em seu apostolado no mundo.<sup>98</sup>

### c) Profecia e Missão

Karl Rahner afirma que “o cristão do futuro ou será místico ou não será cristão”<sup>99</sup>. A pastoral da atual Igreja necessita, como nunca necessitou, de uma evangelização preparada e refletida, dando lugar central ao anúncio de Jesus Cristo. Este querigma, com o passar dos anos, perdeu sua força, em meio a nossa sociedade multifacetada e marcada por muitas fragilidades.

O Vaticano II marcou a sociedade atual com a autonomia do homem em suas próprias realidades. Sendo “capaz de Deus”, como afirma o próprio Catecismo, o homem é imbuído desse dom já no seu batismo, recebendo a graça de participar da vida em Cristo e a filiação de Deus. Juntamente com esta graça, recebe também o compromisso do testemunho cristão. A missão oriunda da acolhida batismal torna-se fecunda no anúncio do Reino, na denúncia das injustiças e na vivência do amor a Cristo. Esta é a missão do profeta que opta pelo seguimento a Jesus, em nosso tempo.

Esta missão não perde sua força, quando o homem se insere no mundo, mas, ao contrário, recebe novo ardor, visto que a criatividade e muitos métodos utilizados pela sociedade podem, agora, ser empregados na evangelização. A própria lei natural encontra seu espaço enquanto originante de todas as leis e determinações humanas atuais. O homem cresceu, dominou sobre todas as coisas, mas ainda possui por base a lei dada por Deus. Em 1 Tm a admoestação feita “tem como finalidade a caridade, que procede do coração puro, de boa consciência e de fé sem hipocrisia” (1Tm 1,4), ao passo que a Igreja aprendeu a “encaixar”

<sup>98</sup> BRUSTOLIN, L. A. (org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*, p. 93.

<sup>99</sup> Em sua obra *Escritos de Teologia VI*, de 1967, Rahner exalta a ação do Espírito como protagonista da ação evangelizadora. É ela que leva o ser humano a um encontro pessoal e vivido com Deus.

essa moderna autonomia na lei de Deus, sem negá-las e interpretando-as para que, assim, pudessem responder aos anseios deste tempo.

É muito importante que essa autonomia humana, manifestada no espírito profético e na realização consciente da missão, cresça cada vez mais na consciência das pessoas. O ser humano é o responsável, dinamizador e propagador da verdade divina, no mundo no qual está inserido. Este crescimento gera amadurecimento espiritual e moral no ser humano, estando estreitamente ligado a autonomia que estamos refletindo. O agente evangelizador se torna mais consciente de sua autonomia, a medida em que se percebe participante ativo na criação da sociedade e do próprio ser humano.

A autonomia da ordem temporal não é uma afronta à Igreja, como se afirmava no passado, mas é “plano de Deus acerca do mundo que os homens, em espírito e concórdia, construam a ordem temporal e sem cessar a aperfeiçoem” (AA 7). Todas as obras e conquistas históricas do ser humano são compreendidas como inseridas na ordem boa criada por Deus (cf. Gn 1,31), possuindo um valor próprio advindo do mesmo Deus. E essa bondade natural recebe dignidade especial com o ser humano criado para ser seu senhor. E Deus reuniu também todas as coisas em Cristo, como princípio de fim de tudo. E acrescenta que esse destino “não prive a ordem temporal de sua autonomia, de seus fins próprios, leis, subsídios, importância para o bem dos homens, mas antes a aperfeiçoa em sua expressão e eficácia própria e, ao mesmo tempo, a equaciona com a vocação integral do homem sobre a terra” (AA 7)<sup>100</sup>.

Esta chamada autonomia das realidades terrestres diz respeito a todas as esferas nas quais o homem possui algum poder de decisão, em maior ou menor escala. As ciências e a sociedade possuem autonomia, enquanto formulam suas próprias leis para a organização civil da comunidade e esta, por sua vez, utiliza seu conhecimento científico para buscar a verdade, não se opondo a fé, mas participando dela.

Ao agente de evangelização é importante participar desta autonomia para que possa proceder de maneira eficiente a sua ação de evangelização junto à comunidade. Mais que em qualquer outra época, é importante saber conciliar a Verdade da Revelação divina com as dúvidas e necessidades da época atual. O homem é o artífice do plano elaborado por Deus e necessita conscientizar-se de seu papel no plano evangelizador da Igreja. Por sua vez a Igreja lhe dá esse dom e, ao mesmo tempo, tarefa de tornar viva a fé dos primeiros apóstolos, enquanto realiza a missão deixada por Jesus Cristo no coração de cada homem que se coloca na escuta de sua Palavra.

Por essa matéria da pertença e participação responsável dos leigos na missão da Igreja em favor da humanidade, a doutrina do concílio pode iluminar a vida da sociedade, de modo especial, a participação política e econômica de todo cidadão

<sup>100</sup> PASSOS, J. D. *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*, p. 218.

em favor do bem comum. Todos são membros com plenos direitos e deveres na sociedade, segundo seu estado de vida, sua profissão e eventuais cargos de responsabilidade. Nisso ninguém deve ser privilegiado, mas também todos são corresponsáveis pelo bem comum, pela construção de uma sociedade justa, pacífica, solidária e fraterna. Isso não pode ser apenas teoria, mas deve sempre de novo ser promovido na prática da vida social, segundo as circunstâncias de cada país e comunidade. Todos somos irmãos, e ninguém pode considerar-se maior do que outros só por ter responsabilidades maiores ou cargos de governo na sociedade. Todos devemos estar a serviço uns dos outros e conviver na justiça, no direito e na paz<sup>101</sup>.

Ao concluir este ponto, pudemos verificar a forma como os dois documentos – a Primeira Carta a Timóteo e a *Evangelii Gaudium* – formaram o clero no decorrer dos anos. Enquanto Timóteo ensina o seu clero, formando sacerdotes, diáconos e episcopos nos conhecimentos iniciais acerca do Cristo e sua Igreja, Francisco possui o papel de reanimar este clero, em uma Igreja adormecida em seu ardor evangelizador. Encontramos parâmetros semelhantes em ambas, quando comparamos o conhecimento, a disposição humana e espiritual do clero no processo evangelizador, a importância da ação profética para o correto testemunho cristão e a compreensão e execução da missão do anúncio da Boa-Nova.

Podemos dizer ainda, que o clero, na Igreja de Francisco está em busca do seu lugar no processo missionário de evangelização, apesar de extremamente fragilizado em seu ardor, por diversos motivos, os quais iremos elencar no ponto a seguir. A Igreja de Timóteo tem a importante função de auxiliar sacerdotes, diáconos e episcopos nesta missão, reafirmando os fundamentos da fé, e oferecendo um modelo seguro para os missionários da vinha do Senhor: diáconos que servem, sacerdotes que acompanham suas comunidades e episcopos que administram suas Igrejas. Entretanto, ainda queremos oferecer uma proposta atual para o clero de nossa Igreja, para que possa realizar sua missão conforme a vontade do Pai.

### 3.2 PROPOSTAS HERMENÊUTICAS ATUAIS PARA O CLERO

Um aspecto de suma importância, presente tanto na expressão eclesiológica da comunidade de Timóteo, quanto na comunidade atual de Francisco, é a presença, o testemunho e a solidez dos membros da hierarquia na ação evangelizadora da Igreja. Em Timóteo, a estrutura estava tomando forma, bem como sua disposição e função no meio daquela comunidade. Em relação a outras cartas paulinas, encontramos uma organização um pouco mais avançada, com conselhos personalizados a presbíteros, diáconos e episcopos.

---

<sup>101</sup> BRUSTOLIN, L. A. (org.). *50 anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*, p. 95.

A igreja da época coberta pelas <<epístolas pastorais>>, sem importar se isso envolvia o tempo de Paulo, no fim de sua vida, ou algum período de vida subsequente ao do apóstolo dos gentios, precisava de uma organização apropriada, bem como da nomeação de líderes qualificados. Para garantir que isso estaria sendo apropriadamente feito é que foram escritas essas epístolas<sup>102</sup>.

A Igreja de nosso período sofreu um interessante processo, em relação à estrutura hierárquica, com o passar dos séculos. Com a abertura da Igreja ao mundo, no Concílio Vaticano II, os leigos retomaram o protagonismo que possuíam na igreja nascente. Com isso, o clero obrigou-se a buscar o seu verdadeiro espaço na estrutura eclesial. Isto quer dizer, viver o próprio recebido na ordenação, de acordo com o grau de cada ministério, o que tem exigido uma constante reflexão e readaptação por parte dos ministros ordenados. Um bom exemplo é a transformação que o ministério sacerdotal recebeu, com o passar dos anos, não em essência, mas em relação

In realtà, tuttavia, l'interpretazione scrale del *munus* sacerdotale, con attenuazione dela originalità cristologica bem chiara nel Nuovo Testamento e nella comunità dele origini (come atesta tematicamente la Lettera agli Ebrei, atematicamente la scelta terminológica per i ministeri), interpretazione che le spinte secolarizzanti dela modernità deformano, ma non abbandonano, rende tale categoria (quella sacerdotale) ambígua sul piano, comunicativo, dove sofre inevitabilmente dela riduzione alla funzione litúrgica, a volte addirittura secondo uma rimasticata teologia dei poteri. Ciò non comporta la illegittimità di tale riconduzione categoriale, ma la sua inadeguatezza, soprattutto in uma stagione culturale in cui – *occluso il códice del sacro* – la centratura sacerdotale sofre non solo di riduzione ma anche di rischiosa deformazione<sup>103</sup>.

Desta forma, percebemos que o grupo dos clérigos tem uma função de importância única para o processo de evangelização da Igreja de Jesus Cristo. Evidentemente o ministro ordenado existe para a Igreja e em função desta, mas a forma como ela vai sendo constituída no decorrer dos anos é também resultado da ação deles. Existe uma relação articulada entre o humano e o divino, análoga entre as naturezas humana e divina de Cristo, que bem representa a ordenação de um clérigo. A escolha trata-se de um meio humano, mas a recepção do sacramento acontece por meio do Espírito Santo, bem como os carismas e a graça dada ao candidato. Essa realidade já é indicada em Primeira Timóteo, quando Paulo nos revela sobre

<sup>102</sup> CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado*: versículo por versículo, p. 274.

<sup>103</sup> Na realidade, entretanto, a interpretação sagrada do *munus* sacerdotal, com atenuante da originalidade cristológica é muito clara no Novo Testamento e na comunidade original (como a Carta aos Hebreus atesta tematicamente e atematicamente a escolha terminológica pelo ministério), interpretação que os impulsos secularizadores da modernidade deformam, mas não abandonam, tornam esta categoria (a sacerdotal) ambígua no nível comunicativo, onde sofre inevitavelmente da redução à função litúrgica, às vezes até de acordo com uma teologia dos poderes remastigada. Isso não envolve a ilegitimidade de tal renovação categórica, mas a sua inadequação, especialmente em uma temporada cultural na qual – incluído o código do sacro – a centralização sacerdotal sofre não só de redução mas também de arriscada deformação. (LANZA, S. *Opus Lateranun: Saggi di teologia pastorale*, p. 248).

as profecias conferidas sobre o jovem e a imposição das mãos que o “sagrou” episcopo daquela comunidade (1Tm 4,14).

Sabemos que o próprio Jesus não pertencia a descendência da tribo de Levi, não pertencendo ao grupo dos sacerdotes. Além disso, no que concerne a religião mosaica, Jesus se diferenciava dos fariseus e mestres da lei pela forma com que colocava em prática os ensinamentos das escrituras. Ele deixa como principais funções aos sacerdotes, realizadas através da Igreja, o oferecimento dos sacrifícios espirituais, isto é, através do Espírito Santo, e o anúncio do Reino de Deus.

Na Palavra de Deus, o ministério ordenado foi sendo elaborado à medida que as comunidades foram compreendendo a necessidade e percebendo a manifestação da ação de Deus em alguns homens, para algumas ações específicas. Como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, as cartas pastorais possuíam melhor organização em relação a hierarquia eclesial, do que as demais cartas paulinas:

Os profetas praticamente desapareceram e só são mencionados de forma indireta na referência à investidura de Timóteo (cf. 1Tm 1,18 e 4,14). Os títulos respectivos também desapareceram por medo dos falsos apóstolos, profetas e doutores. A Palavra só é considerada em sua forma de doutrina. Algo fixo que se trata de transmitir como um depósito. Os ministérios servem, sobretudo, como instâncias da doutrina verdadeira contra a heresia para garantir continuidade com a origem apostólica. A evolução dos ministérios ainda não chegou ao fim, mas já se mostra progresso rumo a uma ordem fixa, em que prevalecerão os ministérios estáveis no lugar (episcopo/bispo, presbítero, diácono), contra os ministérios itinerantes (apóstolos, profetas). Mas aqueles três ainda se encontram em formação.<sup>104</sup>

Percebemos, assim, que em sua origem, o ministério ordenado foi se desenvolvendo em torno do crescimento da comunidade, na pregação, direção, exortação e da eucaristia. Na evolução do ministério, com o passar dos séculos, cada grau da ordem foi tornando-se mais específico, e a Igreja passou a conceber o ministério ordenado como algo intrínseco a sua própria existência. Nas palavras de Cipriano de Cartago: “a Igreja está no bispo e o bispo na Igreja”.

Atualmente, o sacerdócio ministerial difere-se do sacerdócio comum de todos os batizados, mas ambos participam do único sacerdócio de Cristo “cada um a seu modo” (DH 4126). Existe entre os dois uma relação mútua, que se integra como mistério na Igreja, mas ambos ordenados para a salvação dos fiéis, devendo coexistir em harmonia e direcionados para a evangelização e proclamação da Boa-Nova de Cristo. Enquanto “o sacerdócio,

---

<sup>104</sup> TABORDA, F. *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*, p. 96.



reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que Se entrega na Eucaristia” (EG 104), se realiza, principalmente, na administração dos sacramentos, o sacerdócio comum dos fiéis se realiza na busca cotidiana pela santidade.

Iremos, no decorrer deste ponto, refletir sobre alguns desafios pertinentes, exclusivamente, aos ministros ordenados. Iniciando no período formativo, quando ainda são seminaristas, refletiremos as dificuldades neste agir evangelizador; após apresentaremos a questão do desapego pessoal como proposta necessária para adesão à missão; então refletiremos sobre o profetismo no atual sacerdócio, apontando, por fim, um fechamento, que busca desmistificar e resgatar a alegria do Evangelho na caminhada de tais sacerdotes.

### 3.2.1 Desafios na formação presbiteral

O presbítero é chamado a ser especialista em humanidade. Para isso, é indispensável que seja preparado em sua saúde física, psíquica e espiritual desde os primeiros momentos de sua formação, nos seminários. Com a missão de acompanhar, cuidar e orientar, relacionando-se com todas as pessoas, o sacerdote deve ser devidamente preparado, tanto em sua formação inicial, quanto na permanente, após a ordenação.

Um primeiro elemento é a eleição do candidato. Vivemos hoje um período de escassez de vocações ao sacerdócio. “Frequentemente isso fica-se a dever à falta de ardor apostólico contagioso nas comunidades, pelo que estas não entusiasmam nem fascinam” (EG 107). Passamos de um período onde a Igreja, através da comunidade local e seus ministros era a responsável por chamar e indicar os candidatos, de acordo com as necessidades, para uma atual situação onde o próprio indivíduo se apresenta para suprir a função. Quando estas duas realidades não estão sintonizadas e sincronizadas, a Igreja corre o risco de ordenar um ministro que não possui a especificidade necessária para cumprir a missão ministerial da evangelização:

Um jovem vocacionado, ou uma jovem vocacionada, que queira realmente descobrir a vontade do Senhor, com relação ao seu projeto de vida, terá sempre de levar em consideração esse aspecto. Do contrário, correrá o risco de cair em alienação. Em função dessa exigência, Puebla pedia que a pastoral vocacional levasse sempre em conta os apelos da realidade: uma pastoral *encarnada*, empenhada em superar a situação de subdesenvolvimento e de injustiça que destrói a vida no continente latino-americano. Para que isso aconteça é importante que os jovens não sejam desarraigados do próprio contexto social em que vivem, uma vez que a experiência do Deus que chama passa, sem dúvida alguma, por uma *clara* visão da realidade. os

fatos ou acontecimentos, vistos com o *olhar da fé*, tornam-se sinais claros daquilo que Deus pede a cada um de nós.<sup>105</sup>

Percebemos, então, que essa primazia do sujeito em relação a Igreja na decisão vocacional é um desafio recente, dos últimos séculos, pois acentua um certo subjetivismo e individualismo, que não compactuam com a proposta de Jesus. A comunidade precisa, juntamente com os ministros da Igreja, intermediar esta escolha, bem como validar a caminhada vocacional do candidato, durante o processo.

Outra dificuldade encontrada nesse campo é a adesão de novos seminaristas. O baixo número atual de candidatos possui diversos motivos, como o pequeno número de filhos, nas famílias modernas, e também o imediatismo da sociedade que considera muito longo o tempo do processo de formação. Os novos candidatos são, em sua maioria, pertencentes à cidade e não mais do campo, como outrora, o que causa uma mudança na própria forma do futuro sacerdote ver e dirigir sua comunidade. Semelhante a São Paulo, em suas cartas, que utilizava de exemplos baseados em sua vivência na pólis e não nos campos, como a maioria dos apóstolos de Jesus.

Existe, atualmente, um pluralismo no modelo de ministério presbiteral, o que demonstra um certo subjetivismo no exercício do serviço. Temos sacerdotes caracterizados pelo ativismo pastoral, que cumprem tarefas em demasia em suas comunidades, muitas destas fora de sua competência, causando sobrecarga e ineficácia nas suas funções. Outros ainda dedicam apenas uma pequena parte do seu tempo à comunidade, permanecendo a maior parte do tempo envolto de sua vida pessoal. Temos hoje os padres midiáticos, que buscam seu espaço tão somente nas mídias, não encontrando espaço junto a nenhuma comunidade, e outros ainda que buscam segurança em um conservadorismo anterior ao Vaticano II, em um mundo de ritos e medidas, deixando pouco espaço para a caridade pastoral exercida tantas vezes por Cristo. Vemos diferentes facetas, para um único ministro que é chamado a viver a espiritualidade do bom pastor:

Pelo Sacramento da Ordem o padre participa, **em grau subordinado**, da consagração e missão do bispo e, assinalado por caráter especial (o caráter sacerdotal), o padre é, pela unção do Espírito Santo, configurado ao Cristo Sacerdote de tal forma que possa atuar na pessoa de Cristo-Cabeça (PO 2). O ofício dos presbíteros (= a Ordem dos presbíteros), enquanto ligada à Ordem episcopal, participa da autoridade com que o próprio Cristo constrói, santifica e governa o seu Corpo.<sup>106</sup>

<sup>105</sup> OLIVEIRA, J. L. M. *Teologia da Vocação: temas fundamentais*, p. 45.

<sup>106</sup> LORSCHIEDER, A. *Identidade e espiritualidade do padre diocesano*, p. 65.

Todos esses modelos presbiterais atraem os novos seminaristas, exigindo da formação uma adequada compreensão do ser sacerdote e sua transmissão aos candidatos. O modelo oferecido no documento *Optatam Totius*, sobre a formação sacerdotal, no Concílio Vaticano II, ainda oferece um modelo equilibrado ao jovem que busca o sacerdócio. Ele nos lembra que o seminarista que hoje ingressa no seminário maior carece de melhor formar sua identidade em relação à sua escolha religiosa (OT 6) e a formação intelectual adequada à necessidade do tempo presente (OT 15). Formar a identidade religiosa (OT 21), pois a fidelidade à religião tornou-se muito frágil e necessitada de fortalecimento constante, e aprimorar o intelecto, pois a ciência tornou-se por demais fragmentada, exigindo do padre uma integralidade do conhecimento acerca do ser humano, harmonizada com a fé. Paulo acrescenta ainda, na Primeira Timóteo, que o clérigo “tome um pouco de vinho por causa do estômago e das frequentes fraquezas” (1Tm 5,23).

### 3.2.2 Desafios para os desapegos pessoais

Como homem retirado do meio do povo e chamado a retornar ao seu meio para interceder junto a Deus, o sacerdote vive as mesmas tentações dos homens de nossa época. Vivemos em uma sociedade no qual o valor está intimamente ligado ao útil. Torna-se valoroso aquilo ou aquele que consegue oferecer alguma utilidade, quer econômica, física ou até mesmo espiritual. Desta forma, o presbítero necessita, continuamente, exercitar sua virtude em relação ao desapego de tudo o que não lhe auxilia no cumprimento da missão que sua vocação exige.

Durante a formação inicial, o candidato ao sacerdócio é convidado a viver a virtude do desapego. Com um itinerário regrado, o seminarista diariamente tem a oportunidade de exercitar, através de suas escolhas, o crescimento para o desapego. Este regulamento, observado e corrigido por formadores, é necessário para que o futuro sacerdote possa aprender e exercitar posteriormente, durante os anos de ministério, as escolhas corretas sem a necessidade da supervisão do bispo.

É horário com certa flexibilidade, horário para a oração, horário para o estudo, horário para o atendimento ao povo, horário para as celebrações, horário para as visitas, as quais, normalmente, devem ser breves para não molestar as pessoas e descambar para assuntos alheios ao bom pastoreio do rebanho. O regulamento de vida coopera para a santificação da própria vivência e convivência com a família, com os paroquianos, com os amigos, os irmãos no presbiterado, com o bispo, com as Autoridades, com os doentes, com os pobres, com os seminaristas que houver, com qualquer pessoa. Aqui pode-se aplicar o dito de Jesus: “Tudo quanto tiverdes feito a um desses meus mais pequeninos, é a mim que o tereis feito” (Mt 25,40). O nosso

relacionamento com as pessoas deve ser o mais correto possível, relacionamento santificador e santificante.<sup>107</sup>

Junto a este fenômeno que instiga a mudança cultural e social, influenciando por consequência, a vida presbiteral, temos a urbanização e a secularização. Ambas estão interligadas, e são parte integrante da vida urbana que a maioria da sociedade possui. Como integrante desta pastoral urbana, o sacerdote possui o permanente desafio de conviver em meio às muitas luzes da cidade, sem deixar-se encantar e seduzir por ela. Neste contexto, a Igreja é convidada a acompanhar a sociedade, ajudando-a a discernir e encontrar Jesus Cristo presente no próprio da cultura. O sacerdote, como membro ordenado desta Igreja e representante oficial, também necessita fazer este mesmo discernimento, exercitando a cultura do desapego em direção a uma vivência menos individualista:

A cidade proporciona a possibilidade de uma vida privada; oferece condições para o individualismo proliferar. Além disso, multiplica-se a formação de grupos desde os condomínios fechados até as grandes favelas que coexistem alternativamente ao conjunto da vida urbana, com suas regras próprias de convivência. Para muita gente, as cidades são acampamentos provisórios e, para uma minoria privilegiada, são o refúgio contra as ameaças de assaltos e roubos, mais possíveis em descampados. Por isso, a cidade não é um todo, mas uma unidade que engloba múltiplos mundos urbanos, que coexistem entre si.<sup>108</sup>

A própria cultura urbana, em si, gera uma maior necessidade de desapego do sacerdote em relação a diversos elementos. Os bens materiais estão muito mais presentes tanto no meio da cidade, como na Evangelização da Igreja. A modernidade trouxe consigo a possibilidade de utilizar diversos meios, além da fala mestre-discípulo (como era utilizada na época de Jesus) que possuem a vantagem de aumentar, exponencialmente, o alcance da mensagem evangélica, porém, o contato entre o transmissor e o destinatário da mensagem se perde profundamente. Paulo recomenda a Timóteo que o presbítero que trabalha bem no ministério da palavra e na instrução receba dupla remuneração (1Tm 5,17). Se faz necessário que o presbítero saiba utilizar com sabedoria os bens materiais que possui, para fins de evangelização, bem como para sustento próprio, de forma sóbria e modesta.

Outro apego muito comum ao presbítero é em relação às estruturas existentes na vida eclesial. Algumas formadas a dezenas de anos, outras a poucos meses, todas possuem a intenção de auxiliar neste processo de evangelização. A Igreja necessita de estruturas que possam se adequar à sua missão salvífica, de forma especial a sacramental que está congênita

---

<sup>107</sup> Cf. *Ibidem* p. 81-82.

<sup>108</sup> BRUSTOLIN, L. A.; FONTANA, L. L. B. (orgs.). *Cultura Urbana: porta para o Evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*, p. 133-134.

ao ser da Igreja. Muitas das demais são apoio para estas, aparecendo e desaparecendo, com o passar dos anos e das necessidades de cada momento na história. Assim como os leigos, que defendem e acreditam na imutabilidade de seus grupos e movimentos, muitos sacerdotes vivem o perigo de não enxergar a deterioração de determinadas estruturas que não mais servem à Igreja, mas acabam, por vezes, se servindo dela, para manter-se em funcionamento.

Como Igreja que serve e atua em um determinado tempo, é necessário que nossas estruturas possam servir à sociedade deste tempo, sem perder a essência da missão e da entrega a Deus. É necessário, continuamente, o presbítero se questionar acerca das estruturas que o rodeiam: se estas existem para lhe proteger e favorecer, unicamente, ou se ainda são sinais da ação de Deus no meio do povo. Ao observarmos grupos e até mesmo tradicionais congregações que desapareceram no decorrer da história, compreendemos que a Igreja é peregrina, porque Deus é eterno, mas sua expressão terrena é dinâmica e se transforma enquanto inserida no meio dos homens.

Devemos não só quebrar alguns modelos que tem bloqueado o seu próprio pensamento, ao longo dos últimos decênios, mas igualmente superar a fixação paralisadora sobre as questões da organização e das estruturas eclesiais. Em vez disso, devemos novamente retomar a perspectiva a partir do centro da fé, começando assim a amar com simplicidade a Deus e as pessoas, e dar o melhor de nós mesmos na situação em que vivemos, sem nos preocuparmos demasiado com o que os outros fazem ou deveriam fazer.<sup>109</sup>

Além destes, existem os desafios cotidianos da vida sacerdotal, que exigem o constante e permanente exercício do desapego aos hábitos que não colaboram e formam uma vida virtuosa, como por exemplo, formar a Igreja a partir da minha própria maneira de pensar e agir, colocando em segundo plano as orientações e diretrizes das autoridades eclesiais. Somos todos chamados a constante prática das virtudes. “As virtudes organizam-se sempre e necessariamente *“in habitu”*, embora os condicionamentos possam dificultar as *operações* desses hábitos virtuosos (EG 171). Um valoroso conselho espiritual que o sacerdote frequentemente recomenda, mas possui dificuldade de pôr em prática é aceitar o tempo e a ação de Deus em sua vida, permitindo que o Espírito Santo vá moldando e transformando suas ações. Existe um tempo para semear e, certamente, haverá tempo para ceifar.

O ato do desapego passa, sobretudo, com a identificação de nossa vida com o ministério que recebemos. É essencial que o sacerdote participe da morte e ressurreição de

---

<sup>109</sup> AUGUSTIN, G. *Colaboradores da vossa alegria: o ministério sacerdotal hoje*, p. 253.

Cristo de forma livre e voluntária, o que exige uma grande disponibilidade no cotidiano do presbítero. Agir em nome da Igreja, e não representar a mim próprio é uma prática que exige grande domínio de si e desapego do poder oferecido pela estrutura clerical.

Consequentemente, só poderemos ser livres se soubermos amar, se não existirmos “para nós”, mas para os outros e pensarmos neles. A vida espiritual, profunda e genuinamente cristã, de modo nenhum conduzirá ao isolamento porque prolongar a encarnação de Deus não significa apenas prolongar a missão do Filho de Deus na Terra, mas também comunicar à humanidade a vida de toda a Trindade e enchê-la dessa vida. O Espírito Santo, o Espírito do amor, só poderá educar o amor se puder suscitar, animar e divinizar uma vida feita de pertença recíproca.<sup>110</sup>

### 3.2.3 Desafios para uma decisão profética

Ser reconhecido pelo profetismo, isto é, a capacidade de anunciar a boa-Nova, denunciar as injustiças e convidar à conversão ao povo de Deus, sempre foi uma exigência do ministro ordenado, em qualquer momento da história da salvação. Paulo, ao passar por Éfeso, professou sua fé diversas vezes: “Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo – pela graça fostes salvos! – e com ele ressuscitou e nos fez assentar nos céus, em Cristo Jesus, a fim de mostrar nos tempos vindouros a extraordinária riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco, em Cristo Jesus.” (Ef 2, 4-7)

O apóstolo dos gentios também exorta a mudança: “Não andeis mais como andam os demais gentios, na futilidade dos seus pensamentos, com entendimento entenebrecido, alienados da vida de Deus pela sua ignorância e pela dureza dos seus corações.” (Ef 4, 17-18). Todos os santos e santas da Igreja procederam desta mesma forma, com o passar dos anos, na conhecida história da Igreja. Tornaram seu testemunho de vida uma expressão profética, ao exemplo de Francisco de Assis, que renunciou uma vida de riquezas e conforto à itinerância da missão, ou a Dulce dos Pobres, que se fez profeta no trabalho assistencial e humanitário com os pobres. Todos precisaram unir palavra e testemunho, para que sua ação profética pudesse ter efeito evangelizador sobre o povo.

Papa Francisco tem repetido, continuamente, em muitas de suas falas sobre a importância do clero atual retomar o exemplo do profetismo de tantos sacerdotes que marcaram a Igreja, representando o exemplo do próprio Cristo: “A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar

---

<sup>110</sup> Cf. Idem, p. 261-262.

aos seus privilégios. Quando estes valores são afetados, é necessária uma voz profética.” (EG 218)

Percebemos, porém, uma dificuldade cada vez maior nos presbíteros da atualidade, em encaminhar devidamente os problemas da ética, da convivência e da justiça social. As orientações eclesiais parecem exigir que o sacerdote anule suas próprias aptidões, em prol de uma unidade, que pode facilmente transformar-se em uniformidade, se não houver constante encontro com o Senhor, onde o discípulo-missionário se coloca diante do Mestre, para escutar sua vontade e buscar vivê-la em sintonia com sua própria vida. Isto quer dizer que Cristo vive em sua Igreja, na qual o sacerdote exerce o seu ministério, mas o modelo de ação que este deve buscar é sempre o Senhor, imutável nos séculos.

A partir do magistério da Igreja sempre houve uma imutabilidade da identidade do presbítero. Mas a partir do presbítero, de sua história de vida, vemos que sempre houve e há uma possibilidade maior de mudança na compreensão de sua identidade. Cresce, cada vez mais, entre os presbíteros, a consciência de que eles são seres humanos e que existe uma individualidade independente da condição de ser presbítero. Desta forma, a identidade presbiteral representa um questionamento no processo de realização e maturação humana. Os problemas que afetam a sociedade afetam também o presbítero, exigindo dele um posicionamento crítico e reflexivo diante da realidade.<sup>111</sup>

Uma medida que pode auxiliar no processo de adequação do presbítero tanto na paróquia, quanto em sua relação com os irmãos no presbitério e na sociedade, é desenvolver uma rede de entreaajuda que o apoie na tomada de decisões diárias, bem como na formação de sua própria identidade na ação pastoral. O Sacramento da Ordem une os sacerdotes com um vínculo de caridade apostólica, de ministério e de fraternidade, entretanto, tal vínculo necessita ser aprimorado com a vivência constante do presbitério.

Sendo espaço onde os presbíteros irão viver sua própria comunidade, o presbitério deve oferecer auxílio para que o sacerdote encontre testemunho e força para viver de forma radical o profetismo com o qual se comprometeu no dia de sua ordenação sacerdotal. Isso o ajudará a não viver de forma isolada ou autorreferencial sua missão sacerdotal, o que constitui um desafio na atualidade do padre.

A experiência da vivência no presbitério, através de uma amizade sadia, demonstra nossa própria relação com Deus, proporcionando o exercício da missão e o crescimento gradual do amor ao sacerdócio:

---

<sup>111</sup> SANTOS, J. B. *O Presbítero Católico: uma identidade em transformação*, p. 371

A capacidade de cultivar e de viver amizades amadurecidas e profundas nos dá serenidade e alegria no exercício do ministério sacerdotal e constitui um apoio decididamente importante no meio das dificuldades e um auxílio para o nosso crescimento sacerdotal. O fato de os sacerdotes se dedicarem especialmente aos confrades que se encontram em dificuldade e que necessitam de compreensão, de ajuda e de apoio, é um sinal de caridade pastoral (cf. PO 8).<sup>112</sup>

### 3.2.4 A alegria do sacerdote na Nova Evangelização

O sacerdote que busca ser um atual representante da Igreja de Francisco possui muitas dificuldades a vencer, porém tem também a oportunidade de vislumbrar o novo florescer da Igreja. O Papa, recentemente, dirigiu uma palavra de ânimo diretamente aos sacerdotes, impelindo-os a perseverar nas provações:

Em momentos de dificuldade, fragilidade, bem como de fraqueza e manifestação dos nossos limites, quando a pior de todas as tentações é ficar a ruminar a desolação,[10] fragmentando o olhar, o juízo e o coração, nesses momentos é importante – atrever-me-ia a dizer crucial – não só não perder a memória agradecida da passagem do Senhor pela nossa vida, a memória do seu olhar misericordioso que nos convidou a apostar n’Ele e no seu Povo, mas também animar-se a pô-la em prática e, com o salmista, poder compor o nosso próprio cântico de louvor porque «é eterna a sua misericórdia» (Sal 136/135)<sup>113</sup>.

Como fruto do Espírito Santo, a alegria não somente favorece o exercício dos múnus recebidos pelo sacerdote na recepção do sacramento, mas também lhe auxilia no cumprimento da missão que a Igreja lhe transmite como legado do próprio Cristo. Não há como tornar fecunda a mensagem de salvação em meio a tristeza, pois a alegria deve se manifestar como testemunho de uma vida pautada pelo testemunho do Senhor. Os primeiros mártires receberam suas penas com manifestação de alegria e confiança em Deus. Não uma alegria infantil, mas a alegria que brota de um coração que se confia no Senhor. “Essa alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a frutificar, mas contém sempre a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além.” (EG 21)

Em meio a uma realidade extremamente complexa, como a pastoral urbana, onde os múltiplos elementos que a compõem, exigem do sacerdote um conjunto de habilidades tal para que possa conduzir, aconselhar e administrar a comunidade que lhe é conferida, o serviço do anúncio do Evangelho e a prática da evangelização podem cair em uma rotina, ou mesmo desânimo pela dificuldade exigida.

<sup>112</sup> AUGUSTIN, G. *Colaboradores da vossa alegria: o ministério sacerdotal hoje*, p. 275.

<sup>113</sup> PAPA FRANCISCO. Carta do Papa Francisco aos presbíteros por ocasião dos cento e sessenta anos da morte do cura d’Ars. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco\\_20190804\\_lettera-presbiteri.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190804_lettera-presbiteri.html). Acesso em: 10/08/2020.



A alegria do agente pastoral, neste caso o presbítero, deve ser dotada de uma espiritualidade arraigada no Cristo crucificado-ressuscitado, que é a grande fonte da ação transformadora em todo cristão. Tal espiritualidade, dotada de esperança, ajudará o sacerdote a combater o relativismo atual presente dentro e fora da Igreja; a tornar-se fiel a Cristo cabeça, sem perder sua identidade particular, como indivíduo presente no mundo; e evitar um sacerdócio de aparência que só valoriza o exterior. Assim como a eclesiologia, a partir do Vaticano II, busca ser de comunhão, a espiritualidade deve trilhar o mesmo caminho:

Espiritualidade do Reino de Deus, para além de interesses pessoais ou institucionais. Numa sociedade em que se evidencia a cultura de morte e seus sinais – pobreza, injustiças, violência, guerras -, o agente de pastoral urbano cultiva a paixão pelo Reino, busca despertar na Igreja o cuidado pela vida em todas as suas dimensões, tem compaixão pelos mais necessitados, fomenta os valores do Reino (vida, verdade, justiça, liberdade, paz, solidariedade, fraternidade).<sup>114</sup>

Esta vivência na alegria que brota do Evangelho e é testemunhada na ação cotidiana torna-se força de atração para o próximo. Isso gera não somente maior aproximação de outras pessoas a vida em Jesus Cristo, mas também é fonte para novos candidatos a vivência do sacerdócio. O maior testemunho para uma nova vocação sacerdotal sempre será um coração desprendido de um sacerdote que se entrega pelas suas ovelhas diariamente. Paulo admoesta a Timóteo para que “siga a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão” (1Tm 6,11).

Este processo, evidentemente, exige uma constante autorreflexão por parte do presbítero. Ele necessita revisar diariamente as dimensões nas quais sua vida está inserida. Isso o ajudará a avaliar-se permanentemente, buscando e encontrando um espaço, não somente de ação, mas de aceitação, na sociedade e na Igreja:

Trazendo esta compreensão para pensar sobre as determinações psicológicas na constituição da identidade presbiteral na modernidade, vemos que, embora possa surgir muitos conflitos, de outro lado ela pode lançar luz para resolver conflitos pessoais do presbítero, tanto de sentido pessoal de vida quanto de relacionamento com os irmãos presbíteros, com o bispo e com a comunidade ou sociedade como um todo. Para esta reflexão, partimos do pressuposto de que o presbítero é um “filho do seu tempo” e que esta sociedade se caracteriza por mudanças contínuas, as quais se refletem no comportamento de cada indivíduo, gerando novos modos de vida, novos valores que passam a ser compartilhados socialmente.<sup>115</sup>

Precisamos notar que, conforme já mencionamos em outro ponto deste trabalho, muitos aspectos pertinentes a Igreja destes tempos são intrínsecos. Os elementos constituintes

<sup>114</sup> BRUSTOLIN, L. A.; FONTANA, L. B. (orgs.). *Cultura Urbana: porta para o Evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*, p. 220.

<sup>115</sup> SANTOS, J. B. *O Presbítero Católico: uma identidade em transformação*, p. 404.

da Igreja de Jesus Cristo perduram pelos tempos e são a essência do que esta Igreja deve ser. Da mesma forma, seus sacerdotes, presentes na Igreja desde os primórdios, na Igreja de Éfeso, administrada por Timóteo, possuem valores, dons e exigências comuns aos sacerdotes atuantes na Igreja de hoje.

A imposição das mãos, ato realizado de uma era a outra, e a oração do bispo, refletem esta unidade entre o clero e o laicato, onde os sacerdotes erguem suas mãos, representando todo o colégio sacerdotal e sua aprovação ao candidato e o seu exercício sacerdotal futuro, e a oração que o bispo faz, em nome de toda a sua Igreja local, invocando a benção de Deus ao novo sacerdote, reflete esta unidade e ao mesmo tempo aprovação de toda a comunidade ao novo servo. Como era em Timóteo, ainda o é em Francisco!

## CONCLUSÃO

“Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente”. A carta aos hebreus, no capítulo 13 nos traz essa realidade que retrata, de certa forma, o resultado deste trabalho. A Igreja de Jesus Cristo, que possui na Igreja Católica a plenitude dos meios de salvação, possui a mesma essência desde sua fundação, na era apostólica, quando Pedro, Paulo, Timóteo e os demais se responsabilizaram por transmitir a mensagem da Boa-Nova.

A Primeira Carta de São Paulo a Timóteo é uma epístola endereçada a um grupo, onde muitos conselhos são endereçados aos que receberam uma especial sagração: os diáconos, presbíteros e episcopos. A *Evangelii Gaudium* é uma carta endereçada de pastor para pastores, onde o Papa Francisco tem, entre as diversas funções, reanimar o clero de uma Igreja tomada por muitos como adormecida, para que possam reencontrar o fervor de sua evangelização.

Jesus Cristo, ao cumprir com fidelidade a missão dada pelo Pai, torna-se se próprio Sacramento, pois revela o Reino de Deus, já iniciado na terra. A Igreja por sua vez, se realiza como Sacramento de Cristo, dado na história. Isto significa que ela se realiza durante o diálogo com os homens no tempo. A ação pastoral da Igreja, isto é, sua obra de evangelização, realiza sua essência em cada tempo que a humanidade vive:

Podemos decir que la autorrealización de la Iglesia pasa por el diálogo con la historia y con los elementos de la historicidad. El hoy del mundo, de la cultura y de la historia entre em contacto con la acción pastoral de la Iglesia; la Iglesia dialoga com ellos para encarnar su acción em formas y estructuras que den respuesta a esse hoy. El lenguaje, los edificios, las vestiduras, la estrutura jurídica, la estrutura mental, los moldes filosóficos, etc., son assumidos por el evangelio y puestos al servicio de la evangelización. Solamente así puede encarnarse em um contexto cultural. Aunque este diálogo puede ser costoso y fuente de problemas, es absolutamente necessário para que la misión de la Iglesia, la tarea para la que há nacido, siga realizándose.<sup>116</sup>

Desta forma, se torna evidente a sentença trazida no início deste trabalho: os elementos pertencentes a essência da Igreja perduram até os dias atuais, embora esses

---

<sup>116</sup> Podemos dizer que a autorrealização da Igreja passa pelo diálogo com a história e com os elementos da historicidade. O hoje do mundo, da cultura e da história em contacto com a pastoral da Igreja; A Igreja dialoga com eles para concretizar sua ação em formas e estruturas que respondam a isso hoje. A linguagem, os edifícios, as roupas, a estrutura jurídica, a estrutura mental, os moldes filosóficos, etc., são assumidos pelo evangelho e colocados a serviço da evangelização. Só assim pode ser incorporado em um contexto cultural. Embora este diálogo possa custar caro e ser fonte de problemas, é absolutamente necessário que a missão da Igreja, tarefa para a qual nasceu, continue a cumprir-se. (RAMOS, J. A. *Teología pastoral: sapientia fidei*, p. 30).

elementos são “envoltos” pela história, cultura e traços de cada sociedade. A teologia clássica nos trazia que a Revelação se encerrou com a morte do último apóstolo, embora esta Revelação se abra a novas leituras, desenvolvimentos e atualizações, o que é tarefa da teologia e da Igreja. Quero ressaltar aqui os dois principais elementos da Carta a Timóteo: a questão dos falsos doutores e a organização e ordenamento da hierarquia.

O autor da Carta a Timóteo insistiu, mais de uma vez, com o discípulo para que ele permanecesse fiel à doutrina e combatesse os doutores da Lei que a contrariavam abertamente: “Desviando-se alguns desta linha, perderam-se em palavreado frívolo, pretendendo passar por Doutores da Lei, quando não sabem nem o que dizem e nem o que afirmam tão fortemente” (Tm 1, 6-7). Este foi um dos motivos, segundo a Escritura, que Paulo confiou no jovem Timóteo, deixando-o em Éfeso, para que pudesse preservar o conteúdo da fé, mantendo intacta a doutrina e transmitindo-a à comunidade.

Papa Francisco, por sua vez, na *Evangelii Gaudium*, retoma diversas vezes o tema da fidelidade a Palavra de Deus, acrescentando a necessidade da atual criatividade, para que esta Palavra se torne mais conhecida e amada, entre todos os discípulos: “Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades.” (EG 74)

Timóteo teve, também, a responsabilidade de organizar os que exerciam função de liderança na comunidade, a hierarquia. São feitas recomendações aos presbíteros, episcopos e aos diáconos, em relação a forma de condução na fé, naquilo que cabia a cada grau, mesmo que estes ainda estivessem sendo definidos, de acordo com as funções que a comunidade necessitava para viver e compreender a fé transmitida pelos apóstolos.

Francisco, em uma Igreja estruturada milenarmente em relação a hierarquia, retoma a importância de cada grau, mas falando a um clero inserido em uma sociedade secularizada e descristianizada, o pontífice, em uma iniciativa profética, aponta as dificuldades do clero atual, como dificuldade na estrutura da homilia e isolamento dos colegas e recorda a importância de uma *fraternidade mística* (EG 92), que testemunhe uma pertença evangelizadora e um acompanhamento espiritual autêntico, que possa fornecer critérios para a vida pessoal e a atividade pastoral (EG 173).

Finalizando, a Igreja de Jesus Cristo permanece a mesma, conforme inicia esta conclusão, porém, esta porção do Povo de Deus, o clero, passa por constantes transformações no decorrer da história desta Igreja. Timóteo nos mostrou como foram formados e aprimorados em sua missão, através dos muitos conselhos que recebeu de Paulo. Papa Francisco, administrando uma Igreja com mais de dois milênios, que passou por diversas turbulências, inclusive entre o seu clero, busca reafirmar o conteúdo de Timóteo, aprofundando-o e trazendo uma dinâmica própria para a atual sociedade. Para isso, retoma a Igreja de Timóteo, em relação ao conhecimento, características humanas e espirituais, profetismo e missão, e faz novas e ousadas propostas, na tentativa de trazer novo ardor para o clero de toda a Igreja.

O clero, como grupo específico de destinatários, em ambas cartas – Timóteo e Francisco – é convidado a compreender suas fragilidades, e desenvolver suas potencialidades, para que possa tornar-se o que a Igreja chama *evangelizadores com espírito* (EG 259).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Orgs.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014.

AUGUSTIN, George. Trad. Maria do Rosário de Castro Pernas. *Colaboradores da vossa alegria: o ministério sacerdotal hoje*. Petrópolis: Vozes, 2018.

BIANCHINI, Wagner Cardoso. *A alegria do Evangelho e a eclesiologia do povo de Deus*. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Clodovis M. *Mariologia Social: o significado da virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOLFE, Fernando Luiz. *A dimensão humanoafetiva do presbítero nos instrumentos preparatórios aos encontros nacionais de presbíteros (1985-2018)*. 2020. [s.n.]. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

BRIGHENTI, Agenor. *A Pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2006.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Eis í tua mãe: síntese de mariologia*. São Paulo: Paulinas, 2017.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio; FONTANA, Leandro Luis Bedin (Orgs.). *Cultura Urbana porta para o Evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*. São Paulo: Paulus, 2018.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio (org.). *50 Anos do Concílio Vaticano II: recepção e interpretação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

CANTALAMESSA, Raniero. *A pobreza*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

CENCINI, Amadeo. *A vida ao ritmo da palavra: como deixar-se plasmar pela palavra*. São Paulo: Paulinas, 2012.

CESARÉIA, Eusébio de. Trad. Monjas beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. *História eclesiástica*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

CITRINI, Tullio. *Presbiterio e presbiteri: la vivacità degli inizi*. Milão: ANCORA, 2010.

COLLETTO, Raquel Maria de Paola. *A Gaudium et Spes e a Evangelii Gaudium: um estudo comparativo na perspectiva da conversão pastoral*. 2015. 145 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965. *A Igreja*. Constituição Dogmática Lumen Gentium. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

\_\_\_\_\_. Cidade do Vaticano. *Compêndio do Vaticano II: constituições decretos declarações*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades uma nova Paróquia: a conversão pastoral da Paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014 (Documentos da CNBB, 100).

\_\_\_\_\_. *Cristãos Leigos e leigas na Igreja e na sociedade: Sal da Terra e Luz do Mundo (Mt 5,13-14)*. (S.l.): Edições CNBB, 2016 (Documentos da CNBB, 105).

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*. V. 5. São Paulo: Hagnos, 2002.

DIOCESE DE SANTARÉM. *Estudo das cartas de Paulo*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

DONADON, Daniel Bueno. *Adversus Haereses, de Ireneu de Lyon: tradução e comentários*. 2011. [s.n.]. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto De Estudos de Linguagem, Campinas, 2011.

FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. Trad. e Com. de Rinaldo Fabris. São Paulo: Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. Trad. José Maria de Almeida. *As cartas de Paulo III*. São Paulo: Loyola, 1992.

FONTES, Douglas Alves; MORAIS, Joaquim Gonçalves de; FERREIRA, Nivaldo dos Santos (Orgs.). *A formação sacerdotal hoje*. Rio Bonito: Benedictus, 2018.

FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia: sobre o amor na família*. Brasília: Edições CNBB, 2016.

\_\_\_\_\_. *Evangelii Gaudium a alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. *Gaudete et Exsultate: sobre a chamada à santidade no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

\_\_\_\_\_. *Laudato Si Louvado sejas: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2015.

\_\_\_\_\_. *Lumen Fidei: sobre a fé*. São Paulo: Paulus; São Paulo: Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. *Palavras do Papa Francisco no Brasil: Homilia do santo padre aos bispos da JMJ, Sacerdotes, Religiosos e Seminaristas*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FROHLICH, Roland. Trad. Alberto Antoniazzi . *Curso básico de História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1987.

GLAAB, Bruno G. *O caminho da fonte: uma introdução á Bíblia*. Porto Alegre: ESTEF, 2007.

GAMBARIINI, Alberto Luiz. *Ao vencedor: menagens às sete Igrejas do Apocalipse*. Itapetecica da Serra: Ágape; São Paulo: São Paulo, 1997.

GRINGS, Dadeus. *A boa nova bíblica: ontem, hoje e sempre*. Aparecida: Editora Santuário, 2001.

GUERREIRA, Julio A Ramos. *Teologia Pastoral*. Madri: Biblioteca de autores cristianos, 2011.



HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Eclesiologia como Comunhão Orgânica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

HAMMAN, A.-G.. Trad. Benôni Lemos *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. Trad. Benôni Lemos. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*. São Paulo: Paulus, 1997.

HISTÓRIA de uma alma: manuscritos autobiográficos. Santa Teresa do menino Jesus e da Sagrada Face. Trad. das Religiosas do Carmelo do Imaculado Coração de Maria e da Santa Teresinha. São Paulo: Paulus, 1986.

HOLZNER, Josef. Trad. Maria Henriques Osswald. *Paulo de Tarso*. Lisboa: editorial aster, 1958.

JOÃO XXIII, Papa. *Documentos de João XXIII*. São Paulo: Paulus, 1998 (Documentos da Igreja 2).

KASPER, Walter. Trad. Nélio Schneider. *A Igreja Católica*. São Leopoldo: ed. UNISINOS, 2012.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

LANZA, Sergio. Edit. Paolo Asolan; Tiago Freitas. *Opus Lateranum: saggi di teologia pastorale*. ROMA: Lateran University Press, 2012.

LORSCHIEDER, Aloísio. *Identidade e espiritualidade do Padre Diocesano*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAGNO, Gregório. Trad. Sandra Pascoalato. *Regra pastoral*. São Paulo: Paulus, 2010.

MAZZAROLO, Isidoro. *Carta aos Efésios: Cristo é a pedra angular*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2013.

\_\_\_\_\_. *1 & 2 Timóteo e Tito*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2014.

MIDALI, Mario. *Teologia Pastorale: cammino storico di una riflessione fondante e scientifica*. Roma: LAS, 1985.

MORSHEL, Heitor. *A catolicidade da Igreja à luz da Evangelii Gaudium e os desafios da Sociedade plural*. 2017 121 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MOYNIHAN, Robert. *Rezem por mim: a vida e a visão espiritual do Papa Francisco o primeiro Papa das américas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2013.

MÜLLER, Paulo Eduardo. *A cristologia na Evangelii Gaudium do Papa Francisco: uma abordagem pastoral na pessoa de Jesus Cristo*. 2018. [s.n.]. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Teologia da vocação*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

PASSOS, João Décio. *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014.

SANDOVAL, Julio Terrazas. *Os Bispos: discípulos missionários de Jesus sumo sacerdote*. Bogotá: Edições CNBB, 2008.

SANTOS, Jésus Benedito dos. *O presbítero católico: uma identidade em transformação*. Aparecida: Editora Santuário, 2010.

SHRIVER, Mark K. Trad. Patrícia Azeredo. *Peregrino: minha busca pelo verdadeiro papa Francisco*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

STOTT, John R. W. Trad. Milton Azevedo Andrade. *A mensagem de 1º Timóteo e Tito: a vida da igreja local a doutrina e o dever*. São Paulo: ABU Editora, 2004.

TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus Ministros: uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011.

TORNIELLI, Andrea. Trad. Regina Cony; Maria Nilva Pereira. *Francisco: a vida e as ideias do Papa latino-americano*. São Paulo: Planeta, 2013.

TRILLIING, Wolfgang (edit.). Trad. Roberto Miranda; Com. Joseph Reuss. *A primeira Epístola a Timóteo*. Petrópolis: Vozes, 1984 (Col. Novo Testamento Comentário e Mensagem v. 15).

UTOPIAS do Vaticano II: que sociedade queremos? Diálogos. São Paulo: Paulinas, 2013 (Coleção revisitar o Concílio).

VIGIL, José Maria. *Vivendo o Concílio*: guia para a animação conciliar da comunidade cristã. Madri: Paulinas, 1985.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida*. 10 ed. (S.l.): Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2009.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)